

# IHU

ANILINHO

IESB JESUITAS BRASIL

Revista do Instituto Humanitas Unisinos



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS



UNISINOS

Nº 486 | Ano XVI  
30/05/2016

ISSN 1981-8769  
(impresso)  
ISSN 1981-8793  
(online)

# Moda

*A segunda pele do  
self em movimento*

Renata Pitombo Cidreira: *O conhecimento de si:  
vestuário e adornos como extensões da identidade*

Renato Cunha: *Roupa hi-tech, por uma produção ecológica*

Fernanda Simon: *Responsabilidade para tecer tramas  
do pensar, agir e vestir com ética*

José Eduardo Franco e  
Carlos Fiolhais:  
A experiência jesuíta na primeira  
globalização - Desafios e  
descobertas a partir do século XVI

Paul Valadier:  
"Profecia de um mundo  
novo". A misericórdia e  
seu alcance social  
e político

Jean-Bosco  
Kakozi:  
Ubuntu, uma  
perspectiva para  
superar o racismo

# Moda. A segunda pele do self em movimento

**N**ossa identidade está sempre em movimento, em um exercício infinito de construção no qual bebemos de diversas fontes ao longo da vida. Entre essas molduras que assumimos durante a trajetória da invenção de nós mesmos, está o ato de vestir.

A roupa, os adornos e demais aparatos que utilizamos para compor a aparência são a comunicação mais imediata que oferecemos a respeito do nosso modo de ser no mundo.

Se pensarmos sobre os diversos processos que envolvem as etapas de concepção, produção, circulação e descarte dos produtos, a moda torna-se um espelho ainda mais profundo, refletindo elementos que dão indícios de quem somos e em que tipo de sociedade vivemos.

Pesquisadoras e pesquisadores debatem a temática na revista **IHU On-Line** desta semana.

**Renata Pitombo Cidreira**, professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, analisa a participação da moda no processo de constituição da atitude corporal dos indivíduos.

**Sandra Regina Rech**, pesquisadora no Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design - CIAUD da Universidade de Lisboa, Portugal, pensa o campo das tendências e a habilidade do sistema de moda em refletir o espírito do tempo da sociedade.

**Monique Vandresen**, professora e pesquisadora da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, descreve os diferentes espaços midiáticos direcionados ao mundo da moda e como operam na potencialização do mercado e consumo de produtos.

**Fernanda Simon**, profissional da moda especializada em sustentabilidade e coordenadora do movimento Fashion Revolution no Brasil, assinala a importância de promover uma postura ética e responsável desde a concepção dos produtos na cadeia produtiva, passando pelo uso, até o momento do descarte.

**Cariane Camargo**, pesquisadora e professora do Curso de Moda da Unisinos, reflete sobre a experiência do projeto *Desperta - Moda Para Mudança*, iniciativa direcionada a comunidades em vulnerabilidade social que

promove a moda a partir da visão do desenvolvimento sustentável, estimulando a criatividade e a valorização da identidade.

**Renato Cunha**, artista plástico, estilista e blogger, avalia o impacto da tecnologia na moda e aponta que investimento nessa área pode gerar modos de produção socialmente e ambientalmente engajados.

**Antônio Carlos de Mello Rosa**, oficial do Programa de Combate ao Trabalho Forçado da Organização Internacional do Trabalho - OIT no Brasil, tematiza o problema das condições insalubres de trabalho que ainda são uma realidade na indústria da confecção têxtil ao redor do mundo.

Também podem ser lidas nesta edição as entrevistas com **Marlon Parente**, diretor do documentário "As Bichas" que aborda a questão da identidade LGBT, com **Juliana Ogliari**, coordenadora do Núcleo de Estudos em Agrobiodiversidade da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, sobre a perspectiva do melhoramento genético de plantas, aliando a pesquisa ao trabalho do agricultor, e com **Jean-Bosco Kakozi**, da República Democrática do Congo, professor da Universidade de Witwatersrand, África do Sul, e atualmente fazendo o pós-doutorado no PPG em Direito na Unisinos, que discute o racismo desde a noção de Ubuntu.

Por ocasião do Ano Jubilar que tem como tema a Misericórdia esta publicação tem oferecido uma série de entrevistas sobre o tema. Nesta semana pode ser lida a entrevista com **Paul Valadier**, professor de filosofia das Faculdades Jesuítas de Paris - Centre Sèvres.

Acaba de ser lançada em Portugal a obra *Jesuítas, Construtores da Globalização*. Os historiadores portugueses **José Eduardo Franco** e **Carlos Fiolhais** falam sobre os principais resultados das suas pesquisas que estão publicadas no livro.

A trajetória de vida de **D. Claudio Hummes**, cardeal que atualmente coordena a Rede Eclesial Pan-Amazônica - REPAM, igualmente pode ser lida nesta edição.

A todas e a todos uma boa leitura e uma excelente semana!

Imagem da capa: Mario Klingemann/ Flickr - Creative Commons

# IHU ON-LINE

A **IHU On-Line** é a revista do **Instituto Humanitas Unisinos - IHU**. Esta publicação pode ser acessada às segundas-feiras no site [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br) e no endereço [www.ihuonline.unisinos.br](http://www.ihuonline.unisinos.br).

A versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8 horas, na Unisinos. O conteúdo da **IHU On-Line** é *copyleft*.

#### Diretor de Redação

Inácio Neutzling ([inacio@unisinos.br](mailto:inacio@unisinos.br))

#### Coordenador de Comunicação - IHU

Ricardo Machado - MTB 15.598/RS  
([ricardom@unisinos.br](mailto:ricardom@unisinos.br))

#### Jornalistas

João Vitor Santos - MTB 13.051/RS  
([joavvs@unisinos.br](mailto:joavvs@unisinos.br))  
Leslie Chaves - MTB 12.415/RS  
([leslies@unisinos.br](mailto:leslies@unisinos.br))  
Márcia Junges - MTB 9.447/RS  
([mjunges@unisinos.br](mailto:mjunges@unisinos.br))  
Patrícia Fachin - MTB 13.062/RS  
([prfachin@unisinos.br](mailto:prfachin@unisinos.br))

#### Revisão

Carla Bigliardi

#### Projeto Gráfico

Ricardo Machado

#### Editoração

Rafael Tarcísio Forneck

#### Atualização diária do site

Inácio Neutzling, César Sanson, Patrícia Fachin, Cristina Guerini, Evelyn Zilch, Fernanda Forner, Matheus Freitas e Nahiene Alves.

#### Colaboração

Jonas Jorge da Silva, do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT, de Curitiba-PR.



**Instituto Humanitas Unisinos - IHU**

Av. Unisinos, 950  
São Leopoldo / RS  
CEP: 93022-000

**Telefone:** 51 3591 1122 | Ramal 4128

**e-mail:** [humanitas@unisinos.br](mailto:humanitas@unisinos.br)

**Diretor:** Inácio Neutzling

**Gerente Administrativo:** Jacinto Schneider ([jacintos@unisinos.br](mailto:jacintos@unisinos.br))

# Sumário

## Destaques da Semana

---

- 6 Destaques On-Line
- 8 Linha do Tempo
- 10 Marlon Parente: Eu sou Bicha!
- 12 Juliana Ogliari: Agricultor e pesquisador: articuladores do binômio preservação e produção
- 17 Jean-Bosco Kakozi: Ubuntu, uma perspectiva para superar o racismo
- 21 Eduardo Bastian: Integração ativa: uma releitura da “substituição de importações” para os tempos de hoje
- 23 Rodrigo Ghiringhelli de Azevedo: A pressão das ruas e o caminho de retomada dos ideais de justiça social

## Tema de Capa

---

- 26 Renata Pitombo Cidreira: O conhecimento de si: vestuário e adornos como extensões da identidade
- 30 Sandra Regina Rech: Tendências: a efígie da sociedade materializada no estilo e consumo
- 35 Monique Vandresen: A moda vista pela mídia
- 40 Renato Cunha: Roupas *hi-tech*, por uma produção ecológica
- 46 Antônio Carlos de Mello Rosa: Uma face obscura da moda: condições insalubres de trabalho ainda são realidade na confecção têxtil
- 50 Fernanda Simon: Responsabilidade para tecer tramas do pensar, agir e vestir com ética
- 54 Cariane Camargo: A beleza de mobilizar afetos, compartilhar vivências e ampliar horizontes

## IHU em Revista

---

- 60 Agenda de Eventos
- 63 José Eduardo Franco e Carlos Fiolhais: A experiência jesuíta na primeira globalização - Desafios e descobertas a partir do século XVI
- 69 Paul Valadier: ‘Profecia de um mundo novo’. A misericórdia e seu alcance social e político
- 74 Claudio Hummes: O velho cardeal que se entrega ao povo da floresta
- 78 Publicações
- 79 Retrovisor

CICLO DE  
DEBATES

 JESUÍTAS BRASIL

# ECONOMIA BRASILEIRA: Onde estamos e para onde vamos?

**UM DEBATE COM OS  
INTÉRPRETES DO BRASIL**

 agexcom  
UNISINOS

19h30min às 22h – A necessidade de o  
Brasil romper com o Modelo Liberal Periférico

– Prof. Dr. Reinaldo Gonçalves – Universidade  
Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

06 de junho de 2016

Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU  
**UNISINOS - CAMPUS SÃO LEOPOLDO/RS**



Informações e inscrições em  
**ihu.unisinos.br**



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

 UNISINOS

Somos infinitas possibilidades

**IHU** ON-LINE



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS



UNISINOS

# Destques da Semana

## Destaques On-Line

Entrevistas publicadas entre os dias 23-05-2016 e 27-05-2016 no sítio do IHU

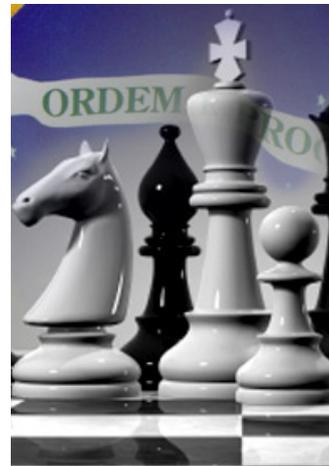
### **A transformação da crise política em crise institucional. 'O que está em jogo é a legitimidade das instituições da República brasileira'**

Entrevista com Rudá Ricci, graduado em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP, mestre em Ciência Política pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp e doutor em Ciências Sociais pela mesma instituição.

Publicada em 27-05-2016

Disponível em <http://bit.ly/25qrQtn>

Não se toma o poder com um crime ou uma conspiração sem sujar o próprio trono de sangue. A lição de Macbeth parece não ter servido de exemplo a Michel Temer, que em duas semanas de presidência interina não conseguiu fazer a engrenagem de seu governo andar sem ruídos. "Foi talvez o pior início de um governo, ainda pior que o de Dilma Rousseff após a reeleição. Isso revela a qualidade das gestões políticas atuais do Brasil. Estamos vivendo a pior geração", avalia Rudá Ricci, em entrevista por telefone à IHU On-Line.



Fonte imagem: [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)

Rudá Ricci, em entrevista por telefone

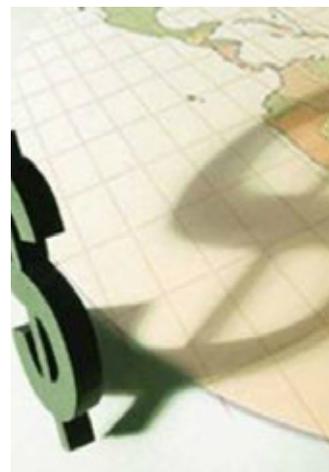
### **Houve redução das desigualdades, mas 70% da nova classe média pode retornar à pobreza**

Entrevista com Ludolfo Paramio, professor de cursos de pós-graduação sobre política latino-americana no Instituto Universitário de Pesquisas Ortega y Gasset, dirige o Programa de América Latina do Instituto Universitário de Pesquisa José Ortega y Gasset desde maio de 2008.

Publicada em 26-05-2016

Disponível em <http://bit.ly/1ORZ6Nf>

"Tenho receio de que uma grande parte dos setores vulneráveis volte a cair na pobreza, mas ao mesmo tempo espero que as classes médias e vulneráveis se mobilizem para exigir melhores serviços públicos de educação e saúde, e uma 'limpeza' e recuperação do Estado e da classe política", diz Ludolfo Paramio à IHU On-Line, em entrevista concedida por e-mail. De acordo com o sociólogo espanhol, apesar de ter havido "uma leve diminuição das desigualdades e uma forte redução da pobreza" na América Latina, quando se trata da situação econômica e social das novas classes médias que emergiram na última década, adverte, tem de se considerar que "70% são vulneráveis, famílias que podem retornar à pobreza se a economia retroceder".



Fonte imagem: [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)

## Transformações no semiárido brasileiro: “A luta pela água não pode acabar; ela é permanente”

Entrevista com Glória Araújo, coordenadora executiva da Articulação Semiárido Brasileiro - ASA pelo estado da Paraíba.

Publicada em 26-05-2016

Disponível em <http://bit.ly/1Wq8Vd5>

Na última década, a instalação de cisternas que permitem a captação da água da chuva garantiu que 85 mil famílias do semiárido passassem não só a ter acesso à água para o consumo humano, mas pudessem produzir seus próprios alimentos. “A água utilizada para a produção de alimentos vem transformando a paisagem do semiárido”, diz Glória Araújo à IHU On-Line. Antes de iniciativas como essa, que foram desenvolvidas através do Programa Um Milhão de Cisternas, “a realidade das famílias agricultoras do semiárido brasileiro era marcada pela dificuldade do acesso à água. Essas famílias, principalmente as mulheres e as crianças, caminhavam mais de seis quilômetros para pegar água em grandes propriedades”, lembra.



Fonte imagem: [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)

## Penitenciárias brasileiras: “Se o judiciário trabalhasse de acordo com a lei, não teria esse grande número de encarceramentos”

Entrevista com Valdir João Silveira, graduado em Filosofia e Teologia e em Formação Humana e Teologia pela Universidade Católica do Paraná, mestre em Teologia Moral pelo Instituto Alfonsianum e em Melhoria na Gestão Penitenciária para a Incorporação dos Direitos Humanos pela escola Kings College London - International Centre for Prison Studies.

Publicada em 23-05-2016

Disponível em <http://bit.ly/1Z5Mrfh>

Entre os principais problemas dos presídios brasileiros hoje, destaca-se a “escassez de defensoria pública”, diz Valdir João Silveira à IHU On-Line, ao comentar a situação carcerária no país, após a visita realizada em cinco unidades penitenciárias em Alagoas. Segundo ele, a principal razão dessa situação é o judiciário brasileiro, “que não cumpre a lei em relação ao serviço de defensoria pública”. Ele informa que, segundo dados do Conselho Nacional de Justiça - CNJ, aproximadamente 41% dos presos brasileiros estão em estado “provisório” e poderiam ser libertados caso o acesso à defensoria pública fosse maior. Em alguns estados, pontua, “esse número chega a 76% de presos provisórios, como no Piauí, no Amazonas e em Sergipe”.



Fonte imagem: [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br)

**11 CEHLA - 2016**  
**“Conexões Brasil e América Latina”**  
 COLÓQUIO DISCENTE DE ESTUDOS HISTÓRICOS LATINO-AMERICANOS  
 UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS  
 23 A 25 DE AGOSTO DE 2016

# Linha do Tempo

A IHU On-Line apresenta seis notícias publicadas no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, entre os dias 23-05-2016 e 27-05-2016, que tiveram repercussão ao longo da semana

## STF, a última trincheira institucional, arrastado de vez para a crise

O Supremo Tribunal Federal (STF), mais alta corte de Justiça do país, voltou aos holofotes esta semana após a divulgação de áudios gravados pelo ex-presidente da Transpetro Sérgio Machado. Nos diálogos, com o senador Romero Jucá (PMDB-RR), ex-ministro do Governo interino de Michel Temer, e Renan Calheiros (PMDB-AL), presidente do Senado, e o ex-presidente José Sarney falam sobre tratativas com ministros do STF ou planos de fazê-las envolvendo a saída da presidenta Dilma Rousseff do cargo, freios na Operação Lava Jato e a crise.

A reportagem é de Gil Alessi, publicada por El País, 27-05-2016.

Leia mais em <http://bit.ly/22rgaRW>.

## Compartilhar estupro coletivo nas redes, a nova versão da barbárie brasileira

Violação no Rio saiu na imprensa após homem postar que crime teria sido cometido por “mais de 30”. No mesmo dia, novo caso de estupro grupal de uma adolescente foi registrado em Bom Jesus, Piauí. Um vídeo em que uma adolescente aparece nua, dopada e com marcas de violência se tornou viral na Internet nesta quarta-feira, 25 de maio, acompanhado de comentários que relatavam que ela foi vítima de um estupro coletivo - muitos deles de verve machista. Um grupo de homens a teria violentado na Zona Oeste do Rio de Janeiro, e depois alguns deles teriam filmado o crime com seus celulares para compartilhá-lo nas redes sociais. Uma das imagens compartilhadas mostra um homem com a língua para fora posando diante da pelve ensanguentada da menina.

A reportagem é de Camila Moraes e publicada por El País, 26-05-2016.

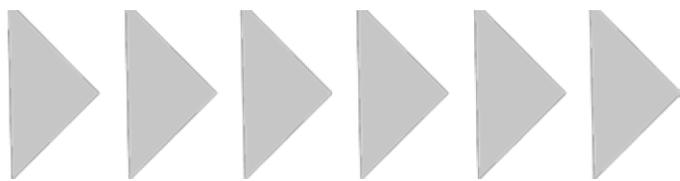
Leia mais em <http://bit.ly/25mQDL0>.

## A era pós-PT

“Nenhuma luta pode ser cega, sem compreender - e principalmente assumir - os erros que levaram a esse processo. Não se pensa o futuro, tampouco se resiste o presente, sem olhar para o passado. A política não é, nem nunca foi, preto ou branco - ainda que diversas forças políticas queiram que acreditemos que é”, escreve Rosana Pinheiro-Machado, cientista social e antropóloga, professora do departamento de Desenvolvimento Internacional da Universidade de Oxford em artigo publicado por CartaCapital, 25-05-2016.

Segundo ela, “a questão é buscar incessantemente por análises menos fervorosas e mais estruturais. E isso passa pelo entendimento de que o PT tentou conciliar diversas forças, por vezes inconciliáveis, acenando para os movimentos sociais, de um lado, e articulando com o capital financeiro internacional, de outro”.

Leia mais em <http://bit.ly/1Wqd5Sk>.



## Àqueles que hoje ocupam nossos corações. Carta de professores aos estudantes que ocupam escolas públicas do RS

“A cada dia emociona a mais pessoas ver os jovens rostos de vocês, o brilho nos seus olhos, as lições em seus cartazes, cantos e atitudes, ocupando as escolas que são suas, por direito. Orgulha-nos sobremaneira ver vocês tomarem em suas próprias mãos este templo de amor e cuidado que deveriam ser as nossas escolas. E torná-los exatamente isso. Um local coletivo, organizado, alegre, onde cada um tem um papel protagonista para o todo. Onde o coletivo é maior que o indivíduo e o burocrático. Onde educadores e educandos dialogam, aprendem e ensinam, mutuamente”, escrevem Antônio Lima, doutorando em Sociologia pela UFRGS e com pertença ao setor de Educação do Cpers/Sindicato, e Isabela Camini, doutora em Educação pela UFRGS e com pertença ao Setor de Educação do MST.

Leia mais em <http://bit.ly/1VIVHx0>.

## O convite histórico de al-Tayyib ao papa: “Venha a al-Azhar”

O grande imã da universidade islâmica sunita, pela primeira vez no Vaticano, agradeceu a Francisco pelas suas palavras sobre o respeito devido às religiões e o convidou ao Cairo. “O nosso encontro é a mensagem.” Francisco acolheu com essas palavras, ao meio-dia dessa segunda-feira, 23, na biblioteca do Palácio Apostólico, o grande imã de al-Azhar, Ahmad Muhammad al-Tayyib, que, no fim da conversa, convidou o papa à universidade islâmica do Cairo.

A reportagem é de Andrea Tornielli, publicada no sítio Vatican Insider, 24-05-2016. A tradução é de Moisés Sbardelotto.

Leia mais em <http://bit.ly/1qP8afP>.

## A hora e a vez do pacto republicano

“A sociedade foi levada a crer que, afastando Dilma, livrar-se-ia da corrupção em larga escala e organizada. Engano completo. Dilma foi afastada porque tornou-se necessário celebrar um grande pacto, para o qual ela se mostrara insuficientemente ousada e sem força política para liderar. Pacto cujo objetivo não pode ser enunciado diante das crianças ou, como se dizia outrora, em casa de família”, escreve Luiz Eduardo Soares, antropólogo, escritor, dramaturgo e professor de filosofia política da UERJ, em artigo publicado por Justificando, 26-05-2016.

Segundo ele, “quem clama pela volta de Dilma, não compreendeu que ela se desqualificou, politicamente, para liderar o país. Equivoca-se quem pede novas eleições em nome da resistência ao neoliberalismo, sob a justificativa de que a Lava-Jato e a obsessão nacional pelo combate à corrupção são meras fachadas para deslocar Dilma e impor o modelo neoliberal de austeridade”

Leia mais em <http://bit.ly/1Vq2BRF>.

## ENTREVISTA

# Eu sou Bicha!

Marlon Parente, publicitário de 23 anos, gravou um documentário chamado Bichas e em menos de cinco meses soma quase meio milhão de visualizações no YouTube

Por Ricardo Machado



**BICHAS**   
 UM DOCUMENTÁRIO DE MARLON PARENTE  
 WWW.BICHAS.COM.BR



10

**B**icha. O pequeno substantivo comum de cinco letras traz consigo a força de uma luta pela vida. Foi para afirmar a própria identidade e defender o direito civil de ser quem se é, que Marlon Parente, diretor do filme, arrumou emprestado uma câmera e um tripé, gastou R\$ 10 reais na compra de um microfone de lapela e gravou *Bichas, o documentário*. “Após uma agressão que eu sofri na rua. Um homem armado ameaçou nos matar porque nos viu de mãos dadas”, relata Marlon, em entrevista por e-mail à IHU On-Line. “Isso mexeu comigo e o vídeo é uma resposta direta: não podemos ficar calados”, defende.

O vídeo foi postado no YouTube em fevereiro deste ano. Em poucas se-

manas havia milhares de acessos. Em cerca de cinco meses o Bichas já conta com mais de 474 mil visualizações. “Recebemos histórias todos os dias de pessoas que se sentem representadas por um ou por outro personagem do filme e isso é muito lindo. Não estamos sozinhos”, afirma.

Marlon Parente tem 23 anos, é formado em Publicidade, mora e trabalha em Recife, Pernambuco. Atualmente trabalha como diretor de arte em uma agência de publicidade. O *Bichas* é sua primeira produção audiovisual. Para assistir o documentário acesse <http://bit.ly/1TMWOEP>.

**Confira a entrevista.**



## *O Brasil se encontra em um retrocesso gritante com o cenário político atual*

**IHU On-Line - De onde veio a ideia de fazer “Bichas, o documentário”?**

**Marlon Parente** - Após uma agressão que eu sofri na rua. Um homem armado ameaçou nos matar porque nos viu de mãos dadas e o mesmo gritava “vou atirar em vocês porque vocês são bichas”. Isso mexeu comigo e o vídeo é uma resposta direta: não podemos ficar calados.

**IHU On-Line - Como foi feito o documentário? Qual equipamento utilizado e quanto custou a produção?**

**Marlon Parente** - Uma câmera, um tripé e um microfone lapela. Tudo foi emprestado e o microfone eu comprei por R\$ 10 reais. [risos]

**IHU On-Line - Você conhecia os entrevistados? Como foi e por que a escolha das pessoas que integram o filme?**

**Marlon Parente** - Sim. Todos eram amigos. Eles foram escolhidos porque são pessoas muito bem resolvidas e que, assim como eu, já passaram do estágio de deixar se ofender ao ouvir a palavra “Bicha”.

**IHU On-Line - Em menos de cinco meses o documentário soma quase meio milhão de acessos. Para além dos números, qual tem sido a repercussão do filme?**

**Marlon Parente** - As pessoas, de modo geral, sentiram-se tocadas pelo filme. Eles chegaram a nos contar que criaram coragem para assumir a homossexualidade para si próprios e para seus amigos e familiares. Recebemos histórias todos os dias de pessoas que se

sentem representadas por um ou por outro personagem do filme e isso é muito lindo. Não estamos sozinhos.

**IHU On-Line - Logo após o lançamento e a expressiva recepção do documentário, você recebeu algumas ameaças. Que tipos de ameaças ocorreram? De onde vieram?**

**Marlon Parente** - Eram apenas denúncias feitas de forma anônima, no Facebook. Não dava para saber exatamente quem, mas imagino ter vindo de uma galera homofóbica que não aguentava mais Bicha na timeline [risos]. A situação foi resolvida. O Facebook entrou em contato e tudo está bem.

**IHU On-Line - Qual a disputa simbólica que está em jogo na palavra “Bicha”?**

**Marlon Parente** - Não há uma disputa. Não é um jogo. São vidas. A palavra Bicha vem sendo utilizada para nos diminuir e ofender. O que o filme propõe é uma ressignificação desta palavra para que, ao invés de ferir, ela seja símbolo de luta e de orgulho para todos os meninos homossexuais.

**IHU On-Line - Qual a importância de se discutir o tema da homossexualidade no Brasil? Como isso está relacionado à homofobia no país?**

**Marlon Parente** - A cada 27 horas uma pessoa LGBT morre no Brasil. Isso é um dado alarmante e absurdo! Estamos falando da causa da morte ser única e exclusivamente SER QUEM VOCÊ É. Quanto mais falarmos sobre o assunto, mais quebramos o estigma.

**IHU On-Line - Apesar dos limites e barreiras que determina a parcela da sociedade impõe à comunidade LGBT, como você avalia as conquistas políticas e sociais dessa população no Brasil?**

**Marlon Parente** - O número de conquistas é absurdamente pequeno! Enquanto temos pessoas lutando pelo uso do seu nome social, outros brigam em seus governos para proibir que se fale sobre sexualidade nas escolas. O Brasil se encontra em um retrocesso gritante com o cenário político atual. A população LGBT possui um ou outro candidato que mete a cara e leva nossas questões, contra outras centenas de pessoas que insistem em dizer que a família é formada por pai, mãe e filhos. É triste.

**IHU On-Line - Quais são os principais desafios à comunidade LGBT na busca à garantia de direitos civis?**

**Marlon Parente** - Falta representatividade política. Como falei antes, não há quem seja por nós. Na verdade há sim, poucas e lindas pessoas, como o próprio Jean Wyllys,<sup>1</sup> mas estes ainda não conseguem força suficiente para garantir todos os direitos civis os quais necessitamos. Queremos respeito, porém nem isso a bancada evangélica nos permite. Está complicado.

**IHU On-Line - Deseja acrescentar algo?**

**Marlon Parente** - As pessoas precisam falar das coisas que não compreendem ao invés de levantarem um discurso de ódio. Bicha. Sapatão. Travesti. E muitas outras identidades estão sendo feridas por conta dessa mania feia. Preconceito é algo feio. Violência algo muito pior. E ambas matam. ■

<sup>1</sup> **Jean Wyllys de Matos Santos (1974):** jornalista e político brasileiro, eleito em 2010 para mandato de deputado federal pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) do Rio de Janeiro desde fevereiro de 2011. É também conhecido por ter participado e ganhado a quinta edição do programa Big Brother Brasil, da Rede Globo. Em sua vida parlamentar atua na defesa dos Direitos LGBT, cidadania e Direitos Humanos. (Nota da **IHU On-Line**)

## ENTREVISTA

# Agricultor e pesquisador: articuladores do binômio preservação e produção

Juliana Ogliari fala de agrobiodiversidade como a perspectiva de um melhoramento genético que alia o trabalho de campo ao de laboratório para produzir mais e melhor, preservando vidas

Por João Vitor Santos

**“T**emos que reaprender (pesquisadores e agricultores) a resgatar conhecimentos para trabalhar a favor da conservação, sem negligenciar o desenvolvimento econômico e social”. A frase da agrônoma Juliana Bernardi Ogliari, pesquisadora da Universidade Federal de Santa Catarina, é um norte, uma inspiração. Para ela, só será possível produzir alimentos de melhor qualidade preservando os ecossistemas no qual a cultura produtiva está inserida. E essa forma de produção preservacionista só será viável se o agricultor tiver retorno financeiro, condições de manter sua família e propriedade.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, a pesquisadora explica que tal perspectiva vai além do trabalho de conscientização. Requer que se trabalhe também na ação. “Não estou na fase romântica de achar que essa integração (do homem com o planeta através da agricultura) ocorrerá, num primeiro momento, por meio de conscientização somente”, desafia. “Deve-se buscar meios políticos e técnicos de promover o desenvolvimento social e econômico a partir dessa integração do homem com a natureza”, aponta. Para Juliana, isso pode se dar por iniciativas como ecoturismo, certificações de produtos diferenciados de base agroecológica ou de sociedades médicas atestando a qualidade funcional, nutricional e medicinal dos componentes da agrobiodiversidade, entre

outras ações. “Todas essas estratégias buscam valorizar essa integração por meio de agregação de valores capazes de gerar empregos e novas alternativas de desenvolvimento regional ao mesmo tempo em que indiretamente proporcionam a conservação da agrobiodiversidade”, conclui.

**Juliana Bernardi Ogliari** é coordenadora do Núcleo de Estudos em Agrobiodiversidade - NEABio, da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Engenheira Agrônoma, mestra e doutora em Genética e Melhoramento de Plantas pela Universidade de São Paulo, atuou como pesquisadora do Centro de Pesquisa para Pequenas Propriedades da EMPASC S.A., empresa de pesquisa agropecuária de Santa Catarina. Foi responsável pelo programa de melhoramento genético do feijoeiro do Estado de Santa Catarina. Desde 1990, é professora da UFSC, onde tem coordenado projetos de pesquisa e extensão sobre a análise, o manejo (melhoramento genético e produção de sementes), o uso e a conservação (no campo e na instituição) da diversidade de variedades crioulas de Santa Catarina, por meio de estratégias integradas e participativas e de biotecnologias ajustadas à agricultura familiar. Atualmente, é professora do Departamento de Fitotecnia da UFSC. Também é professora do Programa de Pós-graduação em Recursos Genéticos Vegetais na mesma instituição.

**Confira a entrevista.**



## O melhoramento genético participativo tem sido apontado como uma importante ferramenta de trabalho para a conservação da agrobiodiversidade

**IHU On-Line - Como o estudo da genética compreende o conceito de melhoramento?**

**Juliana Bernardi Ogliari** - A genética é a área da ciência que fundamenta a definição dos protocolos de seleção das plantas cultivadas, pois permite entender como os caracteres de importância de uma cultura são transmitidos entre gerações. O estudo das bases genéticas permite-nos saber quantos genes e qual a influência do ambiente na expressão de uma característica, quais as interações alélicas<sup>1</sup> e não alélicas, quais correlações existem entre as características de interesse e as demais, se existem ligações ou não entre genes, interações de genótipos<sup>2</sup> com ambientes etc.

Com base nos conhecimentos de genética e nas particularidades dos sistemas de reprodução (mecanismos de polinização, estrutura de populações) da espécie, são definidos os métodos de melhoramentos e o tipo de cultivar a ser de-

<sup>1</sup> **Alelos:** são as formas alternativas de um mesmo gene. Por exemplo, o gene B que determina a presença de chifres em bovinos. Esse gene possui dois alelos: B e b. O alelo b determina a ausência de chifres (nos machos) e o alelo B determina a presença de chifres. Essa característica apresenta Dominância Completa, ou seja, mesmo que no locus exista um alelo B e outro b (Bb), o animal apresentará a característica manifestada pelo alelo dominante, que seria o mesmo fenótipo do homocigoto dominante (BB). Em geral, a maioria das características observadas na natureza são controladas por vários genes e cada um com numerosos alelos. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>2</sup> **Genótipo** (do grego *genos*, originar): é a constituição genética de uma célula, organismo ou indivíduo. Deve-se à presença de material hereditário herdado dos progenitores. (Nota da **IHU On-Line**)

envolvido. Em outras palavras, o conhecimento de genética permite perceber quais são os fatores que podem dificultar a identificação e seleção de genótipos superiores. Pode-se dizer que a genética contribui para a definição da complexidade dos métodos de melhoramento e o tempo envolvido para o desenvolvimento de uma nova cultivar. Assim sendo, a genética fundamenta o desenvolvimento de programas de melhoramento mais eficientes.

A genética é o conhecimento científico básico, que o “melhorista” de plantas acessa para o desenvolvimento eficiente de cultivares superiores, sejam elas destinadas aos sistemas de produção de base agroecológica ou convencional. A eficiência desse processo não está apenas nos resultados da seleção, mas no tempo que se leva para a obtenção desses resultados.

**IHU On-Line - No que consiste o melhoramento genético participativo de plantas? Qual o papel, a influência, do solo nesse processo de melhoramento?**

**Juliana Bernardi Ogliari** - Nas últimas décadas, a comunidade científica internacional tem destacado em vários fóruns a importância do papel dos agricultores na conservação da agrobiodiversidade e a necessidade da comunidade científica de desenvolver ações de pesquisa participativa acopladas às necessidades dos ambientes de cultivo habitados por pequenos agricultores. A importância dos agricultores para a conservação dos recursos genéticos não está baseada no fato de que

a perda da diversidade biológica na agricultura (agrobiodiversidade) conservada *on farm*<sup>3</sup> compromete a própria sobrevivência da humanidade à medida que perdemos o leque de opções para o desenvolvimento de novas cultivares.

A pesquisa participativa, por outro lado, vem ao encontro das demandas particulares dos ecossistemas agrícolas manejados por pequenos agricultores, os quais muitas vezes estão expostos a diferentes estresses de natureza biótica (pragas e doenças) e abiótica (seca, baixa nutrição e acidez de solo, elevadas temperaturas etc.), em geral, responsáveis pelos fatores de risco da produção dos cultivos. Muitas cultivares modernas, desenvolvidas pelo melhoramento formal (dentro de estações experimentais), não atendem às necessidades dessas áreas estressadas, na medida em que as seleções sejam realizadas em ambientes controlados.

Dentro deste contexto, o melhoramento genético participativo tem sido apontado como uma importante ferramenta de trabalho, tanto para a conservação da agrobiodiversidade, como para o desenvolvimento de novas variedades adaptadas e ajustadas aos ambientes de cultivo dessas áreas marginais. A proposta dessa estratégia é integrar o conhecimento científico dos pesquisadores e o conhecimento tradicional dos agricultores a serviço do desenvolvimento endógeno.

### Pesquisa além do laboratório

Além de focar no compartilhamento do conhecimento científico e tradicional, outro aspecto importante do melhoramento genético participativo refere-se à descentralização das atividades de pesquisa. Isso significa que o processo de seleção é conduzido principalmente fora das estações

<sup>3</sup> Termo técnico para designar cultura “em campo”. *On farm* vem da expressão em inglês que, em tradução livre, significa “em fazenda” ou na “fazenda”. (Nota da **IHU On-Line**)

experimentais, transferindo parte significativa do melhoramento para as áreas de cultivo localizadas nas propriedades rurais.

**IHU On-Line - Como compreender o conceito de agrobiodiversidade e como essa perspectiva pode se mostrar como uma alternativa de manejo ao uso de agrotóxicos e fertilizantes sintéticos?**

**Juliana Bernardi Ogliari** - A resposta a esta pergunta está distribuída pelas demais. Mas faltou um conceito para a agrobiodiversidade.

De uma forma bem simples, a agrobiodiversidade é a diversidade biológica na agricultura; assim é a diversidade de espécies (ou cultivos como milho, feijão, batatinha, mandioca etc.), de populações dentro de espécie (diferentes variedades crioulas, raças de animais etc.) e de indivíduos dentro de variedade, que em conjunto interagem com a diversidade de sistemas de produção (convencional, orgânico), de ecossistemas (agrícola e natural), biomas e a diversidade cultural (práticas de manejo e de conhecimento associado dos agricultores familiares, povos indígenas, quilombolas etc.). Também inclui a diversidade de animais e microrganismos, que interagem entre si, com plantas e com o ser humano. São incluídos à agrobiodiversidade os polinizadores, organismos simbiotes etc., que prestam serviços ecológicos no ambiente de cultivo.

**IHU On-Line - Em termos de melhoramento genético de plantas, há alternativas mais naturais do que a transgenia? Quais são as alternativas e quais as vantagens sobre sementes transgênicas?**

**Juliana Bernardi Ogliari** - O debate sobre os impactos das cultivares transgênicas sobre o meio ambiente, agrobiodiversidade e saúde humana é significativo e ainda não terminou. Além disso, nesses casos, vale o princípio da precaução, tratado no Protocolo de Cartagena<sup>4</sup>, e

<sup>4</sup> **Protocolo de Cartagena sobre Biossegurança:** é um tratado sobre biossegurança

assinado pelo Brasil. Muitas pesquisas vêm sendo feitas a respeito dos impactos dos transgênicos sobre a agrobiodiversidade, inclusive pelo Núcleo de Estudos em Agrobiodiversidade (NEABio) da Universidade Federal de Santa Catarina<sup>5</sup>.

“

## ***A agrobiodiversidade é a diversidade biológica na agricultura***

Esses estudos têm mostrado que a Resolução Normativa Nº 4 (CTN-Bio 2017), que trata da coexistência entre milhos transgênicos e não transgênicos, sem contaminação destes últimos, não é efetiva para a região sul do Brasil, sobretudo para a região Oeste de Santa Catarina, onde estão sendo realizadas essas pesquisas. O cenário é alarmante, considerando que o Extremo Oeste de Santa Catarina é indicado como um microcentro de diversidade de

assinado durante a Convenção sobre Diversidade Biológica (CDB) em Cartagena, Colômbia. Aprovado em 29 de janeiro de 2000 e em vigor desde setembro de 2003, o texto disciplina questões envolvendo o estudo, a manipulação e o transporte de organismos geneticamente modificados (OGM) entre os países membros do acordo. O Instituto Humanitas Unisinos – IHU, através da seção Notícias do Dia do seu sítio, vem publicando uma série de materiais sobre o tema. Entre eles, “Brasil contesta violação de Protocolo de Cartagena”, disponível em <http://bit.ly/1qyKI6o>; e “O Protocolo de Nagoya e a divisão equitativa dos recursos genéticos mundiais. Entrevista especial com Bráulio Dias”, disponível em <http://bit.ly/1qyKJY5>. Confira mais sobre o tema em <http://bit.ly/1XEKMyW>. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>5</sup> **Núcleo de Estudos em Agrobiodiversidade – NEABio:** é um grupo da Universidade Federal de Santa Catarina formado por uma rede de pesquisadores, professores, técnicos e estudantes cujo objetivo principal é estimular o debate e estudar as implicações técnicas, sociais, políticas e jurídicas em torno das variedades crioulas. O grupo tem como proposta de trabalho desenvolver e incentivar ações de pesquisa, ensino e extensão, a partir de três eixos temáticos: conservação e manejo de recursos genéticos vegetais, melhoramento genético participativo e, biossegurança de organismos geneticamente modificados. Conheça o trabalho do grupo em <http://neabio.wix.com/neabioufsc>. (Nota da **IHU On-Line**)

milhos (pipoca, farináceo, doce e comum), onde coexistem simpatriamente com seu parente silvestre, o teosinto.

## **A importância da preservação de espécies crioulas**

Estes estudos também mostram que novas raças de milhos estão evoluindo exclusivamente nessa região e que não existem similares em outras partes das Américas, nem mesmo no México, que é o local de origem desta espécie. Em dois municípios estudados, foram identificadas mais de 1500 populações de variedades crioulas de milhos, em sua maioria milhos pipocas. Proteger a agrobiodiversidade desta região de Santa Catarina é muito importante, pois é um local que oferece um leque de opções e diversidade adaptada e em evolução para enfrentarmos inclusive as mudanças climáticas.

Essa proteção deveria incluir mecanismos e estratégias para evitar a contaminação das variedades crioulas de milhos com pólen de cultivares transgênicas, além do desenvolvimento de estratégias integradas e participativas de conservação e melhoramento genético. Muitas populações de variedades crioulas de milho e pipoca avaliadas pelo NEABio apresentam elevado potencial genético (agronômico, nutricional e adaptativo) para uso comercial ou melhoramento genético participativo. Muitas outras ainda possuem potencial real ou potencial desconhecido e, por isso, precisam ser pesquisadas e conservadas.

**IHU On-Line - Então, qual a importância na preservação e desenvolvimento de sementes crioulas?**

**Juliana Bernardi Ogliari** - As variedades crioulas conservadas *on farm* pelos agricultores fazem parte de um processo dinâmico de interação com a agrobiodiversidade, que leva à sua transformação e evolução. O resultado dessa interação ao longo de gerações de cultivo

permite a transformação e a adaptação das variedades crioulas ao ecossistema agrícola de onde procedem, ajustando-se às necessidades dos agricultores, que também as modelam por meio da seleção para diferentes finalidades de uso e valores de cultivo e adaptativos. São os agricultores os responsáveis pela evolução e conservação da agrobiodiversidade.

**IHU On-Line - Como aliar a preservação da biodiversidade e a produção agrícola através da ação e do manejo realizado pelas comunidades rurais?**

**Juliana Bernardi Ogliari** - Sistemas agrícolas sustentáveis de produção têm sido a proposta viável para a conservação da agrobiodiversidade, onde todas as formas de vida interagem entre si, afetando uns aos outros, inclusive quem a maneja, o ser humano. Para esses ecossistemas agrícolas, onde os fatores de risco da produção são variados, além do equilíbrio entre as diferentes formas de vida (animal, vegetal, microbiana), a qualificação genética da variedade de certo cultivo é fundamental.

O equilíbrio em ecossistemas agrícolas é conquistado não apenas pelo uso de sistemas de manejo apropriados (consorciação e rotação dos cultivos, controle biológico de pragas e doenças etc.), mas também pela constituição genética das cultivares desenvolvidas para estes agroecossistemas. Isso significa que uma cultivar de milho híbrido melhorada para sistemas convencionais, em que todos os fatores de risco da produção são controlados por agrotóxicos, fertilizantes, irrigação etc., poderá ter dificuldade de expressar seu potencial produtivo, em sistemas submetidos aos ditos riscos. Isso porque, em geral, são selecionadas para a obtenção de elevadas produtividades, mas quase sempre pouco adaptadas aos riscos, considerando que eventuais fatores de estressantes podem ser controlados pelas técnicas usadas em agricultura convencional.

## Além da Revolução Verde

Essa foi a proposta de produção preconizada pela Revolução Verde<sup>6</sup>, baseada no uso de pacotes tecnológicos e sementes genéticas de elevada performance. A importância do melhoramento genético participativo está justamente na possibilidade de desenvolver material adaptado aos fatores de risco de cada microrregião e por meio deles preservar os ecossistemas agrícolas e conservar a agrobiodiversidade.

“  
**Sistemas agrícolas sustentáveis de produção têm sido a proposta viável para a conservação da agrobiodiversidade**

A descentralização das ações de pesquisa, intrínseca aos programas de melhoramento genético participativo, deve ser prioridade em programas destinados aos sistemas de base agroecológica. Eu entendo que não é possível conservar a agrobiodiversidade em sistemas convencionais. Por outro lado, a conservação da agrobiodiversidade não é antagônica à obtenção de produção agrícola. No entanto, muitos estudos devem ser conduzidos para buscar uma associação entre estratégias de manejo e seleção genética apropriadas aos sistemas familiares de produção e desenvolvimento endógeno. Nossos estudos têm mostrado que as variedades crioulas possuem atributos parti-

<sup>6</sup> **Revolução Verde:** refere-se à invenção e disseminação de novas sementes e práticas agrícolas que permitiram um vasto aumento na produção agrícola a partir da década de 1950 nos Estados Unidos e na Europa e, nas décadas seguintes, em outros países. (Nota da IHU On-Line)

culares e que não aparecem nas cultivares modernas. Temos que reaprender (pesquisadores e agricultores) a resgatar conhecimentos para trabalhar a favor da conservação, sem negligenciar o desenvolvimento econômico e social.

**IHU On-Line - Na sua opinião, quais os limites e desafios para integração do homem com o planeta através de sua produção agrícola? Como fazer o produtor entender a importância de uma relação integral e não apenas mercantil com a terra?**

**Juliana Bernardi Ogliari** - Não estou na fase romântica de achar que essa integração ocorrerá, num primeiro momento, por meio de conscientização somente. Até pode ajudar em algumas regiões do país. Em outras já existem iniciativas nessa direção. Um exemplo pode ser destacado em municípios do Oeste de Santa Catarina (Anchieta, Guaraciaba e Novo Horizonte), onde existem organizações parceiras do NEABio da UFSC, que vem desenvolvendo ações de pesquisa participativa desde 2001.

Deve-se buscar meios políticos e técnicos de promover o desenvolvimento social e econômico a partir dessa integração do homem com a natureza, seja mediante o ecoturismo, slow food, certificações de produtos diferenciados de base agroecológica, certificações de sociedades médicas atestando a qualidade funcional, nutricional e medicinal dos componentes da agrobiodiversidade, indicações geográficas (indicação de procedência e denominação de origem) etc. Todas essas estratégias buscam valorizar essa integração por meio de agregação de valores capazes de gerar empregos e novas alternativas de desenvolvimento regional ao mesmo tempo em que indiretamente proporcionam a conservação da agrobiodiversidade pelo uso. É nisso que o NEABio acredita.

**IHU On-Line - Quais os desafios políticos, econômicos e sociais para se difundir a produção agroecológica no Brasil? Que ações**

**são mais urgentes para se estimular tanto consumo como produção de alimento agroecológico?**

**Juliana Bernardi Ogliari** - As políticas agrícolas nem sempre acompanham a velocidade das informações científicas e, muitas vezes, quem as faz não observa as questões impactantes. Para isso, seriam necessários receptividade e esforço pessoal para aprender, ampliar horizontes e enfrentar desafios. Nem todos estão preparados ou dispostos a isso.

Uma das políticas agrícolas positivas, mas que depõe contra a produção orgânica, é o programa 'Terra Boa'<sup>7</sup>. Nesse programa, por vários anos, foi oferecido como

<sup>7</sup> O Programa Terra Boa é um programa da Secretaria de Estado de Agricultura e Pesca do estado de Santa Catarina. Além de insumos, o programa distribui sementes de

produto aos agricultores sementes de cultivares transgênicas de milho, em áreas de rica diversidade de variedades crioulas desse cultivo. Nossas pesquisas têm mostrado que parte significativa dos agricultores não sabe o significado do termo 'transgênico', muito menos de seus impactos e, consequentemente, das medidas de isolamento necessárias entre transgênicos e não transgênicos para a coexistência entre ambos. Para complicar a situação, particularidades de algumas regiões de Santa Catarina, com relação ao milho, não permitem aplicar a RN 4 (CTNBio 2007) para a coexistência entre cultivos não transgênicos e transgênicos.

Como se vê, algumas dessas políticas vão na contramão de qual-

milho para as famílias rurais. (Nota da **IHU On-Line**)

quer proposta de conservação da agrobiodiversidade. Cada região do país tem suas particularidades, que devem ser observadas, e não negligenciadas. Considerando que a tolerância de contaminação por transgênicos na agricultura de base agroecológica é 0%, pode-se imaginar o apoio político oferecido a este segmento de produção em expansão no Brasil.

Um dos principais desafios políticos seria acompanhar e observar as particularidades dos agroecossistemas regionais, antes de se fazer cumprir as políticas. Outro desafio seria reunir esforços para compatibilizar as políticas, o conhecimento técnico-científico e a inovação em favor da promoção do desenvolvimento socioeconômico regional, baseado na produção de base agroecológica e na conservação da agrobiodiversidade. ■

## LEIA MAIS...

- *Agroecossistemas e a ecologia da vida do solo. Por uma outra forma de agricultura.* Revista IHU On-Line número 485, de 16-05-2016, disponível em <http://bit.ly/1NqbhAJ>.
- *Agroecologia e o futuro sustentável para o planeta. Um debate.* Revista IHU On-Line número 377, de 24-10-2011, disponível em <http://bit.ly/24RBk0z>.

ihu.unisinos.br

16

Acompanhe nosso canal do Youtube  
youtube.com/IHUComunica

## ENTREVISTA

# Ubuntu, uma perspectiva para superar o racismo

Jean-Bosco Kakozi parte da metafísica africana para entender o racismo e, a partir dela, pensar em linhas de fuga para a desigualdade racial

Por João Vitor Santos | Tradução Susana Rocca



Fotos: João Vitor Santos/IHU

Muitas reflexões acerca do racismo trazem como questão de fundo uma perspectiva xenofóbica, em última análise, a não aceitação do outro. É, por exemplo, a atualização dessa perspectiva na relação com imigrantes, numa outra faceta racista. Isso porque são vistos como intrusos, quando na verdade quem os “recebe” é incapaz de assumir o drama do povo como também um drama seu. O professor africano Jean-Bosco Kakozi Kashindi olha para essas questões raciais desde os princípios do Ubuntu, que pode ser apreendido como uma metafísica africana. Para ele, entre as inúmeras definições, Ubuntu pode ser compreendido como a humanidade do ser. Ou, como prefere, “a abstração das pessoas no conjunto de suas humanidades”. “É a ideia de que minha humanidade está ligada à sua. Logo, ‘eu sou porque somos’”, explica, ao mergulhar no princípio do reconhecimento do outro, tão forte na lógica do Ubuntu.

Porém, o que Ubuntu pode responder a reflexões em torno do racismo? A questão norteou as discussões da conferência proferida por Kakozi, ocorrida no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, na quarta-feira, 25-05. Em “A dimensão ético-política de Ubuntu: Uma proposta para a superação do racismo em ‘nuestra América’”, o professor destaca o postulado ético-político

da metafísica africana. “Se no Ubuntu a pessoa é pessoa através dos outros, a perspectiva de humanidade vem sempre primeiro”, pontua. Ao conferir esse valor à relação entre os humanos para constituir suas humanidades, Ubuntu não despreza qualquer ser humano. É como se todas as pessoas, e suas humanidades, tivessem valor e fossem fundamentais para formação dessa humanidade, ou se preferir, para constituição da nação, do povo. Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à IHU On-Line, o professor aprofunda as ideias que nortearam sua conferência.

Jean-Bosco Kakozi é natural da República do Congo, onde se graduou em Filosofia e Ciências Humanas. Especializou-se em Religião no Centre de Formation Missionnaire Notre Dame d’Afrique, na cidade de Bukavu (República Democrática do Congo). Realizou mestrado em Estudos Latino-americanos pela Universidade Nacional Autônoma do México - UNAM. É doutor em Filosofia e Ciências Humanas na cidade de Bukavu. Sua pesquisa é referente ao Ubuntu na África do Sul (Joanesburgo) na Universidade de Witwatersrand. Atualmente é pós-doutorando no Programa de Pós-graduação em Direito na Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, São Leopoldo.

**Confira a entrevista.**

**IHU On-Line - Como compreender a essência do Ubuntu? Em que medida se coloca como perspectiva para superação do racismo?**

**Jean-Bosco Kakozi** - Partindo de uma definição geral, Ubuntu significa humanidade; mas desde um aprofundamento conceitual de Ubuntu, este termo tem três significados que se entrelaçam: 1) a abstração e a generalidade dos fenômenos que, na cosmovisão africano-“bantú”, constituem a realidade (o *mntu* [a pessoa], o *kintu* [a coisa], o *kuntu* [o modo o a maneira de expressar o mundo] e o *ahantu* [o espaço-tempo]); 2) a abstração e a generalidade do *umuntu* (a pessoa), ou seja, a humanidade como o conjunto dos humanos; 3) a humanidade como valor mesmo que se expressa como solidariedade, empatia, compaixão, generosidade...

Então, essas definições de Ubuntu aparecem condensadas no aforismo isiZulu<sup>1</sup> “umuntu ngumuntu ngabantu” (a pessoa é pessoa no meio de ou através de outras pessoas), o que levou o arcebispo emérito Desmond Tutu<sup>2</sup> a definir Ubuntu como “eu sou porque nós somos”. O que aqui se destaca é que uma pessoa é constituída como tal desde a comunidade, desde os outros; em outros termos, a alteridade é a condição de possibilidade da constituição do indivíduo.

Isto é fundamental no combate ao racismo. Na América Latina, em geral, e no Brasil, em particular, a Conquista, a colonização europeia (Portugal e Espanha) e a escravidão de indígenas e africanos estabeleceram relações sociais de

<sup>1</sup> Língua da etnia sul-africana zulu. (Nota do entrevistado)

<sup>2</sup> Desmond Tutu (1931): Bispo anglicano sul-africano. Trabalhou como professor secundário e, em 1960, ordenou-se sacerdote anglicano. Após estudar teologia por cinco anos na Inglaterra, foi nomeado deão da catedral de Santa Maria, em Johannesburgo, sendo o primeiro negro a ter tal nomeação. Sagrao bispo, dirige a diocese de Lesoto de 1976 a 1978, ano em que se torna secretário-geral do Conselho das Igrejas da África do Sul. Sua proposta para a sociedade sul-africana inclui direitos civis iguais para todos; abolição das leis que limitam a circulação dos negros; um sistema educacional comum; e o fim das deportações forçadas de negros. Sua firme posição anti-apartheid – a política oficial de segregação racial – lhe vale, em 1984, o Prêmio Nobel da Paz. (Nota da **IHU On-Line**)

dominação e exploração baseadas nos fenótipos das pessoas. O homem branco se considerou como humano por antonomásia, e os não-brancos, como menos humanos ou não-humanos. É isto o princípio anti-Ubuntu, é o princípio do “eu sou porque você não é”. Este princípio está na base do racismo, pois quando se discrimina, se exclui uma pessoa pelos seus traços físicos, se nega a ela implicitamente a sua humanidade, pois a humanidade em si não existe concretamente, mas existe em suas diversas expressões (traços físicos, culturais, línguas, religiões etc.).

## Negação dos outros e de si

Então, a noção de Ubuntu denuncia o racismo e anuncia uma possibilidade de superá-lo em comunidade, em paz com os outros, já que quando se discrimina racialmente uma pessoa, estamos em presença da perda de humanidade em sentido duplo: o discriminador nega a humanidade do discriminado e, ao mesmo tempo, perde a sua humanidade. E se nos referimos às definições mencionadas anteriormente, a perda de humanidade não é um assunto menor, porque leva junto o fato de se desconectar do mundo, da realidade. Distanciar-se do mundo, da realidade não pode ser outra coisa mais do que uma autodestruição.

**IHU On-Line - De que forma é possível, a partir do reconhecimento do outro, superar conflitos?**

**Jean-Bosco Kakozi** - Reconhecer o outro, desde a cosmovisão africana “bantú”, é viver em paz, em harmonia. E aqui não se trata só de reconhecer, mas de responder ao outro, de ser recíproco para com ele ou ela. E esse outro não se limita somente às pessoas, mas se estende aos demais seres - animados e inanimados - com os que constituímos a comunidade cósmica da vida.

Assim, quando reconheço o outro e respondo a ele ou a ela, é também para meu benefício. Primeiro, porque eu o respeito, o considero e o trato como humano, isso deve

abrir-me a um encontro qualitativo com ele ou ela e nos possibilita viver com dignidade. Segundo, como vivemos em uma comunidade cósmica da vida, reconhecer, respeitar e responder a outros seres (animados e inanimados) de que eu dependo, significa proteger, cuidar o ambiente que me circunda, o qual coadjuvária a evitar conflitos sociais, políticos e econômicos. E isso conduziria à “libertação da vida” e, em consequência, beneficiaria a vida de todos, pois a minha vida depende de outras vidas e, desde a visão de Ubuntu, não há nenhuma vida humana que tenha mais valor que a outra.

**IHU On-Line - Como superar a lógica fascista, que nasce do ataque e não reconhecimento do outro, a partir da perspectiva do Ubuntu?**

**Jean-Bosco Kakozi** - Para os africanos em geral, a vida humana é um valor supremo. E, como já disse antes, não existe uma vida superior a outra, ou seja, não há seres humanos ontologicamente defeituosos ou inúteis. E outro elemento importante que encontramos em Ubuntu é que a humanidade de cada pessoa está entrelaçada com a de outras pessoas, elas me fazem humano.

Entender isto é muito relevante para superar a lógica fascista e xenofóbica. As diferenças, em vez de serem vistas como ameaças, deveriam ser apreciadas como riqueza. Eu sei o difícil que é aceitar o anterior, em um país onde imperou a lógica capitalista individualista e excludente, e agora em crise política e econômica. Minha opinião é que uma das razões fundamentais dessa crise é precisamente a não aceitação da alteridade que nos constitui. O outro (no contexto brasileiro: o pobre, o negro, o indígena e a maioria das mulheres) segue sendo como uma ameaça à classe social que tem sido privilegiada.

**IHU On-Line - Que elementos essa filosofia africana oferece para pensar a realidade latino-americana e caribenha?**

**Jean-Bosco Kakozi** - Para começar, vale salientar que para o filósofo sul-africano Mogobe Ramose, Ubuntu seria a pedra angular da



filosofia africana. Aliás, seria a filosofia africana mesma. Ela tem relação estreita com a sua irmã, a filosofia latino-americana. O aporte substancial de Ubuntu a esta última está em recuperar e/ou restaurar o ser humano todo dentro da sociedade, que eu entendo aqui como uma “comunidade cósmica de vida”.

Isso quer dizer - em termos kantianos, mas ampliando o postulado ético do filósofo alemão - uma concepção do ser humano não como meio, mas como fim em si mesmo, porém esse ser humano deve ser sempre consciente da alteridade, no sentido amplo, que o constitui. É um ser humano consciente de que a especificidade que o distingue de outros seres cósmicos (consciência, vontade, liberdade) o faz mais responsável do cuidado e não da destruição ou extinção desses outros que o constituem. E tudo isso se encontra *mutatis mutandis* nas filosofias ou nas cosmovisões dos povos originários das Américas. A contribuição fundamental de Ubuntu ou da filosofia africana para pensar a realidade latino-americana e caribenha seria, em suma, realinhar o homem na sua totalidade no centro da preocupação. E esse “homem” é um ser que está sempre na interdependência vital com os outros seres (animados e inanimados).

Isto se encontra já nas “cosmovivências”<sup>3</sup> dos povos origi-

3 O filósofo mexicano de origem alemã Carlos Lenkerdorf explica a “cosmovivência” como a convivência harmoniosa que deve prevalecer entre todas as entidades do cosmos. Ver: Carlos Lenkerdorf, *Conceptos tojolabales de filosofía y del altermundo*, México, Ed. Plaza y Valdés, 2004. (Nota do entrevistado)

nárias de América Latina e Caribe, pelo qual Ubuntu viria só lembrar às filosofias, às humanidades e às ciências (“sociais” ou não) latino-americanas e caribenhas que aqui mesmo há recursos inesgotáveis para pensar de outra forma a realidade da região e transformá-la. Estes recursos se encontram paradoxalmente nas cosmovisões dos povos subalternizados, oprimidos, marginalizados ou desprezados pela racionalidade ocidental.

#### **IHU On-Line - De que forma Ubuntu se articula à ideia da Renascença Africana? E como essa experiência africana pode inspirar uma renovação na América Latina e Caribe?**

**Jean-Bosco Kakozi** - Para além da discussão sobre o adequado ou não do termo “Renascimento Africano”, o auge de Ubuntu (desde os anos 1990), no âmbito político e acadêmico, na África do Sul, é um acontecimento a celebrar. No discurso inaugural como segundo presidente negro da África do Sul, Thabo Mbeki<sup>4</sup> começou dizendo: “I am an Africa” (Sou africano). Isto

4 **Thabo Mvuyelwa Mbeki** (1942): é um político Sul-Africano que serviu nove anos como o segundo pós-apartheid Presidente da África do Sul a partir de 14 de junho de 1999 a 24 de setembro de 2008. Em 20 de setembro de 2008, com cerca de nove meses deixou em seu segundo mandato. Mbeki anunciou sua renúncia depois de ser recordado pelo Comitê Executivo Nacional do ANC, na sequência de uma conclusão pela juiz CR Nicholson de interferência indevida na Autoridade nacional de acusação (NPA), incluindo a acusação de Jacob Zuma por corrupção. Em 12 de Janeiro de 2009, o Supremo Tribunal de Recurso anulou por unanimidade o julgamento de Nicholson. (Nota da IHU On-Line)

foi uma tomada de posição existencial, uma reivindicação identitária que evoca um processo de permanência de uma identidade africana. Ele nem se vestiu como se veste um rei ou uma autoridade nas sociedades “tradicionais” africanas. Falou em inglês e estava vestido “socialmente”, ou seja, à moda ocidental.

O exemplo de Mbeki contém indícios de Ubuntu, no sentido de que ele falou como sul-africano (identidade local), incluindo ao mesmo tempo a África e implicitamente o legado cultural ocidental. Isto é fundamental para o “renascer” da África, para sua descolonização. Não se trata de jogar todo o legado da colonização europeia e retornar completamente ao passado pré-colonial, mas sim partir da afirmação da identidade e cultura próprias (locais) e integrar o bom de outras culturas, neste caso a ocidental.

Tendo a África muita semelhança com a América Latina e Caribenha por terem sido colonizadas pelos ocidentais e, por isso mesmo, incorporadas como “periferias” no sistema-mundo capitalista, o que eu disse antes pode ser aplicado também à América Latina e ao Caribe. O intelectual mexicano Leopoldo Zea<sup>5</sup> acertou que o problema da América Latina e do Caribe é um problema do “homem” (em sentido genérico), o problema ético. O “homem” latino-americano e caribenho, em geral, anseia mais o mundo alheio (Europa e, em certo sentido, os Estados Unidos), odiando os outros que constituem seu próprio mundo. Então, para a contínua renovação, para a verdadeira saída desta região, é preciso valorizar o próprio estado, ao mesmo tempo, aberto para incorporar o melhor do alheio.

#### **IHU On-Line - Como se constitui e como compreender o conceito de resistência dentro da filosofia Ubuntu?**

5 **Leopoldo Zea Aguilar** (1912 – 2004): filósofo mexicano defensor do latinoamericanismo integral na história. Ficou reconhecido por sua tese de graduação O positivismo no México (1945), em que aplicou e estudou o positivismo no contexto de seu país na transição dos séculos XIX e XX. (Nota da IHU On-Line)

**Jean-Bosco Kakozi** - Em Ubuntu, como filosofia africana, o conceito de resistência está incluído no de libertação africana. A resistência dentro do processo da libertação africana se articula desde outras vivências africanas, isto é, desde um modo de vida, um fazer diferente ao imperante "way of life"<sup>6</sup> ocidental. Vou me explicar com um pequeno exemplo: agora, o neoliberalismo com seu corolário do consumismo se expandiu por muitas partes do globo. O lema agora, como me dizia um professor, é "devo (ao banco, às grandes lojas...), então eu sou". Contudo, mesmo que na África também haja práticas consumistas, até exageradas, continua havendo muitas práticas locais de solidariedade entre as pessoas e de poupança que não dependem do sistema bancário nacional ou internacional. A solidariedade não é só em termos de dinheiro ou de bens materiais, mas sobretudo a partilha de momentos importantes da vida (nascimento, luto pela morte de um ente querido, casamento etc.). A poupança, por outro lado, se faz em organizações rurais ou do bairro ("likilimba", no caso da R. D. Congo, por exemplo). Essas práticas são, de alguma forma, um modo de vida que contrasta com o "way of life" ocidental.

Podem-me questionar e considerar que essas práticas têm mais a ver com o "atraso" que com Ubuntu, ou até mesmo que Ubuntu se relaciona mais com o "atrasado" que com a realidade "atual". Minha resposta obviamente seria que não, por dois motivos principais: 1) o conceito mesmo do "atrasado" é eurocêntrico, isto é, vem das ideias "desenvolvimentistas" e lineares, onde a Europa - e os Estados Unidos - estão e estarão sempre na frente,

6 Modo de vida, em tradução livre. (Nota da IHU On-Line)

isto é, são e serão sempre superiores e, por isso, suas culturas, seus modos de vida, suas visões do mundo devem ser seguidos por todo o mundo; 2) essas práticas são simultâneas, temporalmente falando, às práticas do neoliberalismo, e é dessa exterioridade precisamente, evocando o filósofo argentino-mexicano Enrique Dussel<sup>7</sup>, que haveria de implodir-se o sistema imperante.

**IHU On-Line - Que perspectivas a ética Ubuntu é capaz de abrir frente a um mundo apoiado na lógica do consumo e da financeirização das relações e da vida?**

**Jean-Bosco Kakozi** - Um dos postulados éticos de Ubuntu é "nenhum ser humano pode ser considerado absolutamente inútil", e o outro é "ignora a vaca<sup>8</sup> e salva o ser humano, porque a vida é maior que a riqueza". Esses dois postulados mostram, como já disse anteriormente, o importante que é a vida, em geral, e a humana, em particular. Daí segue que a ética do Ubuntu, ou o Ubuntu como ética, é uma crítica contundente ao consumismo exacerbado e à superficialidade das relações humanas. Pois, o consumismo está fazendo justamente o contrário: ignora o ser humano para salvar a todo custo a "vaca".

Dentro de um panorama assim (anti-Ubuntu), a vida mesma neste

7 Enrique Dussel (1934): filósofo argentino radicado (exilado) desde 1975 no México. Exponente da Filosofia da libertação e do pensamento latino-americano em geral, seu pensamento discorre sobre temas como filosofia, política, ética e teologia. Tem se colocado como crítico da pós-modernidade, chamando por um novo momento denominado transmodernidade. Tem mantido diálogos com filósofos como Apel, Gianni Vattimo, Jürgen Habermas, Richard Rorty, Lévinas. Crítico do pensamento eurocêntrico contemporâneo. (Nota da IHU On-Line)

8 A vaca aqui se refere à riqueza, porque em muitas etnias africanas ter uma vaca simboliza ser rico. (Nota do entrevistado)

mundo está ameaçada. A harmonia está quebrantada porque, como aparece nas definições de Ubuntu, Ubuntu como humanidade não somente significa valores essenciais (solidariedade, generosidade...), mas também a abstração e a generalidade da realidade da qual dependemos e na qual somos. Assim, seguir antepondo a riqueza e/ou o consumo ao ser humano é continuar o caminho seguro até o afogamento coletivo dos seres humanos (o planeta terra não vai desaparecer, a espécie humana, sim). Ao contrário, os caminhos de Ubuntu e das diversas cosmovisões dos povos originários da "nossa América" contêm a insuspeita esperança de e para a libertação da vida e da nossa libertação.

**IHU On-Line - Quais os desafios para as culturas ocidentais apreenderem perspectivas metafísicas como as do Ubuntu?**

**Jean-Bosco Kakozi** - O primeiro desafio é aprender a ser humilde, isto é, não se considerar como Deus, e sim como ser humano. Se isto se aceita, o segundo desafio seria então convencer-se de que não há uma vida humana superior e outra inferior. Uma que vale mais, portanto, é digna de ser defendida, conservada e reproduzida, e outra que vale menos ou não vale nada é inútil, descartável e não digna de ser protegida nem reproduzida. O terceiro desafio que está relacionado com a "essência" mesma de Ubuntu é reconhecer que vivemos em uma "comunidade cósmica de vida", onde há uma interdependência vital entre os seres humanos e outros seres. Reconhecer isto deve levar à tarefa impostergável de responder, isto é, fazer-se responsável pelos outros (humanos e não humanos), para humanizar-se e viver em harmonia, em paz. ■

## LEIA MAIS...

- *Metafísicas Africanas - Eu sou porque nós somos*. Entrevista com Jean Bosco Kakozi Kashindi, publicada na revista IHU On-Line, número 477, de 16-11-2015, disponível em <http://bit.ly/1THlvnM>.
- *Ubuntu. 'Eu sou porque nós somos'*. Revista IHU On-Line, número 353, de 06-12-2010, disponível em <http://bit.ly/1lntwin>.

# Integração ativa: uma releitura da “substituição de importações” para os tempos de hoje

À luz da obra de Maria da Conceição Tavares, Eduardo Bastian reflete sobre como inserir a indústria brasileira nos elos mais nobres da economia global



Fotos: João Vitor Santos/IHU

Por João Vitor Santos

Dentro da proposta do ciclo Economia brasileira: onde estamos e para onde vamos? Um debate com os intérpretes do Brasil, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU, a noite de quarta-feira (18-05) foi dedicada a revisar o pensamento de Maria da Conceição Tavares acerca da realidade nacional. A obra da economista portuguesa naturalizada brasileira foi apresentada pelo professor do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Eduardo Gueiredo Bastian. Mesmo sem ter

sido aluno de Conceição Tavares, o jovem economista não esconde a influência da professora. “Sua obra é fundamental. Ela também tem um papel muito importante junto à Economia da UFRJ”, recorda. O ponto de partida de Bastian é a ideia de substituição de importações formulada pela economista.

O professor ressalta que para mergulhar nas perspectivas de Conceição Tavares é preciso ter em vista a perspectiva histórica. Afinal, fala de um Brasil da década de

30, em plena Era Vargas e com vistas a fortalecer a indústria nacional. “Inicialmente, a substituição de importações não é um conceito formal. Trata-se de um conceito histórico/estrutural. É algo no processo histórico da industrialização do Brasil e da América Latina”, pontua, ao ressaltar a posição estruturalista de Conceição Tavares. Para Bastian, ter em mente a historicidade do processo faz entender melhor a ideia de substituição de importações. “É um modelo que substitui o precedente, quando

nossa economia ainda era primário-exportadora, voltada para fora”.

Ou seja, o Brasil, antes dos anos 30, tinha sua economia centrada em poucos setores de exportações. “Isso nos fazia ter uma economia reflexa, dada pela conjuntura mundial. Era o centro exportador que dava a dinâmica para nossa economia. Se ia mal, tudo ia mal internamente”, explica Bastian. E ao mesmo tempo em que essas exportações geravam rentabilidade, os produtos eram pouco dados ao consumo interno. O mercado in-

terno ainda era todo alimentado por uma indústria nacional muito básica, geradora de produtos essenciais e de baixa qualidade. “E, ainda, grande parte das demandas internas só eram supridas pelas importações. Mas, para fazer importações, também é preciso exportar. Quando as ex-

portações entram em baixa, a restrição é muito grande”, completa.

Leia a reportagem completa em <http://bit.ly/27YSFUq>



22

**IHU**

@\_ihu

**twitter.com/\_ihu**

# A pressão das ruas e o caminho de retomada dos ideais de justiça social

Manifestações contra a guinada à direita do governo se vislumbram como estratégias para o resgate de uma perspectiva de desenvolvimento do país vinculada ao social



Foto: Susana Rocca/IHU

*Por Leslie Chaves*

Multiplicam-se no país movimentos populares em defesa de diversas demandas, mas que têm em comum o anseio por melhorias na qualidade de vida e pelas condições necessárias ao pleno exercício da cidadania. Mais do que isso, essas mobilizações estão revelando o descontentamento com os caminhos que o Brasil vem trilhando e principalmente as mudanças mais

recentes no governo, que, a julgar pelos seus primeiros atos, tendem a restringir ainda mais as saídas para a promoção de medidas mais inclusivas e direcionadas a fomentar a equidade.

É possível verificar esse sentimento nas ocupações de escolas e de outras instituições públicas. Um dos exemplos é o Instituto do

Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Iphan, que, em protesto contra a supressão do Ministério da Cultura, tem sedes ocupadas em cerca de duas dezenas de capitais brasileiras, incluindo Porto Alegre, uma das ocupações mais recentes, que teve início na última quinta-feira, 19-05-2016. Na mesma data, milhares de manifestantes saíram às ruas da cidade

para protestar contra o governo do presidente interino Michel Temer, com cartazes e faixas em que criticavam as ações governamentais implementadas e o andamento do processo de impeachment.

“Neste momento há o deslocamento de um posicionamento político mais ao centro para uma tendência mais à direita, o que significa o abandono da perspectiva do que seria uma social-democracia, comprometida em promover o desenvolvimento social. Trata-se de um programa de governo que não foi o escolhido nas urnas”, analisa Rodrigo Ghiringhelli de Azevedo. O professor, que participou do debate “Brasil, e agora, para onde vamos?”, na última quinta-feira, 19-05-2016, na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU, fez uma reflexão acerca da situação política do país em meio às turbulências e incertezas sobre o futuro.

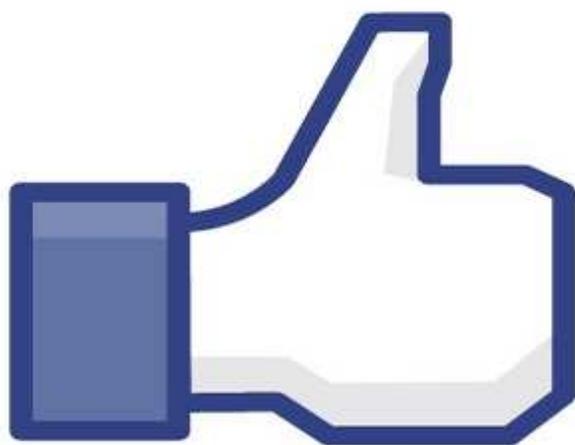
Para Azevedo, a chave para compreender o contexto brasileiro de hoje é perceber o processo de politização da justiça e de criminalização da política, que se direciona a determinados atores políticos e às manifestações e movimentos sociais que têm posicionamentos dissonantes da direita. “No caso específico da Operação Lava Jato, a justiça tem atuado de forma seletiva e partidarizada a partir da divulgação de vazamentos de escutas telefônicas e trechos de delações premiadas. Um exemplo contundente é a divulgação das escutas telefônicas de conversas de Dilma com Lula, que causa uma hecatombe política que agrava o andamento do processo de

impeachment. Isso tem acontecido em Curitiba, na 13ª Vara da Justiça Federal, e se confirma no Superior Tribunal Federal, que teve seus ministros escolhidos com base em barganhas políticas, e não com o intuito de reforçar a identidade com o projeto político. Há ministros isentos, mas infelizmente eles foram engolidos pelo processo de criminalização do governo e do PT”, aponta.

Leia reportagem completa em <http://bit.ly/20Qno0v>



Foto: Leslie Chaves/IHU



## Instituto Humanitas Unisinos

# facebook

**IHU** ON-LINE



INSTITUT  
HUMANITAS  
UNISINOS



UNISINOS

# Tema de Capa

# O conhecimento de si: vestuário e adornos como extensões da identidade

Para Renata Pitombo Cidreira, a potência da moda reside na construção da concretude da atitude corporal, a primeira expressão de nosso modo de estar no mundo

Por Leslie Chaves

**O**self é compreendido pela psicologia como o conhecimento que o indivíduo tem sobre si próprio. Saber que é construído a partir dos aspectos valorativo, referente à autoestima, e descritivo, que diz respeito à autoimagem. É nesse segundo processo, em que se compõe a expressão mais imediata e perceptível de uma das faces da identidade de alguém, que a moda tem participação ativa. Conforme explica Renata Pitombo Cidreira, em entrevista por e-mail à *IHU On-Line*, “a primeira impressão que temos de alguém é do seu corpo vestido. Essa segunda pele que é a roupa é uma forma de expressão do indivíduo. Se compreendemos essa segunda pele como uma extensão do nosso corpo, como defende o sociólogo Marshall McLuhan, ela tem a capacidade de modelar nossa estrutura corporal, nossa dimensão sensível e nosso diálogo com o que nos cerca”.

Para a pesquisadora, reside na constituição da atitude corporal “a força da moda, entendida enquanto modo de ser, pois ela é quem oferece ao ser a sua possibilidade concreta de apresentação, aparição encarnada num corpo. Dessa maneira, o modo como nos vestimos e nos adornamos vem revestido de valores que carregamos conosco e partilhamos com os outros”.

Renata Cidreira analisa como estão acontecendo as construções identi-

tárias a partir da moda no cenário contemporâneo, em que o acesso à informação é intensificado pelo uso cotidiano das tecnologias de comunicação e informação, sobretudo da internet. “A internet e os blogs potencializaram a democratização da moda, permitindo a sua ressignificação no dia a dia do usuário. A partir de referências diárias na Internet, o consumidor tem um leque de opções para escolher o modo de se vestir que mais se adequar ao seu estilo de vida; assim, me parece que os processos de construção identitárias se multiplicam e se diversificam”, aponta.

**Renata Pitombo Cidreira** é graduada em Comunicação, com habilitação em Jornalismo, mestra e doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas, pela Universidade Federal da Bahia - UFBA. Também tem pós-doutorado em Sociologia pela Université René Descartes, Paris V-Sorbonne. Atualmente é professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, onde também lidera o grupo de pesquisa Corpo e Cultura. Entre sua produção bibliográfica destacamos as obras *As Vestes da Boa Morte* (Cruz das Almas: EDUFRB, 2015), *A moda numa perspectiva compreensiva* (Cruz das Almas: EDUFRB, 2014), *As formas da moda* (São Paulo: Annablume, 2013) e *Os sentidos da moda* (São Paulo: Annablume, 2005).

**Confira a entrevista.**



## ***A evidência sensível da pessoa é sua atitude corporal, sua dinâmica comportamental, seu modo de estar no mundo***

**IHU On-Line - De que maneira a moda participa da construção da identidade de um grupo social e de um sujeito?**

**Renata Pitombo Cidreira** - A capacidade expressiva da moda é visível. A aparência corporal presentifica certos pertencimentos e determinadas adesões. A questão é que, na contemporaneidade, essas identificações são pontuais, efêmeras, como já mostrou Maffesoli<sup>1</sup> e outros autores que refletem sobre a identidade. Como bem observou Merleau-Ponty (1983)<sup>2</sup>, a evidência sensível da pessoa é sua atitude corporal, sua dinâmica comportamental, seu modo de estar no mundo. Daí a força da moda, entendida enquanto modo de ser, pois ela é quem oferece ao ser a sua possibilidade concreta de apresentação, aparição encarnada num corpo. Dessa maneira, o modo como nos vestimos e nos adorna-

mos vem revestido de valores que carregamos conosco e partilhamos com os outros.

**IHU On-Line - De que modo o vestir-se e a moda podem ser compreendidos como atos de significação?**

**Renata Pitombo Cidreira** - A primeira impressão que temos de alguém é do seu corpo vestido. Essa segunda pele que é a roupa é uma forma de expressão do indivíduo. Se compreendemos essa segunda pele como uma extensão do nosso corpo, como defende o sociólogo Marshall McLuhan, ela tem a capacidade de modelar nossa estrutura corporal, nossa dimensão sensível e nosso diálogo com o que nos cerca. A partir daí, comecei a perceber que a moda é um modo de comunicação e que pode revelar, manifestar gostos, valores, e até mesmo comportamentos e sentimentos.

**IHU On-Line - Quais são as mudanças mais significativas ocorridas a partir da globalização e da troca de informações potencializada pela internet (e demais aparatos do sistema midiático) no processo de construção das identidades através da moda?**

**Renata Pitombo Cidreira** - Como se sabe o consumo dos bens culturais se exerce cada vez mais através de processos virtuais. Sites e blogs funcionam como mediadores e indicadores de consumo, e não seria diferente no mundo da moda. Assim, noticiar e criticar lançamentos, exposições, shows, performances, desfiles, coleções de moda on-line passa a ser um dispositivo a mais para o acesso à informação de moda. Os blogs de moda aparecem

a partir de 2003 e viram um fenômeno mundial; a partir de 2006 se consolidam no Brasil, promovendo uma maior difusão do segmento e atraindo novos consumidores e amantes do universo fashion. A internet e os blogs potencializaram a democratização da moda, permitindo a sua ressignificação no dia a dia do usuário. A partir de referências diárias na Internet, o consumidor tem um leque de opções para escolher o modo de se vestir que mais se adequar ao seu estilo de vida; assim, me parece que os processos de construção identitárias se multiplicam e se diversificam.

**IHU On-Line - Na moda, como coexistem e se processam simultaneamente as relações entre a busca por diferenciação e por identidade coletiva?**

**Renata Pitombo Cidreira** - Um autor de que gosto muito, o sociólogo alemão Georg Simmel<sup>3</sup>, faz questão de esclarecer que o sustentáculo da dinâmica moda situa-se num grande dualismo que passa, inclusive, outras instâncias essenciais da vida. Podemos afirmar, de acordo com o autor, que a moda se alimenta de dois lados contrários, mas ao mesmo tempo complementares: a imitação e a necessidade de originalidade, particularidade.

A moda é imitação de um modelo dado e satisfaz assim a necessidade de aprovação na sociedade; conduz o indivíduo pela via que todos seguem e cria um módulo geral que reduz a conduta de cada um a um mero exemplo de uma regra. Mas ao mesmo tempo satisfaz a necessidade de distinguir-se, a tendência à diferenciação (SIMMEL, 1905, p.112)<sup>4</sup>.

**3 Georg Simmel** (1858-1918): sociólogo alemão que desenvolveu o que ficou conhecido como micro-sociologia, uma análise dos fenômenos no nível micro da sociedade. Foi um dos responsáveis por criar a Sociologia na Alemanha, juntamente com Max Weber e Karl Marx. Escreveu, entre outros, *Schopenhauer und Nietzsche* (Leipzig: Duncker & Humblot, 1907). (Nota da **IHU On-Line**)  
**4** Publicação no Brasil: SIMMEL, Georg. *Filosofia da moda e outros escritos*. Lisboa: Texto & Grafia, 2008. Original publicado em: *Reihe*

**1 Michel Maffesoli**: sociólogo francês. Leciona na Sorbonne – Paris V, é diretor do Centro de Estudos sobre o Atual e o Quotidiano (CEAQ) e edita a revista *Sociétés*. Escreveu inúmeros livros importantes para a compreensão da mutabilidade social moderna e pós-moderna, como *A conquista do presente* (Rio de Janeiro: Rocco, 1984); *A contemplação do mundo* (Porto Alegre: Artes & Ofícios, 1995); *A transfiguração do político: a tribalização do mundo* (Porto Alegre: Sulina, 1997); *Lógica da dominação* (Rio de Janeiro: Zahar, 1978); *Moderno e pós-moderno* (Rio de Janeiro: UERJ, 1994). A edição 162 da IHU On-Line, de 31-10-2005, publicou uma entrevista exclusiva com Maffesoli sob o título *Culturas locais estão sendo revalorizadas*, disponível em <http://migre.me/69ujD>. Leia também “*A política moderna não tem mais sentido*”, disponível em <http://bit.ly/ihu230414>. (Nota da **IHU On-Line**)

**2 MERLEAU-PONTY, Maurice**. O cinema e a nova psicologia In: XAVIER, Ismail (org.) *A Iara – Revista de Moda, Cultura e Arte – São Paulo – V.3 N°3 dez. 2010 – Dossiê 244 experiência do cinema*. Rio de Janeiro: Edições Graal; Embrafilme, 1983. (Nota da **IHU On-Line**)

Como já demonstramos em nosso livro *A moda numa perspectiva compreensiva* (Cruz das Almas: EDUFRB, 2014), religar e distinguir são as duas funções fundamentais que se encontram unidas indissolúvelmente na moda: permite ao indivíduo a segurança de não permanecer só em sua ação e, ao mesmo tempo, assegura a possibilidade de manifestação do gosto particular nos pequenos detalhes, satisfazendo a vontade de particularidade. É essa característica dual que lhe é própria que a identifica enquanto um produto das lutas entre classes sociais. Conforme assinala o autor, “as modas são sempre modas de classes, e (...) as modas de classe superior se diferenciam das de classe inferior e são abandonadas no momento em que esta começa a apropriar-se daquela” (id., *ibid.*, p.112). Estabelece-se, portanto, um movimento circular interminável característico da moda.

A possibilidade de manifestação do gosto particular nos pequenos detalhes satisfaz a vontade de particularidade e é, em última instância, o que permite preservar a liberdade individual, sobretudo quando essa vontade de singularidade consegue ser mais forte do que a necessidade de reconhecimento e acolhimento do grupo social. De acordo com as observações de Simmel, a moda dá ao ser humano um esquema graças ao qual ele pode atestar, sem equívoco, algum lugar no universal, sua obediência em relação às normas que são próprias de seu tempo, de sua situação social, de uma esfera mais estreita, e um esquema com o qual ele se permite, em sentido inverso, concentrar cada vez mais nos seus efeitos interiores e essenciais da liberdade que procura na vida em geral.

**IHU On-Line - Alguns estudiosos definem como apropriação cultural e criticam o uso de indumentárias características de determinadas identidades culturais, como os turbantes africanos e os**

*Moderne Zeitfragen*, Nº 11, Berlim, Pan-Verlag, 1905. (Nota da **IHU On-Line**)

**trajes típicos chineses, por outros grupos “não integrantes” dessas culturas. De que maneira você avalia essa questão?**

**Renata Pitombo Cidreira** - Em *A Interpretação das Culturas* (Rio de Janeiro: LTC, 1989) Geertz<sup>5</sup> defende a ideia de cultura como conjunto de mecanismos simbólicos que auxiliam na ordenação do comportamento humano. Tal acepção evidencia a natureza vinculante que a cultura estabelece entre o que as pessoas podem vir a ser e o que elas são realmente. Desse modo, podemos constatar que o equí-

“  
**O modo como nos vestimos e nos adornamos vem revestido de valores que carregamos conosco e partilhamos com os outros**

brio entre unidade e diversidade pode estar no reconhecimento de padrões culturais como elementos definidores de uma existência humana. Como observa Geertz, “tornar-se humano é tornar-se individual sob a direção de padrões culturais” (p. 37).

Vislumbramos aqui a relação ambígua e escorregadia entre cultura e identidade, e mais: o reconhecimento de que a cultura é um conjunto de significações que são comunicadas pelos e entre os indivíduos de um dado grupo através de

<sup>5</sup> **Clifford James Geertz** (1926-2006): antropólogo estadunidense, professor emérito da Universidade de Princeton, em Nova Jérsei, nos Estados Unidos. Seu trabalho no “Institute for Advanced Study” de Princeton se destacou pela análise da prática simbólica no fato antropológico. Foi considerado, por três décadas, o antropólogo mais influente nos Estados Unidos. (Nota da **IHU On-Line**)

processos interativos. Essa abordagem, reconhecida como interacionista, acentua a importância da produção e circulação de sentidos que as interações entre indivíduos produzem, observando de forma bastante atenta para o contexto no qual se desenvolvem esses processos interativos. “A pluralidade dos contextos de interação explica a dimensão plural e instável de todas as culturas e também os comportamentos aparentemente contraditórios de um mesmo indivíduo” (CUCHE, 2002, p. 107)<sup>6</sup>.

De todo modo, o que nos parece interessante reter é que a cultura é indissociável da aventura humana e que devemos concebê-la como o lugar da experiência. A experiência do ser humano, por sua vez, deve ser compreendida como abertura, possibilidade e transformação, pois esta é a dinâmica própria da humanidade em sua vitalidade. Logo, o que tentamos esboçar é a ideia de que a cultura não é do âmbito da identidade ou mesmo da realidade, mas da possibilidade.

Assim, é preciso evidenciar a nuance entre cultura e identidade cultural. A cultura, vai argumentar Cuche<sup>7</sup>, “depende em grande parte de processos inconscientes. A identidade remete a uma norma de vinculação, necessariamente consciente, baseada em oposições simbólicas” (2002, p.176). De certo modo, podemos compreender que a identidade cultural aparece como uma modalidade de categorização da distinção nós/eles, baseada na diferença cultural.

Desse modo, me parece complicado afirmar que o uso de certas indumentárias características de grupos culturais por outros grupos “não integrantes” dessas culturas seja sempre inadequado ou deva ser criticado. O processo de ressignificação de elementos culturais é um traço da própria dinâmica

<sup>6</sup> **CUCHE, Denys.** A noção de cultura nas ciências sociais. Tradução de Viviane Ribeiro. 2 ed. Bauru: EDUSC, 2002. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>7</sup> **Denys Cuche:** antropólogo, sociólogo, professor da Universidade Paris Descartes (Nota da **IHU On-Line**).

movente da cultura e, por conseguinte, do próprio humano. O que deve ser observado é o modo como esses elementos são apropriados e de que forma a pessoa que as adota revela sua identificação com esses traços.

**IHU On-Line** - Em um de seus trabalhos, a moda é entendida como uma "instância imaginária e mítica". Poderia falar um pouco sobre essa perspectiva?

**Renata Pitombo Cidreira** - O mito é um sistema comunicacional, é um modo de significação, é uma forma. Nesse sentido, entendo a moda como essa forma que condensa significações que em parte temos consciência e, em parte, não. Sempre revelamos algo que queremos, mas também algo que sem sequer pensarmos em revelar, pois o processo significativo depende da interação que estabelecemos com os outros, que vão interpretar nossas formas de apresentação de diversas maneiras, às vezes, para além ou aquém do que intentamos. E gosto de pensar que a roupa e a nossa composição da aparência não é apenas simbólica, mas também imaginária, no sentido de que mantém relação com nossos desejos, com nossas pulsões... com o que não controlamos, mas que está latente em nós.

**IHU On-Line** - De que maneira a moda tem participado da construção da identidade de gênero, expressando, mais recentemente, uma fluidez nos usos de ele-

mentos considerados femininos e masculinos?

**Renata Pitombo Cidreira** - A construção da aparência é um dispositivo importante na afirmação da identidade. Desse modo, o que escolhemos para cobrir e adornar nosso corpo é extremamente signi-

“

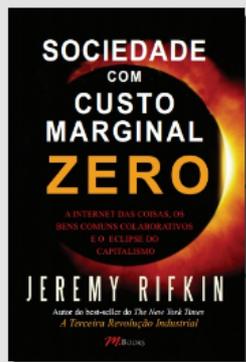
***Nossa composição da aparência não é apenas simbólica, mas também imaginária, no sentido de que mantém relação com nossos desejos, com nossas pulsões***

ficativo e, desde muito cedo, começamos a fazer nossas escolhas vestimentares influenciados pelo nosso entorno, pela família em primeiro lugar, depois pelos amigos e pelo local de trabalho. Assim, vamos, pouco a pouco definindo nosso modo de aparecer e de ser. Já assistimos, na década de 1920, por exemplo, a uma abordagem mais masculina no modo de se vestir das mulheres, desde o corte de cabelo,

até o uso de peças reconhecidas como do universo masculino. Coco Chanel<sup>8</sup> foi uma pioneira nesse sentido.

Na atualidade, há um movimento muito intenso no que diz respeito à identidade de gênero, promovendo uma maior abertura para a exibição dos mais diversos modos de ser e, sem dúvida, a moda está sintonizada com esse processo. Coleções ditas sem gênero têm sido lançadas no mercado, com maior ou menor êxito, mas numa demonstração de atenção a este fenômeno. ■

**8 Coco Chanel** – Gabrielle Bonheur Chanel (1883–1971): foi uma estilista francesa e fundadora da marca Chanel S.A. É a única estilista presente na lista das cem pessoas mais importantes da história do século XX da revista Time. A ligação de Chanel com o mundo da moda começou em 1910, em Deauville, quando abriu uma pequena chapelaria. Mais tarde abriu mais duas filiais da loja e suas criações logo caíram no gosto do público e seus negócios se expandiram. Nos anos 1920, Chanel já era uma designer influente. Começou a desenhar roupas confortáveis, com tecidos fluidos, peças emprestadas do guarda-roupa masculino e saias mais curtas, em contraste com a silhueta feminina rígida da época. Em 1922 criou o famoso perfume Chanel n° 5, que alavancou seus negócios e se tornou legendário. Durante a Segunda Guerra Mundial Chanel chegou a trabalhar como enfermeira, uma vez que os negócios de moda estavam em baixa. Nesta época envolveu-se com um oficial nazista, o que lhe custou o exílio. Em 1954 voltou a Paris e retomou seus negócios na alta costura. Sua carreira teve um renascimento nos anos 1950. O cardigã, o vestido preto e as pérolas tornaram-se marca registrada do estilo Chanel. A marca Chanel acabou tornando-se um grande império, que inclui bolsas, sapatos, joias, acessórios e perfumes. No ano de sua morte, aos 87 anos, Coco Chanel ainda trabalhava ativamente, desenhando uma nova coleção. (Nota da **IHU On-Line**)



## Sociedade Com Custo Marginal Zero

A Internet das Coisas, os Bens Comuns Colaborativos e o Eclipse do Capitalismo

Apresentação da obra pelo **Prof. MS Gilberto Faggion – UNISINOS** e pelo **Prof. MS Lucas Henrique da Luz – UNISINOS**

**25 de agosto | 17h30min**

Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU

**INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES – IHU.UNISINOS.BR**



Somos infinitas possibilidades

# Tendências: a efígie da sociedade materializada no estilo e consumo

Segundo Sandra Regina Rech, a partir de análises multifacetadas o sistema de moda procura refletir o espírito do tempo do complexo panorama sociocultural

*Por Leslie Chaves*

**A** moda é um elemento que participa ativamente da construção cultural de um grupo social. Entretanto, o que muitas vezes não se percebe é que o âmbito da moda influencia comportamentos, estilos e gostos a partir de um retrato da sociedade em um determinado tempo. Isto é, os traços identitários sociais são apreendidos e devolvidos sob a forma de conceitos e produtos. Tais características são capturadas através dos estudos de tendências, que “fornecem cenários da evolução da sociedade, englobando atividades, atitudes, comportamentos e inquietações sociais”, conforme explica Sandra Regina Rech em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**.

A pesquisadora reflete sobre a transdisciplinaridade desse campo de estudos, que lida com o complexo da cultura no esforço de compor projeções que possibilitem à indústria da moda compreender ciclos de preferências e estabelecer estratégias eficazes para atender ao desejo do consumidor, que em geral extrapola a perspectiva denotativa do ato de vestir, localizando-se na dimensão imaterial dos sentidos. De acordo com Sandra Rech, “na área do design de moda, pode-se afirmar que

tendências são diretrizes que reverberam as aspirações do mercado consumidor, ou seja, são a efetivação das expressões, percepções e sentimentos, abrigada sob a coletividade humana, direcionada em produtos industriais e de consumo”.

**Sandra Regina Rech** tem Licenciatura em Educação Artística pela Universidade de Caxias do Sul - UCS, mestrado e doutorado em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. É professora do Departamento de Moda da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, onde também lidera o grupo de pesquisa Design de Moda e Tecnologia e coordena o Laboratório Futuro do Presente - FPLab. No ramo da pesquisa em moda no país, coordena o GT Design e Processos de Produção em Moda no Colóquio de Moda, o maior congresso científico de moda no Brasil, e integra a Associação Brasileira de Estudos e Pesquisas em Moda - ABEPEM. Atualmente é pesquisadora colaboradora do Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design - CIAUD da Universidade de Lisboa, Portugal, onde está realizando estudos de pós-doutorado.

**Confira a entrevista.**

**IHU On-Line - Em que consiste o campo de pesquisa dos estudos de tendências? Quais são suas especificidades e critérios que definem o que é uma tendência?**

**Sandra Regina Rech** - Estudos de tendências são um campo disciplinar que agrega ferramentas e con-

ceitos de diversas disciplinas, tais como Ciências Culturais, Sociais, Humanas e Empresarias. Gomes (2014) disserta que os Estudos de tendências acercam os comportamentos e os padrões de consumo, de estilo e de gosto num paradigma de análise cultural e de mentalida-

des que possibilita compreender o consumidor e traçar estratégias mercadológicas sólidas.

A palavra tendência é conceituada como qualquer acontecimento de polarização pelo qual um objeto seduz ao mesmo tempo um número elevado de pessoas. O termo tem

relação com as noções de movimento, mudança e de imagem de futuro. De acordo com Higham (2009), a definição de tendência depende do contexto e do profissional, uma vez que existem de maneira simultânea significados sociais e científicos, além de metodologias diferentes. Por exemplo, na área das ciências exatas o termo é utilizado para descrever padrões econômicos, já no setor da moda, a partir do século XX, especifica os ciclos de estilo e gosto.

As tendências intervêm no bom senso dos consumidores quanto ao ato de escolha de qualquer produto ou serviço (ROUSSO, 2012). Raymond (2010) afirma que o termo não está sincronizado apenas com o mundo da moda ou que referencia somente processos culturais em nível físico ou estético. Assim, sem desconsiderar a forte influência do termo na área da moda, a verdade é que as tendências se estruturam e se popularizam pelo Sistema da Moda e se manifestam através dos produtos de Moda.

Sintetizando, na área do design de moda, pode-se afirmar que tendências são diretrizes que reverberam as aspirações do mercado consumidor, ou seja, são a efetivação das expressões, percepções e sentimentos, abrigada sob a coletividade humana, direcionada em produtos industriais e de consumo.

#### **IHU On-Line - Como é o campo de pesquisa dos estudos de tendências no Brasil?**

**Sandra Regina Rech** - Para alguns estudiosos, a área dos estudos de tendências (e também da moda) não é um objeto legítimo de investigação, embora não se possa negar o seu valor como palco para inquirir a sociedade. De acordo com Kawamura (2015), a moda, enquanto área de pesquisa na academia, às vezes, é tratada como um campo marginal, não merecedora de deferência intelectual.

Contudo, percebe-se que, nos últimos 15 anos, houve um significativo aumento na produção intelectual sobre a moda e sobre os

estudos de tendências, tanto no Brasil como no exterior, em sua forma multifacetada (artística, tecnológica, antropológica, sociológica, produtiva, econômica, social, psicológica, geográfica, fenomenológica, sustentável etc.). A riqueza e qualidade dos trabalhos publicados é atestada por vários autores, uma vez que os estudos de tendências e a moda estão presentes em distintos campos de atividade econômica e social (MORA, ROCAMORA e VOLONTÉ, 2014; GODART, 2010).

#### **IHU On-Line - Os estudos de tendências são atravessados por estudos de outras áreas? Quais? De que modo?**

**Sandra Regina Rech** - Seria infrutífero se os estudos de tendências estivessem limitados a uma só disciplina ou campo do saber. Portanto, as Ciências Sociais fornecem a base metodológica enquanto esfera científica. Já o estudo da conjuntura cultural apoia-se nas Ciências Humanas, possibilitando a compreensão do intrincado e complexo panorama sociocultural. Igualmente, as Ciências, a Tecnologia e as Artes disseminam referências que devem ser ponderadas na estruturação de um *moodboard*<sup>1</sup> das tendências.

Gomes (2014) relata que os estudos de tendências se apresentam como um campo transdisciplinar, integrando a sociologia, os estudos de cultura, a economia, o marketing, entre outros. Isto exige que o analista de tendências tenha uma formação oblíqua que integre diferentes conhecimentos científicos para a observação e compreensão do impacto do *zeitgeist* (espírito do tempo) no dia a dia dos consumidores/usuários dos produtos de moda.

Neste processo de análise das tendências, é imprescindível a observação dos comportamentos humanos no seu ambiente natural,

<sup>1</sup> **Moodboard:** é o conjunto de materiais, imagens e textos que pretendem projetar um estilo ou conceito particular. É um conceito utilizado por diversos designers para ajudar a criar a essência dos seus projetos, através de referências. (Nota da **IHU On-Line**)

distinguindo as diversas manifestações das tendências dos objetos resultantes das tendências. A faceta visível da tendência (os elementos identificáveis) não deve ser confundida com a tendência em si (GOMES, 2015). Assim, o entendimento do peso destas duas características das tendências é possibilitado pela apreensão dos elementos culturais e sociais da nossa sociedade hipermoderna. Para tal fim, o analista de tendências irá utilizar métodos quantitativos e qualitativos para averiguar e reconhecer as tendências de fundo micro e macro que norteiam o *zeitgeist* dos dias atuais, oportunizando a consciência dos desafios futuros (GOMES e FRANCISCO, 2013).

Mas vale ratificar que, apesar de os estudos de tendências facultarem visões do porvir, não têm relação com futurologia. "Compreender uma tendência é criar um contexto cultural, geográfico e temporal. Isto promove o desenvolvimento de uma contextualização histórica da realidade recente, da mesma forma que revela os potenciais caminhos e eventos futuros" (GOMES e FRANCISCO, 2013, p. 10). Os estudos de tendências fornecem cenários da evolução da sociedade, englobando atividades, atitudes, comportamentos e inquietações sociais.

#### **IHU On-Line - Como se dá a relação entre os estudos de tendências e o campo financeiro? Que peso têm as questões econômicas e mercadológicas na definição das tendências de mentalidade?**

**Sandra Regina Rech** - Por meio da reflexão sobre futuros desafios, os Estudos de Tendências contribuem para a organização e exame das opções estratégicas e mercadológicas por parte das empresas, norteando ações decorrentes. Por conseguinte, constata-se que a atitude prospectiva se fundamenta no controle da mudança, agindo em pró-atividade, além de incitar transformações desejadas no cenário presente.

As tendências estão consolidadas sobre duas bases: (1) cultural e (2)

comercial. A primeira refere-se à base cultural das tendências, isto é, as tendências estão firmadas em uma conjuntura cultural e são subjacentes aos mecanismos operacionais, não sendo conduzidas pelos negócios. Erner (2013) afirma que “nem todas as tendências têm uma origem comercial”, deste modo podem estar localizadas em esferas que não asseguram lucro a ninguém. “Exemplo perfeito de tendências não comerciais: os mecanismos que presidem a escolha dos nomes. A relação com os nomes poderia, inclusive, constituir um referencial da nova maneira que os indivíduos têm de lidar com as tendências. A existência de um ciclo na forma de batizar as crianças é um fenômeno recente; ela atesta a importância inédita das tendências, até em âmbitos que ninguém teria interesse em controlar” (ERNER, 2015, p. 13).

A segunda maneira refere-se às organizações comerciais. Os estudos de tendências possibilitam à empresa estruturar e avaliar suas opções estratégicas e mercadológicas, através de uma reflexão coletiva dos futuros desafios. No século XXI, proliferam estudos em vários países, sob diversos enfoques, com destaque para as pesquisas acerca de interesses estratégicos nacionais; a geração de políticas tecnológicas em segmentos específicos; o desenvolvimento regional e de aglomerados produtivos (RECH e MACIEL, 2015).

Posto isto, é relevante uma sensibilidade aguda que objetive os Estudos de Tendências. A versatilidade e a instabilidade de informações devem ser respeitadas, pois, por meio do estudo e análise dos fenômenos sociais, torna-se possível a prospecção de tendências de mentalidade, as quais, a posteriori, serão traduzidas em produtos/serviços para a indústria da moda.

**IHU On-Line - A moda não se restringe ao ato de vestir-se, sendo também um elemento importante de construção da identidade e do posicionamento social do sujeito. Os estudos de tendências consi-**

**deram esse aspecto? Por quê? De que modo?**

**Sandra Regina Rech** - Sim, os Estudos de Tendências são um importante instrumento para a identificação comportamental e análise do desenvolvimento progressivo das mentalidades. Os dados obtidos, por intermédio deste tipo de investigação, permitem conhecimento das flutuações do comportamento social e identificação de padrões que podem gerar tendências. Logo, para a configuração de tendências faz-se necessário compreender o *zeitgeist* e entender o momento presente.

Vejlgaard<sup>2</sup> (2013) sanciona que a pesquisa do nascimento, estabelecimento e crescimento de padrões de comportamento conduzem à identificação de tendências. Gomes, Alves e Lopes (2016, p. 13) asseguram que o reconhecimento de *cool examples*<sup>3</sup>, utilizando técnicas de *coolhunting*<sup>4</sup>, torna “possível a abertura a novas perspectivas, a novos padrões comportamentais e à identificação de tendências emergentes”.

Portanto, os resultados dos estudos de tendências podem ser aplicados em várias áreas empresariais e de inovação, dado que são uma ferramenta para a compreensão das mentalidades, daquilo que o consumidor/usuário deseja e está receptivo em certo momento.

<sup>2</sup> **Henrik Vejlgaard**: pioneiro na sociologia da tendência, o estudo do processo de tendência. Combinando um fundo da ciência social e da comunicação, ele é consultor de várias empresas e indústrias sobre os temas de inovação e desenvolvimento de produtos. (Nota da IHU On-Line)

<sup>3</sup> **Cool examples**: Da língua inglesa, “Cool”, cuja tradução formal mais próxima seria “frio” ou “descontraído”, é também usado na gíria para representar coisas “legais”. Em moda se refere ao que é considerado atrativo, inspirador e com potencial de crescimento, são itens ou comportamentos que são admirados e desejados por representarem o espírito de uma época – *Zeitgeist*. “Cool examples” refere-se à expressão dessas tendências de gostos e de estilos. (Nota da IHU On-Line)

<sup>4</sup> **Coolhunting**: é o processo de pesquisa de tendências (comportamentos sociais e individuais) que envolve executar observações e previsões, sendo uma forma de apreender o que a mente coletiva está concebendo. (Nota da IHU On-Line)

**IHU On-Line - De que forma você avalia a questão do valor simbólico em sua relação com o valor funcional dos artigos de moda? Qual é o papel das marcas nesse aspecto?**

**Sandra Regina Rech** - Evidenciada pela efemeridade, a indústria da moda mostra-se como um setor competitivo, intensificado pela globalização, pela criação rápida de novos produtos e pela concorrência. Os ativos imateriais (intangíveis) são cada vez mais cruciais nesta competitividade e uma das particularidades da cadeia produtiva da moda, em termos recentes, está relacionada ao desenvolvimento e incentivo destes ativos imateriais.

Na cadeia produtiva da moda, os ativos intangíveis englobam ativos anteriores e posteriores à produção, como estudos de tendências, design, desenvolvimento do produto, engenharia, marketing, canais de comercialização, marcas, logística, manutenção e assistência de fornecedores, capacidade de administração e coordenação da cadeia. Gimeno (2000, p. 229) disserta que a moda é um instrumento eficaz para o aumento da competitividade das empresas, já que possibilita a diferenciação do produto e, conseqüentemente, da própria empresa.

Como ferramenta de competitividade, o emprego é dependente do “plano estratégico da empresa, do mercado que deseja ocupar e de sua capacidade técnica e artística para sua aplicação”. Assim, a curto e a médio prazo, a criação de insights inovadores a partir das tendências oportuniza prever a necessidade de produtos e/ou serviços por parte dos consumidores.

**IHU On-Line - O que os estudos de tendências podem nos dizer a respeito da cultura de uma sociedade? Que elementos revelam?**

**Sandra Regina Rech** - No exercício dos estudos de tendências, a percepção dos princípios culturais e sociais torna-se capital para propiciar os inputs empíricos, de sorte

a diferenciar o peso e a natureza de uma tendência na composição socioeconômica. Investigadores da área chancelam que tudo são dados, isto é, tudo o que se observa no ambiente de pesquisa ou sobre o tema de pesquisa. A tendência provém dos dados, coletados e analisados por meio do processo de investigação (STRAUSS; CORBIN, 2009).

“Desde os anos 1970, a ‘forma moda’ foi identificada por outros autores como um ‘fato social total’, o que significa que o seu modo de funcionamento alastrou-se para todas as esferas da sociedade e da cultura” (CALDAS, 2014, p. 43). As tendências (e a moda, é evidente) são o espelho da sociedade, conseqüentemente é possível pesquisá-las em todo lugar, tanto nas ruas, na internet, em uma exposição de arte ou nos costumes e hábitos de uma cultura (LIPOVETSKY, 2010). As influências observadas e analisadas pelos analistas de tendências fornecem uma espécie de reflexo da hipermodernidade. A sociedade anuncia sinais que precisam ser compreendidos, analisados e interpretados por profissionais capacitados a entendê-los, atingindo, desta maneira, ao consumidor de forma sintética e organizada. “Pode-se ler um ritual ou uma cidade, da mesma maneira como se pode ler um conto popular ou um texto filosófico” (DANTON, 2006, p. XVI).

Back (2008) assegura que pesquisar tendências é perceber influências exercidas sobre um contexto e ler sua evolução buscando compreender suas futuras conseqüências. A função dos analistas de tendências é destrinchar estes dados, compará-los com os momentos culturais, econômicos ou sociais em que se vive, e decidir o que pertence ou não a uma determinada linha de pensamento, diminuindo assim o grau de erro na determinação de novas tendências. A investigação dos estudos de tendências encetada sobre as fontes exige um questionamento que supere a descrição, a enumeração e o reconhecimento da importância da

aparência no contexto escolhido. Pleiteia o inventário das imagens circundantes, das aparências constituídas, mas, especialmente, da recepção que os sujeitos deram a ela (SANT’ANNA, 2003).

Sendo assim, é importante uma sensibilidade aguda visando ao estudo de prospecção de tendências. A variabilidade de informações e a capacidade de sua mutabilidade são admiráveis, a ponto de confundir o que ainda não estiver bem definido. Finalizando, pode-se afirmar que os estudos de tendências compõem um meio facilitador de conceitos densos e prolixos.

**IHU On-Line - Muitos pesquisadores afirmam que a obsolescência faz parte da moda. Nesse contexto, que papel desempenham as pesquisas de tendências de mentalidades?**

**Sandra Regina Rech** - A obsolescência faz parte do sistema de consumo e não apenas do setor da moda. Svendsen<sup>5</sup> (2010, p. 131) explana que o atual consumidor “projeta um gozo idealizado sobre produtos cada vez mais novos, uma vez que os velhos e bem conhecidos perdem pouco a pouco sua capacidade de encantar”. Por conseguinte, verifica-se que a análise e a interpretação dos sinais da sociedade regulam os setores em relação aos desejos e anseios da população consumidora.

Neste contexto, para investigar a adoção de uma tendência por um mercado em certo momento, Vejlgard (2013) desenvolveu o conhecido modelo de Diamante das Tendências, representando a mesma proporção de adoção de uma inovação da curva de Rogers (2003). O modelo tem uma dimensão de tempo (vertical) utilizada para “monitorar” a velocidade com que

<sup>5</sup> **Lars Fredrik Händler Svendsen** (1970) é um filósofo norueguês, professor no Departamento de Filosofia na Universidade de Bergen, Noruega. Ele é o autor de vários livros, incluindo *A Filosofia do Tédio* (2005), *Moda: uma filosofia* (2006), *A Filosofia do Medo* (2008), e *do Trabalho* (2008). (Nota da **IHU On-Line**)

consumidores diferentes escolhem determinado estilo. O autor relata que quando o analista de tendências conhece a velocidade típica de um mercado, poderá prever quanto tempo uma nova tendência demorará para ser adotada pelos grupos adjacentes. A velocidade com que cada tendência percorre o diagrama é variável conforme a introdução de determinada tendência em um país, cidade, população ou em grupos sociais. Qualquer fator, até o mais básico, pode afetar a amplitude e a potência de uma tendência, sendo importante considerar todos os pontos de interferência em seu trajeto.

O processo é intrigante uma vez que se pode examinar o processo de adoção de uma tendência ao mesmo tempo em diferentes categorias de produtos. Vejlgard (2013) salienta que, por exemplo, nas categorias cosméticos, roupas e acessórios é mais fácil perceber as velozes mudanças no estilo e gosto do que em categorias como produtos de decoração e equipamentos esportivos. Outro exemplo são as inesperadas alterações nos gostos musicais, enquanto hábitos e gostos alimentares têm um ciclo de vida mais longo antes de transformarem-se e tornarem-se *mainstream*<sup>6</sup>. A visibilidade ou não de uma tendência é confirmada por Higham<sup>7</sup> (2009) que destaca que quanto mais visível for a tendência, mais ela será copiada.

**IHU On-Line - Deseja acrescentar algo que não tenha sido abordado pelas perguntas?**

<sup>6</sup> **Mainstream** (“corrente principal”): é um termo em inglês que designa o pensamento ou gosto corrente da maioria da população. O termo inclui tudo que diz respeito à cultura popular e é disseminado principalmente pelos meios de comunicação em massa. Muitas vezes é também usado para designar algo que “está na moda”. O contrário do *Mainstream* seria chamado de *Underground* ou *Hipster*, ou seja, o que não está ao alcance do grande público, sendo restrito a cenas locais ou públicos restritos. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>7</sup> **James Higham**: professor do departamento de Antropologia da Universidade de Nova Iorque. Seus temas de pesquisa são seleção sexual, comunicação, endocrinologia comportamental. (Nota da **IHU On-Line**)

**Sandra Regina Rech** - É basal entender que os Estudos das tendências são uma nova área de investigação que proporciona uma perspectiva transdisciplinar e ino-

vadora. Compreendem o estudo em campos distintos, com o objetivo claro de assimilar a origem, a essência, os valores e os resultados decorrentes das mudanças com-

portamentais e de mentalidades numa visão ampla e que possa gerar inovações, estratégias, práticas e novas políticas para produtos e/ou serviços. ■

## REFERÊNCIAS

- BACK, S. Pesquisa de Tendências - um modelo de referência para pesquisa prospectiva. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC, Florianópolis, 2008.
- CALDAS, D. Observatório de Sinais: teoria e prática da pesquisa de tendências. São Paulo: E-ODES [e-book], 2014.
- DARNTON, R. O Grande Massacre de Gatos e Outros Episódios da História Cultural Francesa. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- ERNER, G. Sociologia das Tendências. São Paulo: Gustavo Gili, 2015.
- GIMENO, J. M. I. La Gestión del Diseño em la Empresa. Madrid, Espanha: McGraw-Hill/Interamericana de España, 2000.
- GODART, F. Sociologia da Moda. São Paulo: Senac, 2010.
- GOMES, N.P., LOPES, M. A.V., ALVES, P. A. Coolhunting e estudos de tendências aplicados à moda: modelo de segmentação estratégica. Modapalavra e-periódico, 2006. [online] Disponível em <<http://bit.ly/25gTfuk>> Acesso em 17/04/2016.
- GOMES, N.P. A Análise de Tendências e da Cultura como uma ferramenta para a Gestão de Marcas. e-revista LOGO, 2015. Disponível em <<http://bit.ly/1qJcHQR>> Acesso em 17/04/2016.
- GOMES, N. P. Comportamento de Consumo, Elites Sociais e Moda: contributo para a consolidação disciplinar dos Estudos de tendências. Tese (Doutorado). Programa de Cultura e Comunicação, Faculdade de Letras. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2014.
- GOMES, N.P.; FRANCISCO, A.P. Introdução aos Estudos de Tendências: conceitos e modelos. Lisboa: TRC, 2013 [e-book].
- HIGHAM, W. The Next Big Thing: spotting and forecasting consumer trends for profit. London: Kogan Page, 2009.
- KAWAMURA, Y. Doing Research in Fashion and Dress: an introduction qualitative methods. London: Bloomsbury Academic, 2015.
- LIPOVETSKY, G. O Império do Efêmero. Alfragide: Editora Dom Quixote, 2010.
- MORA, E.; ROCAMORA, A.; VOLONTÉ, P. The Internationalization of Fashion Studies: rethinking the peer-reviewing process. International Journal of Fashion Studies, Bristol, UK, v.1, n.1, p. 3-17, 2014.
- RAYMOND, M. Tendencias: qué son, cómo identificarlas, en qué fijarnos, cómo leerlas. Barcelona: Promopress, 2010.
- RECH, S. R., MACIEL, D. M. H. A Proposal for Prospective Method based on Grounded Theory. In: The Value of Design Research - 11th International European Academy of Design Conference, 22-25/abril/2015, Paris - França.
- ROGER, E. M. Diffusion of Innovations. New York: Simon and Schuster, 2003.
- ROUSSO, C. Fashion Forward - a guide to fashion forecasting. London: Fairchild Books, 2012.
- SANT'ANNA, M. A Moda - o desafio de pensá-la além do produto. In: QUIRINO, F. S. (Orgs), Modapalavra, vol. 2, nº. 2 (pp. 72-86). Florianópolis/SC, Brasil: UDESC/CEART, 2003.
- STRAUSS, A. CORBIN, J. Pesquisa Qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- SVENDSEN, L. Moda: uma filosofia. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- VEJLAARD, H. Style Eruptions: how 6 different groups of trendsetters make trends happen. Copenhagen: Confetti Publishing, 2013.

# A moda vista pela mídia

Monique Vandresen analisa como a construção da moda pelos veículos de comunicação potencializa um mercado que busca o consumo

Por Leslie Chaves | Edição João Vitor Santos

**P**ara a jornalista e professora universitária Monique Vandresen, os conceitos de moda e comunicação são quase gêmeos siameses, em que um nutre o outro e ambos vão crescendo. Se a moda “cria” mercado ou tendência, é na comunicação que se estabelece um sistema de propagação e potencialização de seus produtos. “Tanto o sistema da moda quanto o da comunicação se alimentam deste aumento de oportunidades de mobilidade e autopromoção que caracterizam as sociedades burguesas”, destaca. Ou seja, a moda é moda realmente quando ganha os espaços comunicacionais e, inclusive, ganha expressão estética de produto comunicacional. “A moda obedece ao imperativo capitalista de gerar desejos sempre novos, e isto só é possível com um sistema de Comunicação que pulverize estes desejos”, reitera.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Monique analisa os diferentes espaços midiáticos que servem ao mercado da moda. A jornalista atenta para uma curiosidade em termos de Brasil: embora a produção de veiculação de programas e publicações especializados no mundo da moda venha crescendo, a propagação dos modismos e tendências de forma massiva se dá em outro espaço midiático. “O produto midiático mais influente na área de moda, no nosso país, é a telenovela, considerada por muitos estudiosos o programa de maior audiência na América Latina e um dos principais produtos da cultura de massa da televisão brasileira”, revela.

Para Monique, essa também é uma abertura para discutir gênero através das ditas revistas femininas. Para ela, muitas têm origem como veículo de comunicação para a moda, mas vão se abrindo para outras nuances do universo da mulher. “As revistas femininas vêm cobrindo temas como violência sexual, direitos da mulher, violência obstétrica e saúde há um bom tempo. Acho interessante que dividamos as bancas de jornal em ‘revistas’ e ‘revistas femininas’, acho que estas fronteiras estão mudando”.

**Monique Vandresen** é jornalista e professora universitária, trabalha desde 1988 com Jornalismo Cultural. Foi editora do caderno de cultura do jornal O Estado e colaboradora de publicações como Revista Nova Cosmopolitan, Revista Veja, Revista Empreendedor, Jornal O Catarina, Jornal da Indústria e Comércio, Jornal AN Capital. Ainda trabalhou na TV Cultura. É Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo - USP e desenvolve pesquisa na área de Comunicação, com ênfase no papel da revista feminina na construção de conceitos de moda e elegância. Professora associada da Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, realizou estágio pós-doutoral na University of California-Riverside. É graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, com mestrado em Desenvolvimento pelo Institute Of Social Studies, onde foi bolsista do Governo Holandês.

**Confira a entrevista.**

**IHU On-Line - Qual é a relação mais direta que pode ser feita entre os mundos da moda e da mídia?**

**Monique Vandresen** - Estes dois mundos cresceram na mesma “casa”. Tanto a moda quanto a

mídia são, ao mesmo tempo, produto e produtores de um sistema sedimentado na Europa a partir de 1850 e no entendimento deste sistema como um mecanismo complexo que tem implicações sociais, culturais, comportamentais e de mercado. Há certo

consenso em traçar a história da moda a partir do final do período medieval, mas acredito que, para a Comunicação, o período em que o crescimento territorial e demográfico de algumas cidades redefine formas de convivência e sociabilidade é quando podemos

começar a falar de Comunicação de Moda.

Tanto o sistema da moda quanto o da Comunicação se alimentam deste aumento de oportunidades de mobilidade e autopromoção que caracterizam as sociedades burguesas. Baudrillard<sup>1</sup>, por exemplo, defende que só há moda no quadro da modernidade, num esquema de ruptura, de progresso e de inovação. Como Bourdieu<sup>2</sup>, Baudrillard vê a hierarquia social refletida em práticas sutis de consumo e educação, que enfatizam mudanças na sociedade. Outros teóricos abordam a questão sob o ponto de vista da estratificação social, definindo a moda como uma forma de distinguir a elite das demais classes. E a mídia tem um papel fundamental nesta distinção. A moda obedece ao imperativo capitalista de gerar desejos sempre novos, e isto só é possível com um sistema de Comunicação que pulverize estes desejos.

**IHU On-Line - De que modo avalia o cenário de produtos midiáticos (programas de TV, revistas, encartes de jornais, sites) voltados para a moda no Brasil? Que**

**1 Jean Baudrillard** (1929-2007): filósofo e sociólogo. Um dos importantes pensadores ocidentais da atualidade, é autor de vários livros entre os quais destacamos: *A troca impossível* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002), *A ilusão vital* (Civilização Brasileira, 2001) e *A sociedade do consumo* (Lisboa: Edições 70, 2000). (Nota da **IHU On-Line**)

**2 Pierre Bourdieu** (1930-2002): sociólogo francês. De origem camponesa, filósofo de formação, chegou a docente na École de Sociologie du Collège de France, instituição que o consagrou como um dos maiores intelectuais de seu tempo. Desenvolveu, ao longo de sua vida, mais de trezentos trabalhos abordando a questão da dominação, e é, sem dúvida, um dos autores mais lidos, em todo mundo, nos campos da Antropologia e Sociologia, cuja contribuição alcança as mais variadas áreas do conhecimento humano, discutindo em sua obra temas como educação, cultura, literatura, arte, mídia, linguística e política. Seu primeiro livro, *Sociologia da Argélia* (1958), discute a organização social da sociedade cabila, e em particular, como o sistema colonial interferiu na sociedade cabila, em suas estruturas e desculturação. Dirigiu, por muitos anos, a revista *Actes de la recherche en sciences sociales* e presidiu o CISIA (Comitê Internacional de Apoio aos Intelectuais Argelinos), sempre se posicionando clara e lucidamente contra o liberalismo e a globalização. (Nota da **IHU On-Line**)

**tipo de formato tem mais tradição e influência?**

**Monique Vandresen** - Por incrível que pareça, não são os programas especializados na TV, nem as revistas, nem os segundos cadernos que ocupam, no Brasil, o local de maior influência quando o assunto é moda. O produto midiático mais influente na área de moda no nosso país é a telenovela, considerada por muitos estudiosos o programa de maior audiência na América Latina e um dos principais produtos da cultura de massa da televisão brasileira.

Em 2009, um estudo do Banco Interamericano de Desenvolvimento - BID concluiu que a televisão desempenha um papel crucial na circulação de ideias, especialmente em países em desenvolvimento com uma forte tradição oral, como o Brasil. Este tipo de resultado nos mostra que alguns programas de televisão podem ser uma ferramenta para transmitir não apenas informações de moda, mas mensagens sociais importantes que ajudam, por exemplo, a lutar contra a disseminação da epidemia de Aids e promover a proteção dos direitos de minorias.

Neste sentido, impossível não falar da importância do publicitário e fotógrafo italiano Oliviero Toscani<sup>3</sup>, que ficou conhecido internacionalmente pelas campanhas publicitárias polêmicas para a Benetton, entre 1982 e 2000. O trabalho de Toscani é considerado um dos maiores fenômenos da comunicação publicitária do século XX. Toscani costuma dizer em entrevistas que não fez publicidade, especulou em cima da publicidade. Usou o espaço publicitário para chamar a atenção sobre assuntos polêmicos como racismo, papéis sociais, a igreja, a AIDS.

## Mediações televisivas

Voltando à TV, os estudos de recepção têm indicado que grande

**3 Oliviero Toscani** (1942): é um fotógrafo italiano, que inventou campanhas publicitárias polêmicas para a marca italiana Benetton durante os anos 90. (Nota da **IHU On-Line**)

parte da forma como conhecemos o "outro" e sua realidade se dá de forma mediada pela TV. Nesta mediação podemos discutir tanto a aliança entre a telenovela e a moda nas meias de lurex usadas pela personagem Júlia Matos na novela *Dancin' Days*<sup>4</sup>, de Gilberto Braga<sup>5</sup>, por exemplo, quanto a forma como vemos as camadas populares, uma comunidade pacificada e as distâncias sociais. É importante ressaltar que este tipo de programa, que no Brasil atinge hoje mais ou menos 38 milhões de pessoas, pode trazer, junto com a moda, outras discussões. Existem trabalhos magníficos sobre o assunto desenvolvidos pelo Núcleo de Pesquisa em Telenovelas - NPTN, da Escola de Comunicações e Artes - ECA da Universidade de São Paulo - USP.

O professor australiano Graeme Turner<sup>6</sup> recentemente dividiu as pesquisas sobre o futuro da TV entre as do "pessimismo broadcast" e as do "otimismo digital". Se os pessimistas acreditam - e lamentam - que estamos testemunhando o fim da TV compartilhada, os otimistas acreditam em uma nova TV capaz de satisfazer necessidades individuais, livres de controle em comparação com a experiência anterior da televisão.

**4 Dancin' Days:** é uma telenovela brasileira produzida e exibida pela Rede Globo no horário das 20 horas, de 10 de julho de 1978 a 26 de janeiro de 1979, com sua trama ambientada no "universo disco". Foi a 21ª "novela das oito" exibida pela emissora. Escrita por Gilberto Braga e dirigida por Daniel Filho, Gonzaga Blota, Dennis Carvalho e Marcos Paulo, com direção geral de Daniel Filho. (Nota da **IHU On-Line**)

**5 Gilberto Braga** (1945): é um autor de telenovelas brasileiro, criador da famosa personagem Odete Roitman e de outros grandes sucessos como Vale Tudo, Escrava Isaura e Água Viva. Sua telenovela de 2007, *Paraíso Tropical*, foi indicada em 2008 ao Emmy na nova categoria de melhor novela. A maioria de suas novelas tem um assassinato misterioso nos capítulos finais. (Nota da **IHU On-Line**)

**6 Graeme Turner** (1947): professor australiano de estudos culturais na Universidade de Queensland, Federação Fellow, ex-presidente da Academia Australiana de Ciências Humanas, diretor do Centro de Estudos Críticos e Culturais e *convenor* da ARC Cultural Research Network. (Nota da **IHU On-Line**)

Acho importante ressaltar que temos, sim, uma variedade sem precedentes de programas, muitos, aliás, de Moda. Para as classes mais favorecidas, as limitações de tempo e espaço e esta miríade de plataformas é uma realidade. Mas é ingenuidade acreditar que esta nova realidade oblitera questões geográficas, transforma consumidores em produtores, encoraja novas subjetividades e liga pessoas de diferentes classes e culturas, pelo menos em grande escala. É interessante notar que em uma área onde pouco mudou - o jornalismo impresso - encontramos exemplos mais democráticos de Comunicação de Moda que nos programas especializados da TV. E embora este jornal possa estar em uma outra plataforma - num tablet ou num celular - boa parte do público que usufrui desta produção (o jornalismo de Moda centrado no cidadão comum) geralmente entra em contato com estes veículos através das edições em papel. Gosto muito do trabalho feito pela jornalista Márcia Disitzer<sup>7</sup> no jornal O Dia, no Rio de Janeiro.

## Revistas

Com relação às revistas, acho que é difícil pensar no futuro deste tipo de publicação sem a internet. Acho que há experiências interessantes, como o aplicativo “Co-Fashion”, que consegue juntar conteúdos estáticos de publicações das revistas da Hearst<sup>8</sup> com tópicos que estão em alta nas mídias sociais, como o Twitter. Outro aplicativo, o “Zine”, permite que leitores publiquem suas próprias revistas utilizando conteúdos da Hearst. Acho que é mais importante do que nunca construir pontes entre as revistas e startups que atuem na área, como ModCloth, StyleSeat e Birchbox.

<sup>7</sup> **Marcia Disitzer**: é uma jornalista brasileira de moda. Trabalha no jornal carioca O DIA desde 1993. É editora do caderno Mulher. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>8</sup> A revista pertence a Hearst Corporation, Inc., que é uma multinacional especializada na mídia de massa, com base na Torre Hearst em New York, Estados Unidos. (Nota da **IHU On-Line**)

**IHU On-Line - Que papel desempenham esses produtos midiáticos no campo da moda? Quais os públicos do mundo da moda que mais atingem (consumidores, estilistas, marcas, definição de tendências etc.)?**

**Monique Vandresen** - A informação sempre foi um produto caro. As ferramentas de comunicação e os conteúdos que fazem a diferença em escritórios de design, comunicação, marketing e as utilizadas por marcas e estilistas são completamente diferentes das que vemos em nossos tablets, na TV ou nas bancas de revista. Se olharmos toda a cadeia têxtil ou todo o sistema de moda, veremos que estes dois universos comunicacionais se encontram em algum momento. Se fossem uma cascavel, a mídia especializada em tendências seria a cabeça e a mídia tradicional, o chocalho no fim da cauda. Estilistas, marcas e empresas de Comunicação investem em produtos de empresas como Nelly Rody, Pellers, Promostyl, Carlin, WGSN e, no Brasil, Box 1284 e Observatório de Sinais.

Com relação ao papel destes produtos midiáticos, acho que, como destacado por Baudrillard, contribuem para a construção deste mundo em que vivemos, onde nos encontramos cada vez mais rodeados por objetos e cada vez menos por outros homens ou mulheres.

**IHU On-Line - Alguns estudiosos afirmam que a moda não se restringe ao ato de vestir-se, sendo também um elemento importante de construção da identidade e do posicionamento social do sujeito. A mídia participa desse processo de algum modo? Por quê? Como?**

**Monique Vandresen** - É importante lembrar que grande parte dos bens de consumo serve a este mesmo propósito, constituindo-se em um capital simbólico, e que o valor simbólico de um bem se transforma ao longo da história. O Design e a Publicidade estão na raiz destas transformações. Se pensarmos em um automóvel ou em uma geladeira, por exemplo, veremos

que ter um carro na Europa, na primeira década do século XX, ou ter uma geladeira no Brasil, em 1960, posicionava o sujeito em uma determinada classe social, mas não colaborava para a construção de sua identidade. Hoje, podemos escolher entre centenas de modelos e cores de automóveis, entre uma geladeira que parece espacial e outra que nos lembra os anos 50. Estes dois produtos, e tantos outros no nosso dia a dia, ajudam a compor nossa identidade.

Para deixar mais claro o papel da mídia nesta construção, se conseguíssemos tirar o capitalismo da equação em um regime que não fosse totalitário como os que temos em nossa história, a moda funcionaria de uma forma bastante parecida com a forma com que a música funciona, com mensagens que resistem à atribuição de significados que não sejam ambíguos. Com o sistema que temos, a comunicação - o que falo com minhas roupas - é menos parecida com uma troca de significados, de ideias, e mais parecida com uma performance posta em movimento por meio de vários significantes já estabilizados.

O interessante, já apontado por Umberto Eco<sup>9</sup> em 79, é que apesar de definir muitos destes significados por uma temporada, a moda tem como característica básica a baixa semanticidade, ou seja, a relação entre significante e significado é instável. E é instável porque precisamos que o rosa quartz e o serenity blue que marcam 2016

<sup>9</sup> **Umberto Eco** (1932-2016): escritor, filósofo, semiólogo, linguista e bibliófilo italiano de fama internacional. Foi titular da cadeira de Semiótica e diretor da Escola Superior de ciências humanas na Universidade de Bolonha. Ensinou temporariamente em Yale, na Universidade Columbia, em Harvard, Collège de France e Universidade de Toronto. Colaborador em diversos periódicos acadêmicos, dentre eles colunista da revista semanal italiana L'Espresso, na qual escreveu sobre uma infinidade de temas. Eco foi, ainda, notório escritor de romances, entre os quais *O nome da rosa* e *O pêndulo de Foucault*. Junto com o escritor e roteirista Jean-Claude Carrière, lançou em 2010 *N'Espérez pas vous Débarasser des Livres* (“Não Espere se Livrar dos Livros”, publicado em Portugal com o título “A Obsessão do Fogo” e no Brasil como “Não contem com o fim do livro”). (Nota da **IHU On-Line**)

como as cores do ano possam ser substituídas por outras cores, texturas e formas em 2017.

## Universo de símbolos

Medir o potencial, no universo da moda, de construção de símbolos e verificar de que forma esses símbolos constituem campos de produção cultural nos ajuda a comprovar a força adquirida pela linguagem das imagens e, mais precisamente, a força que recursos de mediação cada vez mais complexos imprimem aos símbolos, criando a sensação de “pertencer a uma determinada tribo”. Simmel<sup>10</sup> já dizia que a moda permite ao indivíduo ser guiado por um círculo social que aceita a imitação, libertando-o de qualquer responsabilidade ética e estética.

**IHU On-Line - Você poderia falar um pouco sobre a questão da dualidade entre busca de diferenciação e semelhança presente na moda?**

**Monique Vandresen** - A moda é um sistema recheado de ambivalências. Gilles Lipovetsky<sup>11</sup>, Marino Livolsi<sup>12</sup>, Giorgio Lomazzi, Umber-

to Eco, Baudrillard e Maffesoli<sup>13</sup> discutem como ocorre a expressão individual dentro de padrões seguidos pelo coletivo. Vivemos em uma sociedade que festeja, contraditoriamente, tanto o desejo de diferenciação como o de ser único. Esse debate tem permeado as discussões sobre o tema moda há mais de 70 anos e é especialmente pertinente no trabalho de Bourdieu, que define o consumo de moda como a aquisição de um capital simbólico, já que se trata de uma relação marcada por uma necessidade de integração ao grupo a que pertencemos. Mas o ser diferente e o ser igual não é o único espaço de ambiguidade na moda: ela também passeia entre a modéstia e o erotismo, conciliando duas coisas inconciliáveis: expor e valorizar o físico e, ao mesmo tempo, deixar o pudor em segurança.

**IHU On-Line - De que forma você avalia a crescente atuação dos bloggers de moda, que com frequência não são pessoas especialistas na área, mas têm opiniões influentes entre os consumidores e o mercado da moda?**

**Monique Vandresen** - Este tipo de veículo e outras plataformas

os ensinamentos de Sociologia e Sociologia da Comunicação (Faculdade de Psicologia, Licenciatura em Ciências da Comunicação). Também leciona Teorias e Técnicas de Comunicação de Massa da Faculdade de Letras e Filosofia da Universidade de Siena (em Ciências da Comunicação). (Nota da **IHU On-Line**)

**13 Michel Maffesoli**: sociólogo francês. Leciona na Sorbonne – Paris V, é diretor do Centro de Estudos sobre o Atual e o Quotidiano (CEAQ) e edita a revista Sociétés. Escreveu inúmeros livros importantes para a compreensão da mutabilidade social moderna e pós-moderna, como *A conquista do presente* (Rio de Janeiro: Rocco, 1984); *A contemplação do mundo* (Porto Alegre: Artes & Offícios, 1995); *A transfiguração do político: a tribalização do mundo* (Porto Alegre: Sulina, 1997); *Lógica da dominação* (Rio de Janeiro: Zahar, 1978); *Moderno e pós-moderno* (Rio de Janeiro: UERJ, 1994). A edição 162 da **IHU On-Line**, de 31-10-2005, publicou uma entrevista exclusiva com Maffesoli sob o título *Culturas locais estão sendo revalorizadas*, disponível em <http://migre.me/69ujD>. Leia também “*A política moderna não tem mais sentido*”, disponível em <http://bit.ly/ihu230414>. (Nota da **IHU On-Line**)

digitais, como o Instagram e o Snapshat, ganham cada vez mais espaço no mercado de Comunicação de Moda. Acho triste que uma área com um papel tão importante na cultura contemporânea esteja valorizando tanto os “influencers” e tão pouco a experiência, o bom jornalismo e o bom texto. Hoje em dia, da mesma forma que há agências especializadas em modelos, maquiadores e fotógrafos, há agências especializadas nestes “influencers”, gente que tem muitos seguidores no Instagram e acaba sendo paga para fotografar um sapato, um sorvete, qualquer coisa.

Na escolha de uma modelo para uma campanha também ganha mais pontos quem é mais popular neste mundo digital. Vivemos em um mundo onde não se arrisca mais. Recentemente, em uma palestra, o cineasta Steven Soderbergh<sup>14</sup> registrou como o cinema hoje é realizado em escala industrial, apontado para as massas, projetado como consumo padronizado e descartável.

**IHU On-Line - Você poderia falar sobre a pesquisa que desenvolveu a respeito do universo das revistas femininas e suas relações com a moda? Por que a escolha do formato revista feminina para analisar as questões de moda?**

**Monique Vandresen** - Comecei a pesquisar a imprensa feminina em 2000. Como jornalista, antes de fazer mestrado, em 1993, sempre trabalhei em revistas e segundos cadernos. Sou apaixonada pelo jornalismo e, em especial, pelo jornalismo de cultura. Minha tese de doutorado, defendida em 2005, investiga os percursos do objeto moda na imprensa brasileira e é um passeio que começa com uma série de questionamentos acerca da estrutura das publicações femininas na década de 1970 e termina

**14 Steven Andrew Soderbergh** (1963): cineasta estadunidense. É creditado algumas vezes em filmes como Peter Andrews, Sam Lowry ou Mary Ann Bernard. (Nota da **IHU On-Line**)

**10 George Simmel** (1858-1918): nasceu em 1858 em Berlim, na Alemanha. Ele ocupou um lugar importante no debate alemão de 1890 até a sua morte em 1918, final da 1ª Guerra Mundial. Soube sintetizar a tradição historicista de Dilthey e o kantismo de Rickert. Seu pensamento influenciou Weber, Heidegger, Jaspers, Lukacs, a Escola de Frankfurt, entre outros. Suas obras principais são: *Diferenciação social* (1890), *Filosofia do Dinheiro* (1900) e *Questões fundamentais de sociologia* (1917). Também publicou “Filosofia da moda”. O texto pode ser encontrado em “Filosofia da Moda”, In Simmel, G., *Cultura Feminina*, Lisboa: Galeria Panorama, 1969, pp107/151. (Nota do **IHU On-Line**)

**11 Gilles Lipovetsky** (1944): filósofo francês, professor de filosofia da Universidade de Grenoble, teórico da hipermodernidade, autor dos livros *A Era do Vazio*, *O luxo eterno*, *O império do efêmero*, entre outros. Sobre o tema, confira a edição 105 da revista **IHU On-Line**, edição 105, de 14-06-2004, intitulada *Moda. Luxo. Uma sociedade cosmética*, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158262259.25pdf.pdf>. (Nota da **IHU On-Line**)

**12 Marino Livolsi** (1937): um sociólogo italiano, professor titular de Sociologia dos processos culturais e comunicativos no Vita-Salute San Raffaele, em Milão, onde mantém

com algumas indicações de um percurso que a comunicação de moda - e os estudos da comunicação de moda - pode trilhar nas primeiras duas décadas do século XXI. Minha tese está centrada na revista Cláudia, mas minha pesquisa envolveu outras publicações. Trabalhei com a revista feminina até 2010, quando achei que era importante começar a pesquisar as mídias digitais na área da moda.

### **IHU On-Line - Quais foram as principais conclusões desta investigação?**

**Monique Vandresen** - Estas revistas tiveram um papel central na construção de uma nova identidade de consumo para a mulher brasileira. Na história das revistas Cláudia e Desfile (esta última já fora de circulação), verifica-se uma linha de continuidade editorial que foge dos modelos utilizados para criar seus primeiros exemplares, ao contrário do que aconteceu com outras publicações, como Vogue, Marie Claire, Nova e Elle. Acompanhar a trajetória destas revistas me permitiu observar o papel ocupado pela moda em três décadas, dentro da estrutura editorial de cada uma das publicações e de como este papel acompanhou as mudanças na sociedade.

Hoje acho que o mais interessante, na minha tese, são pequenos detalhes encontrados ao longo da pesquisa, como a passagem de editores homens para editoras mulheres, as diferenças na escolha das mulheres "perfiladas", o sexismo evidente em algumas peças publicitárias e como peças que continuam fazendo parte do quebra-cabeças da vida de muitas mulheres, como filhos, moda, trabalho e saúde foram trocando de lugar ao longo do tempo. Adoraria poder voltar ao Departamento de Comunicação da Editora Abril - Dedoc sem o compromisso de escrever uma tese de doutorado, folhear as revistas sem pressa e escrever sobre estes pequenos detalhes que fazem a história.

**IHU On-Line - Há uma questão de gênero em relação ao interesse por produtos midiáticos especializados em moda? Por que o público feminino parece ser o que recebe maior ênfase nas publicações direcionadas a esse tema?**

**Monique Vandresen** - Primeiro, é importante ressaltar que a revista feminina é um dos poucos espaços profissionais, no jornalismo, dominado por mulheres. Não há dúvida de que há mais espaço, na moda, para o mercado feminino do que para o masculino, mas as pesquisas de tendências apontam para uma mudança grande nesta área. As revistas femininas vêm cobrindo temas como violência sexual, direitos da mulher, violência obstétrica e saúde há um bom tempo. Acho interessante que dividamos as bancas de jornal em "revistas" e "revistas femininas", acho que estas fronteiras estão mudando.

A revista Men's Health, por exemplo, é uma "revista feminina" para homens. Segue os mesmos padrões que uma revista como a Cosmopolitan vem seguindo há décadas, com conselhos para um homem que quer se sair melhor na cama, se vestir melhor, cozinhar como um chef (para impressionar os amigos e, quem sabe, a companheira). É claro que o volume de anúncios voltados para o público feminino nesta área ainda é maior, mas as fronteiras estão mudando também na indústria de cosméticos, nas grandes marcas de luxo e em anunciantes que antes eram majoritariamente voltados para o público feminino, como a indústria automobilística.

As diferenças entre o alcance da revista feminina aqui e no hemisfério norte ainda são grandes. A Revista Cláudia atinge um milhão de leitoras, enquanto a Elle norte-americana atinge 20 milhões. Acho que é preciso promover mais ações que façam este mercado chegar, com informações pertinentes, a uma leitora que representa 51% da população do planeta. A diferença

do número de leitoras nos EUA e no Brasil, que não é uma das economias mais importantes do mundo, mostra o grande caminho que ainda temos que percorrer.

### **Dois tipos de gêneros nas páginas**

Revistas femininas e revistas semanais têm tratado questões de gênero mais emergentes, como o transgênero, por exemplo, mas os anúncios, os editoriais de moda e as reportagens ainda são desenhados para um mundo bem binário. Não sei como este cenário vai se desenhar nos próximos anos, se com a diversificação de títulos ou se com a construção de uma narrativa para esta nova paisagem. Como o caminho ainda é longo e creio que ainda não resolvemos questões como a saúde da mulher, por exemplo, na maior parte do planeta, creio que vamos ver nesta área algo muito parecido com o que vimos nos últimos 100 anos na luta pelos direitos do trabalhador, pela democracia, pela terra e pelos direitos civis.

Nestes movimentos, a questão do feminismo sempre acabava ficando para depois: "vamos conquistar primeiro o direito coletivo, e depois lutaremos juntos pelas questões da mulher". Um machista de esquerda não é muito diferente de um machista de direita e boa parte das reivindicações feministas continuam na pauta. Enquanto existirem mulheres morrendo em decorrência de complicações durante ou depois da gravidez, durante o parto ou nas semanas posteriores, acho que é para mudar isto que devemos lutar, e a revista feminina e a indústria da moda podem fazer a diferença. Segundo um estudo publicado na revista médica britânica The Lancet, 303 mil mulheres morreram em 2015 em consequência de complicações no parto. São 216 mortes para cada 100 mil nascimentos, quando a meta da ONU para 2030 é de 70 mortes para cada 100 mil nascimentos. ■

# Roupa *hi-tech*, por uma produção ecológica

Renato Cunha analisa o impacto da tecnologia no mundo da moda. Para ele, investimento nessa área é a saída para modos de produção socialmente e ambientalmente engajados

Por Leslie Chaves | Edição João Vitor Santos

A moda é diretamente associada à ideia de consumo, já que é este que faz a engrenagem da indústria capitalista do vestuário girar. Mas é possível conceber uma indústria da moda que preserve os recursos naturais e prime por condições apropriadas de trabalho numa perspectiva ecológica? Para o artista plástico Renato Cunha é possível, e não necessariamente passa somente por formas de produção alternativas ou mais artesanais. “Essa busca por uma moda mais sustentável só é possível através do investimento em novas tecnologias na cadeia produtiva para assim podermos migrar do sistema da economia linear para a economia circular”, aponta.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Cunha lembra que desde a Revolução Industrial a produção de roupas vem mudando em decorrência da tecnologia. “Ao introduzir os teares mecânicos na fabricação de tecidos”, as roupas passaram a ser produzidas e consumidas em larga escala. Agora, acredita ele, é urgente a necessidade de pensar um sistema produtivo de larga escala que preserve recursos naturais e prime por boas condições de trabalho para operários da indústria da moda.

“As fábricas do futuro terão máquinas inteligentes para fabricar coleções inteiras de forma sustentável, sem produzir resíduos, com pouca mão de obra humana. Com o passar dos anos, essas fábricas vão se tornar comuns, ajudando a diminuir ou eliminando o problema do trabalho escravo na indústria da moda”, projeta, ao lembrar que, em parte, essa tecnologia já está em prática, como na indústria de jeans. “O algodão orgânico está sendo visto como uma alternativa, mas estão sendo utilizadas também novas fibras como garrafas pet recicladas e tecidos feitos de milho, urtiga, cana-de-açúcar e algodão reciclado”.

**Renato Cunha** é graduado em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Espírito Santo - UFES e tem MBA em Gestão estratégica em Moda pela Fundação Armando Alvares Penteado - FAAP. Conta que logo depois que começou a trabalhar como designer de interiores resolveu ser estilista. Acabou indo parar no mundo da moda em São Paulo, prestando assessoria de estilo para diversas marcas por 14 anos. É criador do Stylo Urbano ([stylourbano.com.br](http://stylourbano.com.br)), blog dedicado aos amantes da moda, design, tecnologia e sustentabilidade.

Confira a entrevista.

**IHU On-Line** - Quais as principais mudanças que a tecnologia tem trazido para o mundo da moda? Você poderia falar sobre alguns casos?

**Renato Cunha** - As novas tecnologias sempre tiveram um papel

importante no desenvolvimento da indústria da moda, como foi o caso da Revolução Industrial no final do século XVIII, na Inglaterra, ao introduzir os teares mecânicos na fabricação de tecidos. Os teares mecânicos criaram uma enorme diminuição dos custos de fa-

bricação de tecidos, o que ajudou na massificação em escala global. Durante milênios a humanidade fabricou tecidos de forma artesanal utilizando rocas e teares manuais e isso os tornava caros para a grande maioria das pessoas. Só os ricos podiam se dar ao luxo de encomendar

“

## Essa busca por uma moda mais sustentável só é possível através do investimento em novas tecnologias na cadeia produtiva

novas roupas com mais frequência. Durante séculos a imensa maioria das pessoas usava suas roupas até apodrecerem, mas com a mecanização das tecelagens isso mudou radicalmente.

Hoje em dia os tecidos estão tão baratos e disponíveis em larga escala, devido à introdução de máquinas de tecelagem computadorizada, que as nossas roupas se tornaram algo totalmente descartável. Quem se beneficiou dessa eficiência de produção foram as grandes redes varejistas de *fast fashion*<sup>1</sup>, que começaram a surgir no final da década de 70 com a abertura da economia chinesa ao mundo.

### Desgaste ambiental e social

A China se tornou a “fábrica do mundo” e hoje grande parte das roupas que estão à venda nas grandes redes de moda foram produzidas lá. Mas toda essa eficiência e rapidez de produção criada pelo *fast fashion* causou inúmeros problemas socioambientais. Hoje a indústria da moda é a segunda indústria mais poluente do mundo, atrás apenas da indústria do petróleo; a segunda em consumo e desperdício de água, só ficando atrás da indústria de alimentos; e a número 1 em obsolescência programada, superando até a indústria eletrônica.

**1 Fast-Fashion** (moda rápida): significa um padrão de produção e consumo no qual os produtos são fabricados, consumidos e descartados – literalmente – rápido. Este modelo de negócios depende da eficiência em fornecimento e produção em termos de custo e tempo de comercialização dos produtos ao mercado, que são a essência para orientar e atender a demanda de consumo por novos estilos a baixo custo. (Nota da **IHU On-Line**)

Com o desastre ocorrido em 2013 na fábrica Rana Plaza em Bangladesh<sup>2</sup> – que desabou, ferindo e mantendo milhares de pessoas que trabalhavam costurando para grandes redes de *fast fashion* –, surgiu uma necessidade urgente de acabar com os problemas socioambientais causados pela indústria, e as novas tecnologias de produção poderiam ajudar a tornar a fabricação de moda mais ética e sustentável. Novas tecnologias estão sendo implementadas, como a impressão 3D, a tecelagem 3D e o desenvolvimento de novos tecidos feitos de fibras orgânicas e materiais reciclados. Tanto as grandes marcas de *fast fashion* como as marcas de luxo estão investindo em novas tecnologias e formas de produção que sejam mais sustentáveis e eficientes.

### Saídas sustentáveis

Tecidos inovadores feitos de refugos de alimentos e produtos industrializados descartados estão cada vez mais sendo introduzidos pelas redes de moda. Novas tecnologias de reciclagem química que separam as fibras naturais das sintéticas nas toneladas de roupas velhas que são descartadas todos os anos estão sendo testadas. Refugos de materiais orgânicos como leite azedo, borra de café, resíduos de soja e cana-de-açúcar, entre ou-

**2** O sítio do **Instituto Humanitas Unisinos – IHU**, na seção Notícias do Dia, vem publicando uma série de materiais sobre as condições de produção na cadeira da moda em Bangladesh. Entre eles, “De Bangladesh às lojas, roupas baratas que custaram vidas”, disponível em <http://bit.ly/1ON6B81>, e “Fábricas de Bangladesh têm ‘terceirizados dos terceirizados’”, disponível em <http://bit.ly/1TE5GLr>. Confira mais em <http://bit.ly/1U8xRPK>. (Nota da **IHU On-Line**)

tros, estão se tornando uma nova linha de tecidos sustentáveis. Essa busca por uma moda mais sustentável só é possível através do investimento em novas tecnologias na cadeia produtiva para assim podermos migrar do sistema da economia linear para a economia circular.

### IHU On-Line - Em que etapas da produção a tecnologia tem sido mais significativa para a cadeia da moda?

**Renato Cunha** - A tecnologia está presente desde a colheita da matéria-prima até a confecção do produto. Ela é utilizada de várias formas na produção de moda, mas tomo como exemplo o tecido denim<sup>3</sup>. Para se fabricar uma calça jeans são utilizados 11 mil litros de água em todo seu processo de produção, que vai desde a colheita do algodão, tingimento do denim e o seu processo na lavanderia para fazer o jeans. Imagine isso multiplicado pela quantidade de calças e peças jeans vendidas anualmente? É um gasto imenso.

O algodão comum é a matéria-prima básica na confecção de denim, mas é totalmente insustentável, pois sua produção utiliza uma quantidade absurda de água, pesticidas e fertilizantes químicos. O algodão orgânico está sendo visto como uma alternativa ao algodão comum, mas estão sendo utilizadas também novas fibras, como garrafas pet recicladas e tecidos feitos de milho, urtiga, cana-de-açúcar e algodão reciclado, que utilizam muito menos recursos que o algodão comum.

O problema do desperdício de água e produtos químicos no processo de tingimento e lavanderia

**3 Denim:** é um tipo de tecido de algodão em que somente os fios do urdume (longitudinal) são tingidos com corante anil, normalmente com ligamento sarja. É usado na indústria de fabricação de jeans. A palavra “denim” surgiu na França no século XVII a partir da expressão *serge de Nîmes*, em referência a um tecido produzido na cidade de Nîmes, mescla de seda e lã. No século XIX passou a designar um tecido de algodão bastante rústico, produzido nos Estados Unidos, usado pelos trabalhadores da época. (Nota da **IHU On-Line**)

está sendo solucionado com uma série de novas tecnologias sustentáveis que utilizam 90% menos água além da reciclagem dos produtos químicos utilizados para que não sejam despejados nos rios. As novas tecnologias através de máquinas de ozônio, máquinas a laser e máquina de acabamento com microbolhas praticamente eliminam o consumo de água e de produtos químicos para beneficiamento do jeans.

## Tecnologia, mais produção e preservação

Isso gera uma enorme economia e rapidez no processo de fabricação de peças jeans, e os efeitos positivos do uso dessas novas tecnologias com relação ao meio ambiente e também com relação a melhores condições de trabalho são enormes, o que valoriza muito o produto perante os consumidores das marcas. Da mesma forma que ocorre com o denim está ocorrendo também com outros tecidos para se criar uma indústria da moda mais sustentável.

**IHU On-Line - Especificamente sobre a questão da sustentabilidade, gostaria que detalhasse que tecnologias estão sendo desenvolvidas para evitar o desperdício e a geração de resíduos da produção.**

**Renato Cunha -** As tecnologias de fabricação na moda estão evoluindo bastante, tanto para evitar o desperdício de água, energia, matéria prima e produtos químicos, como para tentar reciclar as toneladas de roupas velhas que são descartadas todos os anos, além da reutilização de resíduos industriais e orgânicos que são jogados fora. A reciclagem mecânica é usada atualmente para triturar tecidos velhos e utilizar suas fibras na fabricação de novos fios, mas essa tecnologia não é eficiente, pois no processo de trituração do tecido sua fibra se quebra e fica mais curta, assim é preciso uni-la a uma fibra virgem para se tecer um novo tecido. Somente de 20% a 30% de um tecido velho pode ser reapro-

veitado numa roupa nova, assim não é uma técnica eficiente.

Para isso estão sendo desenvolvidas novas tecnologias de reciclagem química, em que resíduos das roupas de algodão são purificados e dissolvidos com solvente para depois convertê-los em polpa de celulose que, através de um processo de extrusão, cria uma nova fibra de alta qualidade feita 100% de tecido velho. Essa nova fibra reciclada é mais fina do que a seda e mais forte do que o algodão. Algumas startups de tecnologia que estão trabalhando nisso são a Evrnu, Re:newcell, Worn Again e os pesquisadores da Aalto University da Finlândia, que criaram uma nova tecnologia com líquido iônico chamada Ioncell-F.

“

***Roupas inteligentes serão a maior evolução da moda, pois estaremos vestindo computadores e não um pedaço de tecido qualquer***

O Ioncell-F utiliza um processo químico sustentável de criar tecido com polpa de madeira (da mesma forma que o Liocel), mas ele pode misturar essa polpa de madeira com papel velho, tecidos velhos e resíduos de frutas e plantas para se criar um novo tecido sustentável, biodegradável e superior em qualidade em relação ao algodão comum. O Ioncell-F ganhou o primeiro lugar no prêmio de economia circular Global Change Award 2015 patrocinado pela rede de fast fashion H&M. Outros cinco ganhadores com inovadoras tecnologias sustentáveis para moda também foram selecionados<sup>4</sup>.

<sup>4</sup> Confira outros ganhadores em <http://bit.ly/1OWpbQv>. Outras 10 inovações susten-

## Couro de laboratório

Outra tecnologia revolucionária que promete mudar a indústria é o couro, como o de animais, mas feito inteiramente em laboratório através da tecnologia de biofabricação. Os pesquisadores da empresa americana Modern Meadow acreditam que em alguns anos poderemos obter todo tipo de couro através da biofabricação, assim a indústria da moda pode eliminar a matança de animais para obter suas preciosas peles. As peles feitas em laboratório serão produzidas em metros como tecidos, eliminando o enorme desperdício que existe na curtição de couro para fazer roupas e acessórios por causa da irregularidade das peles dos animais<sup>5</sup>.

## Impressão 3D

A impressão 3D é uma das tecnologias que aos poucos está criando uma nova forma de fabricar tecidos, como é o caso do processo Cosyflex criado pela empresa Tamicare, que desenvolveu uma pistola de pulverização que imprime um tecido feito de látex e algodão sobre um molde com a forma da peça de roupa. A empresa produz calcinhas descartáveis para hospitais, mas pretende, com o tempo, aprimorar sua tecnologia para fabricar todo tipo de roupas com tecidos totalmente feitos de fibras naturais, artificiais ou sintéticas. Essa tecnologia é totalmente sustentável, pois não causa desperdício de energia, material e água, além de poder fabricar localmente sem os custos de transporte e de forma automatizada.

## Wholegarment

Outra tecnologia revolucionária chamada wholegarment foi desenvolvida pela empresa japonesa Shima Seiki para facilitar a produção em massa de roupas e acessórios.

táveis para a indústria da moda podem ser conferidas em <http://bit.ly/1TDVcvE>. (Nota do entrevistado)

<sup>5</sup> Saiba mais em <http://bit.ly/1U8u6tK>. (Nota do entrevistado)

A peça sai completamente pronta e sem costura da máquina de tricô 3D sem sobras de tecido. Isso gera uma economia enorme para os estilistas e confeccionistas. Por enquanto, essa tecnologia só é capaz de produzir artigos de malharia retilínea, mas no dia em que pudermos criar máquinas que imprimam roupas completas e sem costura em todo tipo de tecido, aí sim poderemos criar uma nova indústria da moda totalmente sustentável.

**IHU On-Line - O que você pode destacar em termos de tecnologia de ponta no mundo da moda que já é possível se encontrar no mercado?**

**Renato Cunha** - As principais difusoras de novas tecnologias na moda são as tecelagens que fabricam os tecidos e as lavanderias que fazem seu beneficiamento. As marcas de moda compram esses tecidos e fabricam as roupas que compramos nas lojas físicas ou virtuais. Já existem no mercado roupas feitas com tecnologia antibacteriana que repelem mau cheiro, roupas hidrofóbicas que repelem a sujeira e líquidos para que não precisem ser lavadas com frequência, roupas de tecido sintético que enxugam super-rápido quando molhadas, roupas esportivas e de fitness feitas com tecidos inteligentes que se conectam a um aplicativo no smartphone que faz o monitoramento de seus exercícios físicos e sua saúde, roupas feitas de tecido de fibra óptica que brilham e mudam de cor no escuro, roupas climáticas que ajudam a esquentar ou resfriar o corpo do usuário e roupas feitas com telas flexíveis de LEDs que mostram estampas luminosas que podem ser baixadas e trocadas pelo smartphone.

Outras tecnologias de moda que ainda não foram lançadas são as roupas cujos tecidos se autorregeneram fechando buracos, roupas que podem mudar de cor e baixar estampas direto no tecido, roupas cujos tecidos são usinas de energia que absorvem tanto a luz solar como a energia do corpo para carregar dispositivos eletrônicos.

**IHU On-Line - O que é tecnologia vestível?**

**Renato Cunha** - A tecnologia vestível não é uma ideia nova; já existe há muito tempo. Todo tipo de objeto que levamos próximos ao nosso corpo e tenha uma funcionalidade prática, como um

“

*Da mesma forma que a Revolução Industrial do século XIX dinamizou e acelerou a produção em massa de tecidos utilizando muito menos mão de obra humana, as novas tecnologias de produção têxtil irão fazer ainda mais*

óculos e um relógio de pulso, é tecnologia vestível. Entretanto, com a miniaturização eletrônica estamos vendo uma nova indústria surgir com os wearables<sup>6</sup>, que são tidos como o futuro da indústria eletrônica. Mas, ao mesmo tempo,

<sup>6</sup> **Tecnologia wearable**, wearables, tecnologia da moda, dispositivos portáteis, togs tecnologia, ou da forma eletrônica: são roupas e acessórios que incorporam computador e tecnologias eletrônicas avançadas. Os desenhos muitas vezes incorporam funções práticas e características. Dispositivos portáteis, tais como rastreadores de atividade, são um bom exemplo da Internet das coisas, uma vez que são parte da rede de objetos físicos ou “coisas” incorporado com eletrônicos, software, sensores e conectividade para permitir que objetos possam trocar dados com um fabricante, operador e/ou outros dispositivos conectados, sem a necessidade de intervenção humana. (Nota da **IHU On-Line**)

essa indústria acredita que o futuro dos wearables são as roupas inteligentes. Esse é o poder que a moda tem, pois que outro tipo de produto é tão próximo das pessoas? Usamos roupas quase 24 horas por dia, e não existe no mercado nenhum produto fabricado por outras indústrias que tenha essa característica, por isso a moda é tão influente.

## Tecnologia para o esporte

Com a miniaturização eletrônica estão surgindo novos materiais flexíveis e elásticos para serem usados em roupas e acessórios, criando-se assim um novo mercado de roupas inteligentes. O primeiro setor da moda a aderir a essa tecnologia vestível foi a moda esportiva e fitness. Várias novas startups de moda nessa área estão lançando novos produtos, como roupas, acessórios e sapatos inteligentes, que monitoram os exercícios físicos e a saúde do usuário através de sensores embutidos no tecido, que repassa as informações para o aplicativo no smartphone, dando ao usuário todos os dados gráficos de que ele necessita.

## Tecnologia casual

Na moda casual, a tecnologia vestível ainda está engatinhando. Isso porque, diferente da moda fitness e esportiva, que utiliza essa tecnologia para monitorar os exercícios e a saúde, na moda casual e de luxo a tecnologia vestível terá que ter funções totalmente diferentes, mais voltadas à estética se quiser ganhar o interesse dos estilistas e empresários. Neste mercado estão surgindo vários tipos de relógios, joias e bolsas inteligentes, mas o mercado que será mais lucrativo com certeza serão as roupas, pois nem todo mundo vai querer investir num acessório inteligente. A tecnologia vestível para a moda casual e de luxo promete tecidos que poderão mudar de cor, estampa e textura através de um aplicativo no celular.

Essas roupas poderão fazer isso através de minúsculas baterias feitas de materiais orgânicos camufladas no tecido que captam energia solar, energia cinética e calor da pele para produzir a energia para alimentar os dispositivos na roupa. Quando a moda chegar a esse nível, a forma como interagimos com nossas roupas vai mudar completamente, pois elas se tornarão eletrônicos.

### **IHU On-Line - A Inteligência Artificial? tem sido usada na moda? De que maneira?**

**Renato Cunha** - Por enquanto o único caso foi a parceria entre a IBM Watson e a grife de alta costura americana Marchesa, que criaram um vestido cognitivo para o evento beneficente Met Gala 2016, cujo tema era "Artesanal x Máquina: Moda na idade da tecnologia". A modelo Karolina Kurkova brilhou no tapete vermelho com seu vestido cognitivo impulsionado por dados, feito com luzes LED que piscam e mudam de cor dentro das flores de tecido, de acordo com as respostas dos fãs no twitter da modelo. O vestido podia responder a cinco principais emoções: alegria, paixão, emoção, empolgação e curiosidade.

O vestido foi criado para mostrar como artistas e designers podem se unir à tecnologia para criar no-

vidades criativas. Para ajudar na criação do vestido, Watson aprendeu sobre as paletas de cores da Marchesa e extraiu centenas de imagens de vestidos criados pela marca feminina. O restante do processo envolvia escolher as cores e quais tecidos ficariam melhor para dar o efeito desejado. Com base em alguma característica, como luminosidade, flexibilidade e peso, um tipo específico de tecido foi selecionado. Acredito que a inteligência artificial ainda vai causar um enorme impacto na indústria da moda, auxiliando tanto no processo de produção como na criação de coleções.

“  
**As fábricas do futuro terão máquinas inteligentes para fabricar coleções inteiras de forma sustentável, sem produzir resíduos com pouca mão de obra humana**

**IHU On-Line** - Em um de seus artigos, o senhor afirma que "a fusão da eletrônica com a moda vai mudar completamente a maneira como nos vestimos"<sup>8</sup>. Como se dará essa fusão? Quais são as principais mudanças que ela trará ao ato de vestir-se?

**Renato Cunha** - Acredito que a internet das coisas<sup>9</sup>, inteligência artificial, máquinas de impressão

3D e de tricô 3D, juntamente com as novas tecnologias de tecidos inteligentes, vai mudar a forma como nos relacionamos com as roupas como nunca visto antes. Roupas inteligentes serão a maior evolução da moda, pois estaremos vestindo computadores e não um pedaço de tecido qualquer. Imagine usar roupas climáticas que ajustam a temperatura do corpo para que você nunca sinta calor ou frio, roupas que se autoconsertam se forem danificadas, roupas que mudam de cor e estampa fazendo com que você tenha centenas de variações numa única roupa, roupas multiuso com modelagem inteligente que se transformam em outros modelos, enfim as possibilidades da tecnologia vestível são enormes. No futuro, nossas roupas terão mais funções do que apenas vestir.

**IHU On-Line** - A inserção da tecnologia no mundo da moda pode trazer mudanças para a relação dos trabalhadores com as peças que produzem?

**Renato Cunha** - Sim, mas isso não está acontecendo somente na indústria da moda, mas em outras áreas também. Da mesma forma que a Revolução Industrial do século XIX dinamizou e acelerou a produção em massa de tecidos utilizando muito menos mão de obra humana, as novas tecnologias de produção têxtil irão fazer ainda mais. Robôs de inteligência artificial controlarão máquinas de impressão 3D e máquinas de tricô 3D para fabricar tecidos, roupas e acessórios quase sem a ajuda humana.

As fábricas do futuro terão máquinas inteligentes para fabricar coleções inteiras de forma sustentável, sem produzir resíduos com pouca mão de obra humana. Com o passar dos anos, essas fábricas vão se tornar comuns, ajudando a diminuir ou eliminando o problema do trabalho escravo na indústria da moda. Ao mesmo tempo essas fábricas automatizadas vão produzir

importantes como os sensores wireless e a nanotecnologia. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>7</sup> **Inteligência artificial** (em inglês, AI – artificial intelligence): é a inteligência similar à humana exibida por mecanismos ou software. Também é um campo de estudo acadêmico. Os principais pesquisadores e livros didáticos definem o campo como "o estudo e projeto de agentes inteligentes", onde um agente inteligente é um sistema que percebe seu ambiente e toma atitudes que maximizam suas chances de sucesso. John McCarthy, quem cunhou o termo em 1956 ("numa conferência de especialistas celebrada em Dartmouth College" Gubern, Román: O Eros Eletrónico), a define como "a ciência e engenharia de produzir máquinas inteligentes". É uma área de pesquisa da computação dedicada a buscar métodos ou dispositivos computacionais que possuam ou multipliquem a capacidade racional do ser humano de resolver problemas, pensar ou, de forma ampla, ser inteligente. Também pode ser definida como o ramo da ciência da computação que se ocupa do comportamento inteligente ou ainda, o estudo de como fazer os computadores realizarem coisas que, atualmente, os humanos fazem melhor. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>8</sup> O artigo completo está disponível em <http://bit.ly/1OWtOdq>. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>9</sup> **Internet das Coisas** (do inglês, Internet of Things): é uma revolução tecnológica a fim de conectar aparelhos eletrônicos do dia-a-dia, como aparelhos eletrodomésticos à máquinas industriais e meios de transporte à Internet, cujo desenvolvimento depende da inovação técnica dinâmica em campos tão

localmente, eliminando a necessidade de fabricar em países como a China e demais países asiáticos.

A China perderá seu status de “fábrica do mundo”, pois qualquer país ou cidade poderá ter uma fábrica inteligente para produzir tudo localmente. Mas essas tecnologias não vão acabar com a forma de fabricação artesanal de tecidos ou acessórios, pois sempre existirão clientes dispostos a comprar produtos feitos à mão. Como acontece com toda evolução tecnológica, os trabalhadores que antes confeccionavam roupas serão deslocados para novas funções que serão criadas pela indústria.

**IHU On-Line - Como está o mundo da moda no Brasil em relação ao processo de inserção da tecnologia?**

**Renato Cunha** - As tecelagens de denim e as lavanderias de jeans são as que mais investem em novas tecnologias de produção. Algumas tecelagens de denim criaram tecidos que repelem mosquitos, tecidos antibacterianos que evitam mau cheiro, tecidos que têm alta elasticidade e superconfortáveis de usar, tecidos feitos com novas tecnologias de tingimento com pouquíssima água e sem produtos químicos perigosos, tecidos que não precisam de acabamento de lavanderia. E as lavanderias, por outro lado, investem em novos processos de acabamento mais sustentáveis, com máquinas que ajudam a eliminar o uso de água e produtos químicos na fabricação de jeans. Já nas tecelagens de malharia e tecido plano vejo pouca mudança, pois continuam em sua imensa maioria trabalhando com as duas fibras mais insustentáveis da indústria da moda, o algodão e poliéster comum.

Falta investimento em tecidos alternativos a essas duas fibras, pois o futuro da moda é a sustentabilidade. Tirando a EcoSimple, que investe no trabalho de reciclagem e sustentabilidade na fabricação de seus tecidos para moda e decoração, não conheço outra tecelagem que faça o mesmo trabalho.

Sobre tecnologia vestível e tecidos inteligentes, não conheço nenhuma tecelagem ou marca de moda

“

## *As tecelagens de denim e as lavanderias de jeans são as que mais investem em novas tecnologias de produção*

que explore esse nicho de mercado, nem mesmo na moda esportiva e fitness, o que é um completo absurdo.

### **Sem ousadia na indústria nacional**

Eu acredito que falta ousadia para a maioria das tecelagens nacionais, que só querem fazer o arroz com feijão. Por exemplo, elaborei o projeto de um concurso onde jovens estudantes de moda criariam looks futuristas feitos com tecidos e detalhes decorativos em impressão 3D. Uma multinacional de impressão 3D americana com escritório em São Paulo se interessou em patrocinar as impressões e procurei algumas tecelagens nacionais para patrocinar o projeto, mas nenhuma mostrou interesse. Esse seria o primeiro evento de moda no Brasil a unir moda de vanguarda e a tecnologia de impressão 3D. Entretanto, acredito que as tecelagens devem ter achado a iniciativa irrelevante, pois o que é relevante para elas é o feijão com arroz. Diante de um cenário desse, o que posso esperar da moda nacional?

**IHU On-Line - Deseja acrescentar algo?**

**Renato Cunha** - Existe uma polarização na indústria da moda entre

o fast fashion e o slow fashion<sup>10</sup>. Acredito que o equilíbrio entre esses dois sistemas antagônicos seria o “caminho do meio”, como ensinou Sidarta Gautama<sup>11</sup>, o Buda. Nomeie esse equilíbrio de “hybrid fashion” ou moda híbrida. A moda híbrida seria uma nova forma de agir e ser criativo em uma escala de pensamento maior do que a indústria da moda atual. Ao combinar as melhores características que existem entre dois sistemas antagônicos, podemos assim criar novas características que nunca foram aplicadas antes.

A moda híbrida não substituiria os outros dois sistemas de produção, mas, sim, seria uma terceira alternativa para se criar uma moda sustentável, ética e produtiva, utilizando-se da alta tecnologia para criar novos tecidos e métodos de produção. Soluções inovadoras são necessárias para resolver ou melhorar as questões ambientais de maior importância, como trabalho escravo, desperdício de água, uso de energia e produtos químicos tóxicos<sup>12</sup>. ■

<sup>10</sup> **Slow fashion:** não é um conceito que vai e vem, é um movimento de moda sustentável, uma alternativa à produção em massa, que vem ganhando força e veio para ficar. Foi criado pela inglesa Kate Fletcher, consultora e professora de design sustentável do britânico Centre for Sustainable Fashion, inspirado no movimento Slow Food. Assim como em relação à nossa alimentação, ele incentiva que a gente tenha mais consciência dos produtos que consumimos, retomando a conexão com a maneira em que eles são produzidos e valorizando a diversidade e a riqueza de nossas tradições. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>11</sup> **Buda:** é um título dado na religião budista àqueles que despertaram plenamente para a verdadeira natureza dos fenômenos e se puseram a divulgar tal redescoberta aos demais seres. “A verdadeira natureza dos fenômenos”, aqui, quer dizer o entendimento de que todos os fenômenos são impermanentes, insatisfatórios e impessoais. Tornando-se consciente dessas características da realidade, seria possível viver de maneira plena, livre dos condicionamentos mentais que causam a insatisfação, o descontentamento, o sofrimento. O primeiro buda Sidarta Gautama. Foi um príncipe da região do atual Nepal que se tornou professor espiritual, fundando o budismo. Na maioria das tradições budistas, é considerado como o “Supremo Buda” de nossa era. Buda significando “o desperto”. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>12</sup> Mais sobre esse novo conceito de produção de moda está disponível em <http://bit.ly/1XwyY1a>. (Nota do entrevistado)

# Uma face obscura da moda: condições insalubres de trabalho ainda são realidade na confecção têxtil

Para Antônio Carlos de Mello Rosa, a chaga mais grave provocada pela escravidão contemporânea é o profundo ferimento à dignidade humana

*Por Leslie Chaves*

**O**ficialmente a escravidão foi abolida no Brasil em 1888 com a assinatura da Lei Áurea, que decretou a ilegalidade dessa prática no país. Entretanto, apesar do passar dos anos e das mudanças na legislação, as marcas do regime escravocrata ainda persistem, seja nas desigualdades, seja na perpetuação de um modus operandi encontrado em diversos casos em que as relações trabalhistas configuram um tipo de escravidão contemporânea, a qual não é uma particularidade apenas brasileira, mas se repete em diversas partes do mundo. “Estudos calculam que há uma estimativa de aproximadamente 21 milhões de pessoas no mundo trabalhando em condições análogas à escravidão”, alerta Antônio Carlos de Mello Rosa.

Ao longo da entrevista, concedida por telefone à **IHU On-Line**, o oficial do Programa de Combate ao Trabalho Forçado da Organização Internacional do Trabalho - OIT no Brasil fala sobre o contexto de exploração de mão de obra considerada escrava na área rural, mas principalmente em ambiente urbano, onde a indústria de confecção têxtil é um dos setores que apresenta grande incidência dessa situação.

De acordo com Rosa, o modo de organização da cadeia produtiva do setor acaba

favorecendo essa prática e dando origem a uma faceta triste de degradação e ofensa à dignidade, totalmente contrastante com a beleza do mundo da moda. “A base da ocorrência do trabalho escravo na indústria de confecção têxtil é a terceirização e quarteirização da atividade-fim, que é a produção de roupas. O que acontece é que as grandes marcas contratam intermediários, que são oficinas de porte médio, e essas organizações terceirizam seu trabalho contratando oficinas menores. Os preços pagos a essas pequenas oficinas são irrisórios”, explica.

Apesar desse cenário hostil, as medidas brasileiras para combater as condições de trabalho análogas à escravidão têm assumido grande relevância. “O Brasil é considerado, tanto pela OIT como pela comunidade internacional, um dos países que mais atuou e vem atuando no combate ao trabalho escravo, com a implementação de diversos tipos de iniciativas que têm sido exitosas nessa luta”, ressalta Rosa.

**Antônio Carlos de Mello Rosa** é graduado em Administração e especializado em Relações Internacionais e Direitos Humanos. É oficial do Programa de Combate ao Trabalho Forçado da Organização Internacional do Trabalho - OIT no Brasil.

**Confira a entrevista.**

**IHU On-Line - O que caracteriza contemporaneamente uma relação de trabalho análoga à escravidão? Há estimativas de quantas pessoas trabalham nessas condições no mundo? Como é**

**essa realidade no Brasil? Quando é reconhecida a existência dessa prática no país?**

**Antônio Carlos de Mello Rosa - A escravidão clássica se carac-**

**terizava pelo domínio completo, pela posse, de um ser humano por outro. Alguns seres humanos eram considerados mercadorias e eram mantidos prisioneiros com o uso de grilhões e correntes e sofriam maus**



## *O Brasil é considerado, tanto pela OIT como pela comunidade internacional, um dos países que mais atuou e vem atuando no combate ao trabalho escravo*

tratos. A partir da assinatura da Lei Áurea no Brasil, a escravidão foi oficialmente extinta. No entanto, o modus operandi da escravidão ainda persiste nos dias de hoje e se caracteriza principalmente pela submissão a uma condição de degradação tal em que a dignidade da pessoa é ferida. Ainda é possível encontrar pessoas submetidas à escravidão contemporânea sob a ameaça de arma, ameaça física, em isolamento etc., mas essa situação não é tão comum. Para além da ameaça da integridade física e do cerceamento da liberdade, que não estão descartados nesse processo, o que caracteriza com mais exatidão a escravidão na contemporaneidade é o dano à dignidade humana.

A Organização Internacional do Trabalho - OIT tem estudos que calculam que há uma estimativa de aproximadamente 21 milhões de pessoas no mundo trabalhando em condições análogas à escravidão, o que na OIT denominamos de "Trabalho Forçado". O conceito de trabalho escravo foi estabelecido no Brasil. Os termos "trabalho escravo", "trabalho análogo à escravidão" ou "escravidão contemporânea" são utilizados como sinônimos. No Brasil, especificamente, não há como estabelecer um número estimado de trabalhadores em situação análoga à escravidão, porque como essa prática configura crime, ela é realizada às margens do conhecimento e da lei, portanto não é possível mantermos estatísticas sobre isso.

O reconhecimento da prática de trabalho análogo à de escravo no Brasil aconteceu em 1995, quando

houve uma declaração do país assumindo a existência dessa condição laboral em território brasileiro. Desde então, o país vem lutando abertamente contra esse problema, tanto que, entre os países de todo o mundo, a OIT o considera uma das nações que mais enfrenta o trabalho escravo.

**IHU On-Line - O trabalho escravo geralmente é mais associado ao espaço rural, porém muitos casos têm sido flagrados em ambiente urbano. Quais são as principais características do trabalho escravo urbano? Como é a realidade desse tipo de trabalho escravo no Brasil e qual é a situação do país em relação ao mundo?**

**Antônio Carlos de Mello Rosa** - No Brasil o trabalho escravo historicamente vem sendo associado ao meio rural, porém a partir de 2013 se demarca um aumento muito intenso da incidência do trabalho escravo em meio urbano, principalmente na construção civil e na indústria de confecção têxtil. Naquele ano foi a primeira vez que a quantidade de trabalhadores resgatados pela fiscalização do trabalho de condições análogas à escravidão no meio urbano ultrapassou a incidência dessa situação no meio rural.

As características do trabalho escravo urbano são as mesmas do rural. No conceito brasileiro de trabalho escravo, que está contido no artigo nº 140 do Código Penal, há basicamente quatro itens que podem tipificar essa prática de trabalho:

- Trabalho forçado: aquele em que a pessoa é forçada a trabalhar contra a própria vontade, por coação ou por fraude;
- Degradação: submissão da pessoa a condições degradantes de trabalho, de alojamento, de alimentação, acesso à água e uma série de privações que fazem com que a dignidade humana seja ferida;
- Jornada exaustiva: jornada tão longa a ponto de o trabalhador não ter condições de ter o descanso suficiente para no dia seguinte cumprir outra jornada, podendo até levar a doenças e à morte;
- Restrição de locomoção: restringir o direito de locomoção do trabalhador, tanto por dívida como por qualquer outro meio ou motivação, obrigando-o a manter-se no local de trabalho.

Essas são as características que aparecem tanto no trabalho escravo urbano quanto no rural. Porém, no trabalho escravo urbano, é mais incomum haver a privação de liberdade, embora aconteça principalmente no caso de imigrantes, quando a documentação deles é subtraída e é mantida uma vigilância sobre eles. Então, de uma maneira geral, o que caracteriza o trabalho escravo em ambiente urbano são as condições de degradação e as jornadas exaustivas.

A realidade dessa prática de trabalho no Brasil perpassa diversos setores econômicos. Os campeões históricos do trabalho escravo são os setores de pecuária, agricultura, extração florestal, incluindo também as carvoarias. Mas conforme eu já mencionei, aumentou muito a incidência de trabalho escravo no meio urbano, principalmente nos setores da confecção têxtil e da construção civil.

Em relação à situação do Brasil em comparação com outros países nessa questão, a OIT não tem como produzir um ranking sobre a incidência de trabalho escravo no mundo porque cada nação tem conceitos e critérios específicos para definir o que considera situ-

ação de trabalho análoga à escravidão. Desse modo, não é possível fazer qualquer tipo de comparação entre os países. O que eu reitero aqui é que o Brasil é considerado, tanto pela OIT como pela comunidade internacional, um dos países que mais atuou e vem atuando no combate ao trabalho escravo com a implementação de diversos tipos de iniciativas que têm sido exitosas nessa luta.

**IHU On-Line - Especificamente sobre a questão do trabalho análogo à escravidão no setor de confecção têxtil, como é essa realidade no mundo e no Brasil? Qual é o perfil dos trabalhadores que estão nessa situação no país?**

**Antônio Carlos de Mello Rosa** - Há muitos relatos sobre a incidência de trabalho escravo na confecção têxtil em diversos países, principalmente nos orientais, como China e Índia. No Brasil a ocorrência de trabalho escravo tem se concentrado, sobretudo, em pequenas oficinas que são contratadas por oficinas maiores intermediárias para fornecer vestuário às grandes marcas. Apesar de haver brasileiros nesse grupo, em geral os trabalhadores que estão nessa situação são imigrantes. Uma grande maioria é formada por bolivianos, mas também há peruanos e paraguaios, que vêm para o Brasil fugindo de uma situação precária em seus países de origem, ou chegam aqui como vítimas do tráfico de pessoas.

**IHU On-Line - O Brasil tem recebido muitos imigrantes mais recentemente. Essas pessoas acabam se tornando vulneráveis à prática do trabalho escravo no Brasil? Os migrantes internos (de dentro do país) também passam pelo mesmo problema?**

**Antônio Carlos de Mello Rosa** - Na migração em busca de oportunidade de trabalho, tanto no caso dos brasileiros quanto no caso dos estrangeiros, estão envolvidas pessoas em situação de pobreza, que são oriundas de um contexto de falta de oportunidades de emprego e que têm pouca qualificação pro-

fissional. Ao migrar em busca dessa chance de colocação no mercado de trabalho, essas pessoas de fato acabam ficando em uma posição de fragilidade maior.

Na indústria de confecção têxtil, a incidência de imigrantes ainda é muito grande. Geralmente essas pessoas são enganadas, pois vêm para o Brasil com a promessa de ganhar mais dinheiro e ter acesso a uma vida melhor, mas chegam aqui já endividadas, uma vez que os proprietários das oficinas cobram as despesas pelo deslocamento. Os documentos desses imigrantes são subtraídos e como na maioria dos casos eles não têm acesso à informação, não sabem que podem fazer essa migração de maneira legal, sem intermediários e que podem regularizar sua situação no Brasil.

## “ *Na indústria de confecção têxtil, a incidência de imigrantes ainda é muito grande no Brasil*”

Assim, por medo de estarem em situação ilegal no país, eles são facilmente submetidos à pressão da ameaça de denúncia, deportação, e acabam ficando à mercê dos donos dessas pequenas oficinas.

**IHU On-Line - Em geral, como se organiza a cadeia produtiva do setor de confecção têxtil? De que modo esses mecanismos de funcionamento favorecem a prática de trabalho análogo à escravidão?**

**Antônio Carlos de Mello Rosa** - A base da ocorrência do trabalho escravo na indústria de confecção têxtil é a terceirização e quarteirização da atividade-fim, que é a produção de roupas. O que acontece é que as grandes marcas con-

tratam intermediários, que são oficinas de porte médio, e essas organizações terceirizam seu trabalho contratando oficinas menores. Os preços pagos a essas pequenas oficinas são irrisórios. Então, muitas vezes temos um vestido sendo vendido por 400,00 ou 500,00 Reais por uma marca famosa e não fazemos a mínima ideia de que houve um processo de subcontratação e que aquela pequena oficina pagou ao seu trabalhador apenas 10,00 ou 15,00 Reais por peça costurada.

O que acontece, então, é um processo de usos de intermediários até que se chegue à base da cadeia produtiva, que são as pequenas oficinas, as quais, para ter um lucro maior, submetem os trabalhadores à escravidão, pois aí conseguem fazer a produção da roupa a custos quase irrisórios, tendo um lucro maior. Como esses custos baixos refletem em toda a cadeia de produção, as grandes marcas acabam comprando as peças a esse custo mais reduzido, o que não seria possível se essas empresas obedecessem a toda normatização brasileira. É nesse ponto que salientamos que não cabe a alegação das grandes marcas que dizem desconhecer que as roupas adquiridas por elas foram produzidas a partir de mão de obra escrava, pois os valores são tão baixos que é óbvio que não poderiam acontecer se todas as normas trabalhistas fossem de fato cumpridas.

**IHU On-Line - Quais são os principais riscos a que estão expostos os trabalhadores em situação de trabalho análogo à escravidão na indústria de confecção têxtil?**

**Antônio Carlos de Mello Rosa** - Esses trabalhadores ficam com a sua liberdade restringida, pois eles não saem, e, quando saem, não têm liberdade. Existe uma submissão psicológica com degradação da autoestima, má alimentação e jornadas exaustivas que prejudicam a saúde, uma vez que não é raro as pessoas nessa situação terem suas camas ao lado das máquinas onde costuram por longos períodos, e quando têm filhos também é

comum cuidarem das crianças enquanto trabalham. Assim, há todo um processo de degradação que faz com que a saúde dessas pessoas fique debilitada de uma maneira geral.

**IHU On-Line - Que medidas têm sido implementadas no Brasil para combater o trabalho escravo urbano, como o envolvido na indústria de confecção têxtil?**

**Antônio Carlos de Mello Rosa** - A principal medida que tem sido implementada é a criação do Grupo Móvel, que é um grupo de fiscalização que atua no Brasil inteiro, tanto no espaço urbano quanto no rural. O Grupo Móvel é composto por uma força policial, que pode ser a Polícia Rodoviária Federal ou a Polícia Federal, e por auditores fiscais do Ministério Público do Trabalho. Desde 1995, as fiscalizações realizadas pelo grupo já libertaram mais de 50 pessoas do trabalho escravo.

Além da atuação do Grupo Móvel, também foi criada a "Lista Suja", que é um cadastro de empregadores envolvidos com trabalho escravo. Quando o empresário é autuado por exploração de trabalho escravo, ele passa por processo administrativo, após o qual ele é inserido nesta lista. Os bancos, tanto privados quanto públicos, consultam a Lista Suja durante o processo de análise de crédito para a concessão de financiamentos para empresas. Ou seja, essa é uma ferramenta forte porque as organizações que são flagradas explorando trabalho escravo deixam de ter acesso a financiamento, e bem sabemos que sem esse crédito as empresas ficam fadadas ao fracasso.

Outra ferramenta muito importante foi a criação do Instituto do Pacto Nacional pela Erradicação do Trabalho Escravo - InPacto, que congrega um conjunto de empresas sob a coordenação do Instituto Ethos, com a participação do Instituto Observatório Social e da OIT. O objetivo é reunir as empresas em um ambiente de discussão do combate à escravidão.

Em âmbito mais localizado, uma iniciativa que tem funcionado muito bem é o trabalho que os governos do Estado e do município de São Paulo vêm empreendendo com o setor de confecção têxtil. Atualmente existe um relacionamento entre a área de fiscalização e o

“

***A base da ocorrência do trabalho escravo na indústria de confecção têxtil é a terceirização e quarteirização da atividade-fim, que é a produção de roupas***

próprio setor de confecção têxtil na tentativa de estabelecer prioridades e atividades para fazer com que a cadeia produtiva seja regulamentada, principalmente no que diz respeito às pequenas oficinas, para que não exista o trabalho escravo.

Finalmente, um instrumento muito útil para o cumprimento das leis no Brasil vem sendo o de atingir o bolso dos empresários. Atualmente, quando uma empresa é flagrada explorando trabalho escravo, urbano ou rural, o Ministério do Trabalho tem proposto processos trabalhistas nos quais essas organizações são condenadas não só a pagar uma multa de dano civil individual a cada um dos trabalhadores afetados, mas também uma multa de dano civil coletiva, que tem sempre valores muito altos, chegando à casa dos milhões de Reais. Como dói no bolso, essa também tem sido uma medida bem efetiva no combate à escravidão.

**IHU On-Line - O Projeto de Emenda Constitucional - PEC do**

**Trabalho Escravo corre o risco de ser descaracterizado por iniciativas em tramitação que buscam flexibilizar o conceito de trabalho escravo e eliminar a "Lista Suja". De que modo você avalia essa questão? Que impactos a aprovação destas medidas pode trazer para o combate ao trabalho escravo no país?**

**Antônio Carlos de Mello Rosa** - A Lista Suja estava suspensa desde o fim de 2014 por decisão do ministro Ricardo Lewandowski, atual presidente do Supremo Tribunal Federal, com base em uma ação movida por uma associação de construtoras de imóveis. Esse cadastro de empregadores foi relançado em 13 de maio de 2016 por uma nova portaria com base na Lei de acesso à informação, que determina que qualquer tipo de ação pública deve ser democratizada e socializada. Então, com base nesta legislação foi reeditada uma nova portaria para a criação desse cadastro de empregadores com o mesmo objetivo do anterior.

Por outro lado, temos a PEC da Expropriação, a qual determina a expropriação de terras ou imóveis de empregadores que exploram mão de obra escrava. O que ainda precisa acontecer é a regulamentação desta PEC e o que está sendo proposto neste âmbito é exatamente retirar do conceito de escravidão os itens degradação e jornada exaustiva. Se essa medida for concretizada, o que vai acontecer é que as forças de repressão não poderão mais fiscalizar o trabalho escravo nas condições de degradação e jornada exaustiva, que são as situações que caracterizam a maior parte dos casos de escravidão contemporânea no país. Realmente corremos o risco de sofrer essa retroação na luta contra o trabalho escravo. Há cerca de um mês, a OIT lançou um documento se posicionando a favor da manutenção do conceito vigente por considerá-lo adequado às normas internacionais do trabalho e uma concepção atual que representa uma evolução da legislação sobre trabalho escravo. ■

# Responsabilidade para tecer tramas do pensar, agir e vestir com ética

Para Fernanda Simon, fomentar a sustentabilidade na moda envolve o comprometimento com as esferas social e ambiental e a exigência de transparência na produção

Por Leslie Chaves

**V**estir-se também é um ato político. Refletindo ou não a respeito dessa ação, ao escolhermos uma roupa passamos a fazer parte de uma engrenagem que tem amplos reflexos na organização da sociedade. “Somos responsáveis por tudo que compramos. Aos adquirirmos algo, passamos a fazer parte do ‘carma’ daquele produto. Se sabemos de onde vem esse produto, quando o compramos estamos compactuando não só com sua origem, mas também com seu destino após o uso”, ressalta a especialista em moda ética-sustentável Fernanda Simon, em entrevista por telefone à IHU On-Line.

Tomar consciência sobre os processos envolvidos na indústria da moda, desde a plantação do algodão, passando pela tecelagem do tecido, confecção das roupas, até a chegada do produto ao consumidor final, é fundamental na formulação de medidas que promovam uma cadeia produtiva e de descarte responsável dos produtos, considerando o verdadeiro custo da moda. Essa é a preocupação da mobilização *Fashion Revolution*, que começou a se articular em 2013, após o desabamento do complexo de oficinas têxteis Rana Plaza, em Bangladesh, considerado um dos maiores desastres industriais do mundo, vitimando milhares de trabalhadores.

“Hoje esse movimento já está em 86 países e atua de diferentes formas com o principal objetivo de conscientizar os consumidores dos verdadeiros impactos ambientais e sociais da indústria da

moda e toda a sua cadeia de produção e criação, além de celebrar aqueles que têm um envolvimento mais ético e consciente nesse campo”, explica Fernanda Simon, que também é coordenadora do *Fashion Revolution* no Brasil.

Em 2016 o movimento está promovendo a campanha “Quem fez as minhas roupas?” com o intuito de chamar a atenção para as condições de trabalho na indústria da confecção de moda, exigir transparência e ética no circuito de produção e circulação dos produtos e ainda retomar o elo entre costureiro e consumidor. “A importância de retomarmos essa ligação é sabermos valorizar as pessoas que produziram as roupas que compramos. O trabalho desses profissionais é muito importante, mas em geral essas pessoas não são valorizadas, acabam escondidas atrás da roupa pronta, e não pensamos em como se dá todo o processo de produção e em que condições e ambientes ele aconteceu”, aponta Fernanda.

**Fernanda Simon** é graduada em Moda pela Faculdade Santa Marcelina, de São Paulo. Morou durante sete anos em Londres, Inglaterra, onde se especializou na área de moda sustentável e trabalhou com pesquisas, vendas e consultoria, realizando diversos projetos com renomados nomes da moda sustentável. De volta ao Brasil, atualmente coordena o *Fashion Revolution Brasil* e é consultora e sócia-fundadora da agência UN Moda Sustentável.

Confira a entrevista.

**IHU On-Line - A moda pode ser um agente político? De que maneira?**

**Fernanda Simon -** Com certeza a moda é um ato político, pois somos responsáveis por tudo que compramos. Aos adquirirmos algo,

passamos a fazer parte do “carma” daquele produto. Se sabemos de onde vem esse produto, quando o compramos estamos compactu-



## ***Na verdade, sustentável mesmo é manter as roupas que já existem, porque toda vez que se vai produzir um produto novo, algum impacto ele vai deixar***

ando não só com sua origem, mas também com seu destino após o uso.

Quando compramos um produto feito a partir de mão de obra escrava, ou produzido com matéria-prima que provocou impactos ambientais, estamos alimentando esse processo e contribuindo para que ele continue acontecendo. Da mesma forma temos que pensar no seu pós-uso. Será que esse produto pode ser reciclado, ou vai virar lixo? Para onde ele vai? São questões com as quais precisamos nos preocupar. E ao tomarmos consciência de todo esse processo é necessário que comecemos a refletir sobre que tipo de mundo queremos.

Vejo que esse é o principal objetivo da campanha deste ano do *Fashion Revolution*. Fazer com que o consumidor tenha consciência e questione a si próprio e as marcas sobre quem fez as suas roupas, exigindo a transparência da cadeia produtiva.

**IHU On-Line - Quais são os verdadeiros custos e impactos da indústria da moda em seu ciclo desde a produção até o consumo?**

**Fernanda Simon** - Há as questões dos impactos sociais e ambientais, que não são calculados no preço final dos produtos. Em relação ao custo ambiental, a indústria da moda é a que mais polui no mundo. Pesquisas indicam que cerca de 20% das águas contaminadas industrialmente são provenientes da indústria da moda. Fora isso, há ainda o problema das plantações de algodão, as quais muitas

são transgênicas e prejudicam o solo e também os trabalhadores. Por exemplo, na Índia há estudos que comprovam que, nos últimos 16 anos, cerca de 250 mil camponeses já se suicidaram por problemas econômicos em decorrência do monopólio da semente do algodão, originando uma crise humanitária no país. Do mesmo modo, não podemos nos esquecer dos produtos tóxicos que ficam nas roupas e na pele desses trabalhadores e também vão para a natureza.

Em outra fase da produção, há o dilema dos resíduos que sobram dos processos de corte. Cerca de 15%, no mínimo, acaba indo para o lixo. Esse material poderia ser reaproveitado, mas na maior parte das vezes isso não acontece. No outro extremo da cadeia produtiva, as roupas que deixam de ser usadas pelos consumidores também acabam tendo como destino o lixo, sem reutilização. Então, há inúmeros fatores ambientais que não são considerados na hora da compra de uma roupa.

As questões sociais também geram um alto custo. Um dos exemplos é o acidente que aconteceu em Bangladesh, quando em abril de 2013 o complexo industrial Rana Plaza desabou, matando mais de mil pessoas e ferindo gravemente mais de duas mil. Os que não morreram tiveram ferimentos sérios, como a perda de braços ou pernas, e muitos ficaram totalmente incapacitados para o trabalho. Infelizmente, esse tipo de acidente acontece com frequência. Em abril de 2016, também na Índia, houve um incêndio em um prédio onde funcionava uma fábrica de roupas, por

falta de segurança no ambiente de trabalho.

Essa realidade se reproduz no Brasil, onde há casos de situações de trabalho análogas à escravidão em diversas confecções, e em São Paulo isso é muito comum. Muitas vezes, estão envolvidas marcas famosas, que são atuadas com bastante frequência. E nós geralmente não pensamos em como e por quem foram produzidas as roupas que compramos, se foi em uma confecção legal; se os trabalhadores eram tratados com dignidade; quais foram os impactos causados pelo tecido, como, por exemplo, o jeans, que passa por diversos processos de lavagem, além de toda a água que já é utilizada para a produção dessa matéria-prima, em seu tingimento e beneficiamento.

O curioso é que os grandes milionários do mundo são os donos das marcas que na produção são atuadas por trabalho escravo. Com esse fato é possível ver que a distribuição da renda ainda é muito irregular.

**IHU On-Line - De que modo você avalia o mercado das grandes marcas da indústria de confecção têxtil no mundo, que em muitos casos vende roupas com altos preços produzidas em condições insalubres de trabalho?**

**Fernanda Simon** - Nas nossas palestras as pessoas sempre nos perguntam se essa situação só acontece no ramo da *fast fashion*, que é o das grandes redes varejistas de roupas. Mas não. Isso também acontece com roupas de designers, mais caras. Às vezes, essas roupas de altos preços são feitas na mesma confecção da *fast fashion*. Por outro lado, também existem grandes varejistas e designers que têm uma preocupação maior com essa questão, não podemos generalizar.

**IHU On-Line - O que é moda sustentável? Esse conceito também inclui a dimensão social?**

**Fernanda Simon** - Esse conceito também considera as questões sociais, até mesmo porque o desen-

volvimento sustentável consiste no equilíbrio dos âmbitos econômico, social e ambiental. Definir moda sustentável é um pouco difícil porque é impossível esse setor ser totalmente sustentável. Na verdade, sustentável mesmo é manter as roupas que já existem, porque toda vez que se vai produzir um produto novo, algum impacto ele vai deixar.

O que defendemos é que a moda seja o mais sustentável possível, que gere menor impacto. Isso consiste em avaliar a matéria-prima, sua origem e como foi produzida, por que processos ela passou, da fibra à fiação, até chegar ao tecido. Também é relevante verificar como esse material foi costurado, como a roupa foi pensada, porque trabalhamos muito com design voltado à sustentabilidade. Então, a moda sustentável atenta para todo esse processo e se preocupa com a questão dos impactos ambientais e sociais, se empenhando em defender condições dignas para todas as pessoas envolvidas em todas as etapas da produção têxtil.

**IHU On-Line - No Brasil, como está o desenvolvimento do campo da moda sustentável?**

**Fernanda Simon** - O desenvolvimento desse conceito de moda sustentável ainda está começando no Brasil, mas já existem profissionais brasileiros que trabalham com essa concepção mais empregada, que já criaram marcas com essa base. Isso é muito importante porque atualmente existem outras companhias que cresceram muito, mas que nunca tiveram esse conceito de sustentabilidade na base delas, então agora acabam precisando voltar atrás e rever todo o seu processo de organização e produção para tentar seguir esse caminho.

Entretanto, como eu disse antes, existem marcas que já nascem e se desenvolvem dentro dessa proposta. Algumas organizações têm uma preocupação mais social, outras se ocupam mais com a questão ambiental, como a gestão dos resíduos, e também há as que têm um conceito mais *slow*, isto é, produ-

zem em um ritmo menos acelerado produtos com maior durabilidade e em ateliês menores etc.

Considerando que o conceito de sustentabilidade é muito mais difundido e há mais tempo em outros países, acredito que no exterior essa ideia ainda é empregada melhor do que no Brasil. Todavia, nesses dois anos de *Fashion Revolution* atuando no país, tenho percebido um crescimento surpreendente da difusão da noção de produção sustentável na moda.

“  
**Os impactos sociais e ambientais não são calculados no preço final dos produtos**

**IHU On-Line - Em que consiste o *Fashion Revolution*? De onde partiu a iniciativa?**

**Fernanda Simon** - O *Fashion Revolution* se iniciou em 2013, quando aconteceu o desastre em Bangladesh, que foi o desabamento do prédio Rana Plaza, conforme eu citei antes. Grandes marcas conhecidas por nós estavam produzindo nesse prédio quando aconteceu o desabamento, que é considerado um dos maiores desastres industriais do mundo. A partir desse acontecimento, alguns profissionais da Inglaterra, que já tinham a preocupação em trabalhar com uma moda mais voltada à sustentabilidade, mais ética e interessada no bem-estar dos trabalhadores, se reuniram e decidiram organizar um movimento para ressaltar a gravidade do desastre e não permitir que ele fosse esquecido.

Assim que esse grupo fundador do *Fashion Revolution* se fortaleceu em Londres, em outros países, pessoas que também tinham esse engajamento e preocupação

aderiram à mobilização. Hoje esse movimento já está em 86 países e atua de diferentes formas com o principal objetivo de conscientizar os consumidores dos verdadeiros impactos ambientais e sociais da indústria da moda e toda a sua cadeia de produção e criação, além de celebrar aqueles que têm um envolvimento mais ético e consciente nesse campo.

Todos os anos nós promovemos uma campanha diferente que é intensificada em um dia específico, o qual chamamos de *Fashion Revolution Day*. Mas, neste ano, pela primeira vez tivemos o *Fashion Revolution Week*, que compreendeu uma semana inteira de celebração. O mote da campanha foi a pergunta “Quem fez as minhas roupas?”, em que nós incentivamos os consumidores a se questionarem e também a questionarem as marcas. Nossa ideia é voltar a conectar o elo quebrado entre o consumidor e o costureiro, pois muitas vezes nem as próprias marcas sabem quem produziu a roupa que elas vendem.



Foto: Divulgação Fashion Revolution Brasil

Estamos há pouco mais de dois anos no Brasil. Atuamos nas frentes de conscientização e educação, em que temos nosso maior enfoque, com a realização de palestras nas universidades onde há cursos de moda e outras atividades nesse sentido, pois acreditamos que os novos profissionais são os responsá-

veis pelo futuro da cadeia produtiva da indústria da moda.

Em abril nós tivemos a celebração da *Fashion Revolution Week* de 2016, quando foram promovidos mais de 40 eventos em 25 cidades diferentes, com a participação de 27 universidades nessas ações.

**IHU On-Line - Qual é a importância de se recuperar o elo entre o consumidor e as pessoas que produzem as roupas?**

**Fernanda Simon** - A importância de retomarmos essa ligação é sabermos valorizar as pessoas que produziram as roupas que compramos. O trabalho desses profissionais é muito importante, mas em geral essas pessoas não são valorizadas, acabam escondidas atrás da roupa pronta, e não pensamos em como se dá todo o processo de produção e em que condições e ambientes ele aconteceu. Por conta dessas questões e do ritmo da *fast fashion*, a profissão de costureiro acabou sendo desvalorizada pela despersonalização do produto, que são as roupas agora produzidas em grande escala, e pelas longas e exaustivas jornadas de trabalho implementadas para dar conta dessa demanda das grandes marcas de varejo.

Então, nosso objetivo é trazer para a discussão esse contexto e

fazer com que esses profissionais sejam reconhecidos e valorizados por realizarem um trabalho que também é importante e muito bonito. A moda é muitas vezes um objeto de desejo e de luxo. Também é um produto muito relacionado à nossa personalidade,

“

***Nossa ideia é voltar a conectar o elo quebrado entre o consumidor e o costureiro***

à história, enfim, diz muito sobre nós e sobre a cultura de onde vivemos. Assim, esperamos que esse luxo e valor sejam empregados ao longo de toda a cadeia produtiva.

**IHU On-Line - Como o *Fashion Revolution* chegou ao Brasil?**

**Fernanda Simon** - Morei na Inglaterra por sete anos e trabalhei com uma das fundadoras do movimento. Eu também já trabalhava nessa frente da moda sustentável

há alguns anos, na área de pesquisas, consultoria e vendas. Na Inglaterra eu comecei a articular o movimento *Fashion Revolution Brasil*, mesma época em que eu já estava pensando em retornar ao país, e nessa volta eu trouxe essa mobilização para cá. Antes da minha chegada ao Brasil, algumas pessoas já haviam manifestado interesse de se engajar e em seguida formamos uma equipe. Esse grupo atualmente tem colaboradores em diversas partes do país trabalhando nas ações do *Fashion Revolution* ao longo do ano.

**IHU On-Line - Deseja acrescentar algo?**

**Fernanda Simon** - Gostaria de convidar as pessoas a se engajarem nesse movimento e a refletirem sobre esse tema, questionando as marcas sobre os processos de produção da indústria da moda e reivindicando que valores como sustentabilidade, colaboração, justiça, igualdade sejam considerados pelas companhias e também pelos consumidores, pois todos somos parte dos problemas e das soluções que envolvem a concepção e a circulação desses produtos. Assim, todos nós podemos exigir mais transparência e ética nessa cadeia produtiva e fazer com que as coisas aconteçam de um modo diferente. ■



Compreendendo a financeirização: conceito(s), origens, impactos e (im)possibilidades

**Prof. Dr. Yann Moulier Boutang**

Université de Technologie de Compiègne – UTC – França

13 de setembro de 2016 (terça-feira)  
9h15min

Inscrições e informações: [ihu.unisinos.br](http://ihu.unisinos.br)

IV Colóquio Internacional IHU. Políticas Públicas, Financeirização e Crise Sistêmica



# A beleza de mobilizar afetos, compartilhar vivências e ampliar horizontes

Para Cariane Camargo, a moda é um potente canal de transformação de realidades e busca de desenvolvimento sustentável com criatividade e identidade

Por Leslie Chaves



54

**V**er o mundo de um ponto de vista mais amplo e integrado, entendendo que só o desenvolvimento ético das diversas esferas de organização da sociedade poderá garantir condições dignas de vida para todos, é o mote da ideia de sustentabilidade. Essa concepção extrapolou a área da ecologia, onde é mais difundida, e está cada vez mais presente nos fundamentos de diferentes campos sociais, incluindo o mundo da moda, âmbito em que vem assumindo força. “Acredito na moda como um vetor de mudança, capaz de produzir impactos positivos na sociedade. Quando abordamos a moda pela perspectiva ética e sustentável, ela se torna um agente de transformação. A moda é um reflexo móvel do que somos e vivemos, basta escolhermos a imagem que queremos refletir”, ressalta a professora e pesquisadora especializada em moda sustentável Cariane Camargo.

Na entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line, a pesquisadora falou sobre a experiência do projeto *Desperta - Moda Para Mudança*, iniciativa que promove a moda a partir da visão do

desenvolvimento sustentável, estimulando a criatividade e a valorização da identidade através de diversas atividades. “O *Desperta* é um projeto de ensino que contempla áreas criativas, especialmente a Moda. Criamos conexões entre grupos em vulnerabilidade social e profissionais voluntários. Essa iniciativa nasceu com o intuito de despertar o pensamento criativo e a sustentabilidade nas comunidades”, explica. A iniciativa está sediada na Associação Alvo Cultural, no bairro Rubem Berta, localizado na periferia de Porto Alegre.

As imagens que ilustram a entrevista são resultado de um workshop de produção de moda ministrado para as integrantes do projeto, que tiveram a tarefa de compor visuais com peças emprestadas por duas marcas gaúchas de vestuário e acessórios, a *Gang* e a *Oi Gracia*, que foram parceiras na atividade. Esse exercício de ensino também teve a participação da produtora de moda Madeleine Muller, com vasta experiência na área, e do fotógrafo profissional Marco Brelinger, uma das referências no ramo.

Além de pensarem as composições de moda, as integrantes do *Desperta* também posaram como modelos para as fotos. “Foi um momento muito interessante, que envolveu a autoestima das integrantes do projeto, pois sempre quando estimulamos esse contexto de produção de moda e beleza procuramos valorizar os traços característicos de cada uma delas. A ideia é mostrar que a moda não deve ser ditada, ou obedecer a um padrão determinado, e que precisamos acreditar na nossa moda e na nossa beleza”, pontua Cariane.

O *Desperta* é uma iniciativa totalmente mantida pelo trabalho voluntário em que se mobilizam a comunidade, a iniciativa privada, como instituições de ensino e empresas parceiras, Organizações Não Governamentais e profissionais, para fazer o projeto acontecer. “Essa integração é extremamente saudável, pois todos saem com uma experiência positiva.

É uma troca muito humana, que vai além dos livros e do conteúdo dos cursos”, enfatiza a pesquisadora.

**Cariane Camargo** é graduada em Moda pela Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, especialista em Desenvolvimento de Produto de Moda pela Universidade de Passo Fundo - UPF, mestra em Design pelo Centro Universitário Ritter dos Reis - Uni-Ritter e doutoranda em Design pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Foi professora e membro do Núcleo Docente Estruturante - NDE do Curso Superior de Tecnologia em Design de Moda da UPF. Atualmente é docente do curso de Bacharelado em Moda da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS e pesquisadora do Núcleo de Moda Sustentável da UFRGS, focando suas investigações em design de moda para a sustentabilidade e inovação social.

**Confira a entrevista.**



Foto: Marco Brelinger

**IHU On-Line - A moda pode ser um agente de transformação social? De que maneira?**

**Cariane Camargo** - Sim, acredito na moda como um vetor de mudança, capaz de produzir impactos positivos na sociedade. Quando abordamos a moda pela perspectiva ética e sustentável, ela se torna um agente de transformação. A moda é um reflexo móvel do que somos e

vivemos, basta escolhermos a imagem que queremos refletir.

**IHU On-Line - Em que consiste o projeto *Desperta - Moda Para Mudança*? De quem partiu a ideia e como foi concebida a iniciativa?**

**Cariane Camargo** - *Desperta* é um projeto de ensino que contempla áreas criativas, especialmente a Moda. Criamos conexões

entre grupos em vulnerabilidade social e profissionais voluntários. Essa iniciativa nasceu com o intuito de despertar o pensamento criativo e a sustentabilidade nas comunidades.

A ideia surgiu após uma experiência que tive como docente na atividade acadêmica “Indústria Criativa e Cidadania Social” oferecida aos alunos da Unisinos. Fazia parte do

plano dessa disciplina que os estudantes se inserissem em comunidades, que fossem atuar fora do ambiente da universidade. Então, a partir de pesquisas e de contatos com pessoas que eu conhecia, chegamos à Associação Alvo Cultural. Tivemos o apoio do Jean Andrade, gestor da entidade, que foi muito receptivo e abriu as portas da comunidade do bairro Rubem Berta, em Porto Alegre, para desenvolvermos essa atividade ao longo de dois semestres.

A partir daí criou-se um vínculo entre nós, o gestor e o pessoal da comunidade, e surgiu a ideia de criarmos o projeto *Desperta* para dar continuidade a esse trabalho. Então, eu e mais duas amigas, a Andressa Bortolin e a Élin Godois, organizamos a iniciativa. Também, quando ingressei no curso de doutorado, eu tinha a ideia de trabalhar com o ensino de moda sustentável e achei que seria interessante pensar um projeto em uma comunidade contemplando a moda dentro dessa perspectiva da sustentabilidade em um sentido mais amplo. Isso porque, quando se fala em desenvolvimento sustentável, a maioria das pessoas tende a pensar na questão ambiental ou ecológica, mas o âmbito social também está totalmente ligado a essa ideia.

O primeiro curso oferecido pelo *Desperta* foi de "Introdução à Moda", ocorreu no formato presencial e teve dois meses de duração, com três módulos: Módulo 1 - Desconstruir e Conceituar, Módulo 2 - Produzir e Comunicar, Módulo 3 - Projetar e Apresentar. Através desse curso objetivamos: desconstruir padrões da moda vigente; desenvolver novas perspectivas para moda; instruir e habilitar para criação de moda; provocar a criatividade das comunidades; reconhecer talentos locais; manifestar a identidade cultural; promover a sustentabilidade e a inovação social.

Ao longo desse primeiro semestre de 2016 o projeto está sendo aplicado no formato de oficinas e

workshops, com voluntários de diferentes áreas criativas.

Sempre costumamos ressaltar que o projeto não é só meu, da Andressa Bortolin e da Élin Godois. Na verdade é uma iniciativa que agora é de todos os que estão engajados, é um projeto voluntário e aberto para todas as pessoas que queiram colaborar, seja na gestão, organização, ministrando oficinas, fornecendo material para as atividades, seja participando dos cursos oferecidos.

**IHU On-Line - Para que público é direcionado o *Desperta*? Onde está inserido o projeto?**

**Cariane Camargo** - O projeto é direcionado a grupos ou comunidades em vulnerabilidade social, mas sempre damos liberdade a todos que desejam conhecer ou participar de alguma maneira do projeto. Atualmente está inserido junto à Associação Alvo Cultural, que fica no bairro Rubem Berta, Porto Alegre, RS. Pretendemos expandir o projeto para orfanatos e presídios femininos, mas esse ainda é um plano para o futuro.

A partir dessa parceria com a Alvo Cultural é que fomos agregando as participantes do projeto. A Associação fez o trabalho de divulgação no bairro e junto conosco convidou as pessoas a se engajarem nas atividades. A receptividade e adesão das pessoas foram ótimas e o projeto foi muito bem acolhido pela comunidade.

**IHU On-Line - De que maneira o *Desperta* promove a moda sustentável nos locais onde está inserido?**

**Cariane Camargo** - Toda abordagem que trazemos para sala de aula é fundamentada em princípios da sustentabilidade. Falamos sobre aproveitamento de materiais (resíduos têxteis, por exemplo), aumento do ciclo de vida dos produtos, cuidados práticos com as roupas. Também refletimos sobre quem faz nossas roupas e em quais

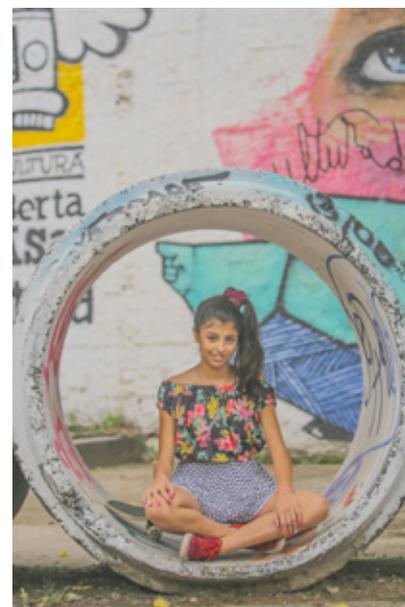


Foto: Marco Bretinger

condições, e como a moda e a beleza podem valorizar nossa cultura e identidade pessoal.

**IHU On-Line - Que reflexos a promoção da moda sustentável pode trazer para o desenvolvimento social?**

**Cariane Camargo** - A moda sustentável é pautada em três dimensões: ecológica, social e econômica. Quando promovemos a moda a partir desta abordagem, consequentemente iremos estimular o desenvolvimento social e econômico, buscando menor impacto no meio ambiente. Através do *Desperta*, percebi que as meninas passaram a valorizar ainda mais suas raízes culturais e a moda feita por elas mesmas.

As transformações geradas pelo projeto são sutis, mas são muito importantes. Ao longo dos cursos vimos muitas situações em que sentimos que as atividades ministradas promoveram uma troca muito interessante entre os que estiveram compartilhando suas experiências profissionais e as integrantes do projeto. Especificamente em relação às meninas que fizeram os cursos, percebemos um empoderamento nas atitudes delas, no sentido de trazer à tona o que elas acreditam, de se encorajar a falar em público, de valorizar

suas características etc. É possível ver que uma semente foi plantada e esse grão tem grande potencial de germinar e dar frutos.

**IHU On-Line - Como o *Desperta* entende e trabalha a questão ética na moda?**

**Cariane Camargo** - Além de levar em consideração o meio ambiente, enfatizamos os valores ligados à justiça e a transparência na cadeia produtiva da moda. Desse modo, o *Desperta* incentiva a reflexão a respeito das questões sociais que tangenciam a moda, desde a criação até o descarte dos produtos.

**IHU On-Line - Em alguns materiais de divulgação do *Desperta* aparece a referência "slow fashion". Em que consiste essa concepção e como ela é trabalhada no projeto?**

**Cariane Camargo** - O *Slow Fashion* representa um contraponto às práticas atuais e ainda dominantes do setor do vestuário, baseadas na produção em alta escala e focadas, sobretudo, no crescimento econômico. Deste modo, a moda "lenta" questiona o estilo globalizado e se torna guardiã da diversidade, estimulando a produção local e de baixa e média escala.

A relação entre criadores e consumidores assume uma nova postura, pautada na confiança mútua e identificação de valores. O *Slow Fashion* também busca incorporar os custos sociais e ecológicos, refletindo o custo real da moda. Esses conceitos são estudados e na medida do possível aplicados através das atividades do *Desperta*.

**IHU On-Line - O projeto *Desperta* trabalha em parceria com diversas instituições para a promoção de suas atividades. A partir desse modo de organização é possível integrar esferas como a acadêmica/universidade, mercado e comunidade? Como? Qual a importância dessa integração para cada um desses campos?**



Foto: Marco Bretinger

**Cariane Camargo** - Sim, o que fazemos no *Desperta* é exatamente integrar a comunidade com a iniciativa privada (Instituições de ensino e empresas colaboradoras) e Organizações Não Governamentais (Associação Alvo Cultural, Centro de Ensino do Reciclador de Porto Alegre - CERPOA). As empresas parceiras colaboram doando materiais e, em alguns casos, com serviços, participando ativamente das oficinas. As instituições de ensino incentivam seus alunos a participarem das atividades. E a Alvo Cultural é nossa grande parceira, pois nos cede o espaço, ajuda com materiais didáticos e é responsável pela gestão das inscrições e divulgação na comunidade. A equipe do *Desperta* atua como articuladora e responsável pelo conteúdo e implementação dos cursos, oficinas e workshops.

Essa integração é extremamente saudável, pois todos saem com uma experiência positiva. Alunas da Unisinos que participaram do projeto relataram que a experiência foi muito rica para elas. Entre os que estão na gestão do projeto há um forte sentimento de gratidão, pois essa experiência tem sido um grande aprendizado para todos nós. Eu sou professora desde 2009, mas nunca havia lecionado em um contexto como o do projeto, inserido em uma comunidade. Nessas práticas tive a oportunidade de

desenvolver métodos mais lúdicos de compartilhar os conhecimentos. Também, as relações entre quem está ministrando as oficinas e os participantes são diferentes, há uma maior aproximação, um envolvimento e uma convivência mais intensa.

O que também é muito interessante é a participação de diferentes profissionais no projeto. Além de nossa participação, sempre procuramos levar estudantes do curso de moda, que são as minhas alunas da Unisinos; e também profissionais experientes e atuantes na área.

É uma troca muito humana, que vai além dos livros e do conteúdo dos cursos. Eu me sinto muito motivada em estar envolvida no projeto.

**IHU On-Line - Deseja acrescentar algo?**

**Cariane Camargo** - Agradeço a oportunidade de falar sobre a Moda que eu acredito. Quem tiver interesse em conhecer o projeto ou se voluntariar pode enviar um e-mail para [despertamoda@gmail.com](mailto:despertamoda@gmail.com). Também estamos presentes nas redes sociais nos endereços [www.facebook.com/despertamoda/](http://www.facebook.com/despertamoda/), no Facebook, e [@despertamoda](https://www.instagram.com/despertamoda), no Instagram. ■

# ME TRÓ POLES

3º CICLO DE ESTUDOS

POLÍTICAS PÚBLICAS E  
TECNOLOGIAS DE  
GOVERNO

TERRITÓRIOS,  
GOVERNAMENTO DA VIDA  
E O COMUM



**08 de junho de 2016**

**14h30min às 17h – Tempos múltiplos e multiformances:  
resistências a partir de Gilles Deleuze a Antonio Negri**

**19h30min às 22h – Autonomismo político e ativismo  
estético: o design nas metrópoles contemporâneas**

**Conferencista: Profa. Dra. Bárbara Peccei Szaniecki  
– Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ**

**Local das atividades: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU**

**UNISINOS – SÃO LEOPOLDO | RS**

**INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES – [IHU.UNISINOS.BR](http://IHU.UNISINOS.BR)**

PROMOÇÃO



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

 UNISINOS  
Somos infinitas possibilidades

**IHU** ON-LINE



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS



UNISINOS

**IHU em  
Revista**

# Agenda de Eventos

Confira os eventos que ocorrem no Instituto Humanitas Unisinos - IHU entre os dias 30-05-2016 e 10-06-2016



## **Economia brasileira: onde estamos e para onde vamos? Um debate com os intérpretes do Brasil**

Conferência: Plano Larida: da hiperinflação à estabilização

Conferencista: Prof. Dr. André Filipe Zago de Azevedo - Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Horário: 19h30min

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU

Saiba mais em <http://bit.ly/25qlABU>

## **Seminário do Mercosul: escabiose, miíase, pediculose e tungíase**

Atividade: Mesa-redonda - Ácaros e suas alergias: patologia e profilaxia

Participantes: Prof. Dr. Julio Vianna Barbosa - IOC/FIOCRUZ, Prof. Dr. Noeli Juarez Ferla - UNIVATES e Prof. Dr. Raimundo Wilson de Carvalho - ENSP/FIOCURZ

Horário: 9h

Local: Anfiteatro Pe. Werner - UNISINOS

Saiba mais em <http://bit.ly/24brCAB>



## **Seminário do Mercosul: escabiose, miíase, pediculose e tungíase**

Atividade: Mesa-redonda - Sobre Pediculose: histórico, processo de infestação, problemas decorrentes, medidas de controle e as questões socioambientais

Participantes: Profa. Dra. Alda Gonzalez - CEPAVE - Argentina, Profa. Dra. Maria do Carmo Ferreira - UNIRIO, Profa. Dra. Débora do Rocio Klisiowicz - UFPR e Prof. Dr. Julio Vianna Barbosa - IOC/FIOCRUZ.

Horário: 14h

Local: Anfiteatro Pe. Werner - UNISINOS

Saiba mais em <http://bit.ly/24brCAB>

## **Feiras Agroecológicas. Para quê?**

Conferencista: Lic. Laura Neis - Feira dos Agricultores Ecologistas - FAE - Porto Alegre e Esp. Marcelo Fernandes Ritter - Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural/ Associação Sulina de Crédito e Assistência Rural - Emater/RS-Ascar.

Horário: 17h30min

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU

Saiba mais em <http://bit.ly/1THEQ8q>





## Seminário do Mercosul: escabiose, miíase, pediculose e tungíase

Atividade: Palestra - Miíases e terapia larval: histórico, processo de infestação, problemas decorrentes, medidas de controle e as questões socioambientais

Participantes: Profa. Dra. Cláudia Soares Santos Lessa - UNIRIO, Profa. Dra. Valéria Magalhães - UNIRIO e Prof. Dr. Ronald Rodrigues Guimarães - Centro de Educação e Pesquisas em Medicina Ambiental.

Horário: 8h30min

Local: Anfiteatro Pe. Werner - UNISINOS

Saiba mais em <http://bit.ly/24brCAB>

## Seminário do Mercosul: escabiose, miíase, pediculose e tungíase

Atividade: Mesa-redonda: Vetores e zoonoses emergentes

Participantes: Prof. Dr. José Reck - IPVDF/FEPAGRO, Prof. Dr. Raimundo Wilson de Carvalho - ENSP/FIOCURZ, Prof. Dr. José Venzal - UDELAR - Uruguai, Prof. Dr. Ronald Rodrigues Guimarães - CEMA - Centro de Educação e Pesquisas em Medicina Ambiental, Prof. Dr. José Eloy dos Santos Júnior - Departamento de Ciência e Tecnologia (Decit) da Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos (SCTIE) do Ministério da Saúde e Prof. Dr. João Ricardo Martins - IPVDF/FEPAGRO

Horário: 14h

Local: Anfiteatro Pe. Werner - UNISINOS

Saiba mais

em <http://bit.ly/24brCAB>



## Economia brasileira: onde estamos e para onde vamos? Um debate com os intérpretes do Brasil

Conferência: A necessidade de o Brasil romper com o Modelo Liberal Periférico

Conferencista: Prof. Dr. Reinaldo Gonçalves - Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Horário: 19h30min

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU.

Saiba mais em <http://bit.ly/25qnTVF>

## Oficina – Indicadores do Trabalho e Trabalhadores do Vale do Rio dos Sinos

Ministrante: Prof. Dr. Moisés Waismann - UNILASALLE

Horário : 19h30min

Local : Sala Ignácio Ellacuría e Companheiros - IHU

Saiba mais em <http://bit.ly/20L1mfr>





### **3º Ciclo de Estudos Metrôpoles, Políticas Públicas e Tecnologias de Governo. Territórios, governamento da vida e o comum.**

Conferência: Tempos múltiplos e multiformances: resistências a partir de Gilles Deleuze a Antonio Negri

Conferencista: Profa. Dra. Bárbara Peccei Szaniecki - Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Horário: 14h30min

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU

Saiba mais em <http://bit.ly/1Wq4dMz>

### **3º Ciclo de Estudos Metrôpoles, Políticas Públicas e Tecnologias de Governo. Territórios, governamento da vida e o comum.**

Conferência: Autonomismo político e ativismo estético: o design nas metrôpoles contemporâneas

Conferencista: Profa. Dra. Bárbara Peccei Szaniecki - Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Horário: 19h30min

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU

Saiba mais em <http://bit.ly/1UawRLa>



### **I Ciclo de Estudos. Modos de existência e a contemporaneidade em debate. Reflexões transdisciplinares à luz de diferentes obras**

Conferência: O Circuito dos Afetos. Corpos Políticos, desamparo e o Fim do Indivíduo. Discussão do livro de Vladimir Safatle

Conferencista: Prof. Dr. Nythamar de Oliveira - Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PPGF/PUCRS

Horário: 14h30min

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU

Saiba mais em <http://bit.ly/1ORX3Zs>

### **I Ciclo de Estudos. Modos de existência e a contemporaneidade em debate. Reflexões transdisciplinares à luz de diferentes obras**

Atividade: Conferência e debate sobre a obra com o autor. O Circuito dos Afetos. Corpos Políticos, desamparo e o Fim do Indivíduo

Conferencista: Prof. Dr. Vladimir Safatle - Universidade de São Paulo - USP

Horário: 19h30min

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU

Saiba mais em <http://bit.ly/1sGX9yh>



## ENTREVISTA

# A experiência jesuíta na primeira globalização – Desafios e descobertas a partir do século XVI

José Eduardo Franco e Carlos Fiolhais apresentam outra perspectiva de globalização em seu livro, baseada na experiência jesuítica de conexão, relação e troca entre culturas

Por Márcia Junges | Edição João Vitor Santos

**N**a atualidade, o conceito de globalização é diretamente associado ao neoliberalismo econômico. O que está por trás é uma ideia de mundo sem barreiras ou fronteiras, como se todos os povos fossem um. Quando a Companhia de Jesus se lança pelo mundo “pós-descobrimento”, havia uma busca pela globalização. Entretanto, era outra ideia de globalização. “Os jesuítas contribuíram desde o século XVI para a chamada primeira globalização, designadamente como missionários, educadores e pesquisadores nas vastas redes formadas pelos impérios português e espanhol. Destacaram-se como construtores de uma nova relação entre povos e culturas tão diferentes e até então desconhecidas umas das outras”, explicam José Eduardo Franco e Carlos Fiolhais. Essa outra perspectiva de globalização se materializa na experiência dos jesuítas que “não só levaram a cultura e a ciência europeias juntamente com a mensagem cristã da Europa até outros continentes, como recolheram para a Europa dados novos sobre os quatro cantos do planeta”.

Franco e Fiolhais trazem à luz essa outra ideia de globalização através do livro *Jesuítas, Construtores da Globalização* (Lisboa: Ctt, 2016). A obra revisita a história mundial da ordem religiosa, mas centrada na relação dos Jesuítas com a história da globalização portuguesa pouco mais de 200 anos após a Restauração da Companhia de Jesus em 1814. Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à *IHU On-Line*, Franco e Fiolhais refletem sobre o legado jesuítico na busca pela justiça, tendo em perspectiva a dureza das injustiças do mundo de hoje. “Neste tempo de globalização acelerada em que vivemos, a experiência e a reflexão de Vieira e de outros intelec-

tuais jesuítas poderiam muito bem nos ajudar a construir um mundo melhor”, apontam. “Hoje a globalização assume novas facetas, mas a ideia de ajuda e solidariedade à escala global continua a fazer sentido”, completam.

**José Eduardo Franco** é investigador-coordenador na Universidade Aberta, Diretor da Cátedra FCT/Infante Dom Henrique para os Estudos Insulares Atlânticos e a Globalização (FCT/Universidade Aberta/CLEPUL/APCA), diretor-adjunto da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa - FLUL. Doutorou-se na École des Hautes Études en Sciences Sociales - EHESS de Paris. Entre os seus livros, destacam-se *O Mito de Portugal* (Lisboa: Roma Editora, 2000); *O Mito dos Jesuítas em Portugal e no Brasil, Séculos XVI-XX*, 2 vols. (Lisboa: Gradiva, 2006-2007); e *Padre Antonio Vieira e le Donne. Il mito barocco dell'universo femminile*, com Isabel Morán Cabanas (Roma: Aracne Editrice, 2013).

**Carlos Fiolhais** é professor catedrático de Física da Universidade de Coimbra, especializado em Física da Matéria Condensada e em História das Ciências, é autor de mais de 50 livros, de 160 artigos científicos e de mais de 500 artigos de divulgação. Foi Diretor do Centro de Física Computacional da Universidade de Coimbra e da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Dirige o Rómulo - Centro Ciência Viva da Universidade de Coimbra e é o responsável pela área do Conhecimento da Fundação Francisco Manuel dos Santos. Entre os seus livros mais recentes, destacam-se *Biblioteca Joanina*, com Paulo Mendes (Lisboa: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013); e *História da Ciência em Portugal* (Lisboa: Arranha-Céus, 2013).

**Confira a entrevista.**



## *Os Inacianos não só levaram a cultura e a ciência europeias juntamente com a mensagem cristã da Europa até outros continentes, como recolheram para a Europa dados novos sobre os quatro cantos do planeta*

**IHU On-Line - Qual é a importância dos Jesuítas como construtores da globalização? Como podemos compreender essa globalização à qual o livro se refere?**

José Eduardo Franco e Carlos Fiolhais - Os Jesuítas contribuíram desde o século XVI para a chamada primeira globalização, designadamente como missionários, educadores e pesquisadores nas vastas redes formadas pelos impérios português e espanhol. Destacaram-se como construtores de uma nova relação entre povos e culturas tão diferentes e até então desconhecidas umas das outras. Os Inacianos não só levaram a cultura e a ciência europeias juntamente com a mensagem cristã da Europa até outros continentes, como recolheram para a Europa dados novos sobre os quatro cantos do planeta. No Brasil, na Índia, na China e no Japão introduziram a moderna ciência então emergente.

Por outro lado, por processos de aculturação, receberam as línguas e culturas locais. Os missionários jesuítas, em geral muito bem preparados, ajudaram a constituir, com os seus escritos, a primeira base de dados global sobre diversas geografias, plantas, animais, etnias e modos de vida do nosso planeta. Foram também os criadores das primeiras experiências de trabalho em rede numa escala planetária ao criar a primeira rede global de ensino formada por colégios que obedeciam essencialmente às mesmas regras nos continentes onde se

implantaram. Com a circulação de professores e alunos criaram laços de intercâmbio.

**IHU On-Line - E no caso da globalização portuguesa, especificamente, quais são as maiores contribuições da Companhia de Jesus?**

José Eduardo Franco e Carlos Fiolhais - Os descobrimentos portugueses conduziram a um império que se estendia por quatro continentes. A Companhia de Jesus ajudou a fixar a presença portuguesa nos territórios ultramarinos, tanto na África como no Brasil e no Oriente, através da sua rede de missões e das expedições de exploração do território recolhendo e centralizando informações. Criaram os primeiros meios linguísticos de contacto intercultural com a preparação dos primeiros dicionários bilingues (português-tupi, português-mandarim, português-japonês etc.), gramáticas e catecismos. As primeiras histórias gerais de povos e civilizações notáveis como a chinesa e a japonesa foram produzidas em língua portuguesa e dadas a conhecer ao mundo ocidental na época moderna, contribuindo para afirmar a língua portuguesa como língua de cultura e como a primeira língua da globalização.

**IHU On-Line - Em que sentido Inácio de Loyola<sup>1</sup> contribuiu para**

<sup>1</sup> **Inácio de Loyola** (1491-1556): fundador da Companhia de Jesus, a Ordem dos Jesuítas, cuja missão é o serviço da fé, a promoção

que fosse possível encarar a crítica e a mudança de concepções tradicionais para chegar a uma inovação na construção do saber?

José Eduardo Franco e Carlos Fiolhais - O fundador dos Jesuítas não foi propriamente um cientista, nem um filósofo, foi antes um grande líder espiritual, criador de um método de crescimento espiritual: os *Exercícios Espirituais*<sup>2</sup>, que se tornou o mais influente manual de espiritualidade da época moderna. Todavia, o seu método ascético com a valorização que fez das dimensões sensível, intuitiva e imaginativa do ser humano em paralelo com a dimensão racional acabou por afirmar o homem como um todo uno e indivisível, ultrapassando velhos maniqueísmos que desvalorizavam o corpo e as chamadas realidades temporais. O otimismo antropológico promovido por Inácio de Loyola e pelos outros padres do grupo fundador da Companhia favoreceu o estudo, a pesquisa, o discernimento das melhores estratégias, o aperfeiçoamento de meios e a demanda de maiores recursos para facilitar a finalidade da Ordem que, obviamente, era o anúncio de Cristo para toda a humanidade.

**IHU On-Line - Qual é a principal contribuição dos jesuítas para a ciência? Em que sentido eles renovaram a ciência da Idade Moderna?**

José Eduardo Franco e Carlos Fiolhais - Os Jesuítas nascem no século XVI, quando desponta a Re-

da justiça, o diálogo inter-religioso e cultural. A Ordem teve grande importância na Reforma Católica. Atualmente a Companhia de Jesus é a maior Ordem religiosa católica no mundo. Para saber mais sobre Loyola, acesse a edição 186 da **IHU On-Line**, disponível em <http://bit.ly/1IBwk2U>. Foi canonizado em 12 de março de 1622 pelo Papa Gregório XV. Festeja-se seu dia em 31 de julho. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>2</sup> **Exercícios Espirituais**: criados por Santo Inácio de Loyola a fim de ajudar os outros em seu crescimento espiritual. Consistem em um modo e um roteiro para ajudar as pessoas a perceber e acolher a íntima ação de Deus em suas vidas, e acolhê-la em uma dinâmica de uma participação cada vez mais efetiva na Vida e na Missão de Jesus Cristo. (Nota da **IHU On-Line**)

volução Científica<sup>3</sup>, que explodiu no século XVII. Através dos seus colégios e das suas redes de missões, os Jesuítas recolheram dados sobre uma diversidade enorme de aspectos da história natural e da história humana que ajudaram a mudar a mundividência medieval e contribuíram para rever o conhecimento científico em várias disciplinas.

Por seu lado, houve uma aposta forte na preparação científica dos jesuítas com mais talento nas áreas da matemática, da astronomia, da física, da filologia, tornando-os peritos em domínios úteis para o diálogo com outras culturas e civilizações tão avançadas quanto a europeia. Esta preparação especial favorecia o intercâmbio científico, nomeadamente entre o Ocidente e o Oriente, e, neste âmbito, os Jesuítas tornaram-se grandes divulgadores da Ciência na Época Moderna. Por exemplo, a geometria de Euclides<sup>4</sup>. Os telescópios e os relógios mecânicos chegaram à China através de jesuítas, que passaram a ocupar lugares de chefia no observatório astronômico do paço imperial de Pequim. E foi também através dos jesuítas que a medicina ocidental chegou ao Japão.

**IHU On-Line - Os jesuítas têm um modelo particular de construir o saber que tenha influenciado a Modernidade via globalização? Como ele se caracteriza?**

**José Eduardo Franco e Carlos Fiolhais - O seu ideário de tudo ser orientado *ad maiorem***

<sup>3</sup> **Revolução Científica:** na história da ciência, chama-se Revolução Científica ao período que começou no século XVI e prolongou-se até o século XVIII. A partir desse período, a Ciência, que até então estava atrelada à Filosofia, separa-se desta e passa a ser um conhecimento mais estruturado e prático. As causas principais da revolução podem ser resumidas em: renascimento cultural, a imprensa, a reforma protestante e o hermetismo. A expressão “revolução científica” foi criada por Alexandre Koyré em 1939. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>4</sup> **Euclides de Alexandria** (360 a.C.-295 a.C.): professor, matemático platônico e escritor criador da famosa geometria euclidiana. Teria sido educado em Atenas e frequentado a Academia de Platão, em pleno florescimento da cultura helenística. (Nota da **IHU On-Line**)

*gloriam Dei* (para maior glória de Deus) acabou por fazer deles atores da história que procuraram compreender o mundo na sua diversidade e complexidade, especializando-se no diálogo com o outro, tendo sempre em vista a expansão da palavra de Deus. Podemos dizer que os jesuítas são, nessa época, os especialistas do outro, do diálogo da Igreja com o mundo, falando mais para fora do que para dentro. Nesta demanda do conhecimento no respeito pelo outro, geraram um intercâmbio que trouxe uma nova visão da humanidade como diversa e uma ao mesmo tempo.

**IHU On-Line - Quais foram os principais limites da globalização jesuíta?**

**José Eduardo Franco e Carlos Fiolhais - Os limites da globalização de marca jesuíta estiveram na dificuldade da cultura e mentalidade europeias e de alguns setores da Igreja, com ascendente na Europa, em aceitar os processos e métodos usados pela Companhia. Em especial na adaptação cultural e religiosa, no recurso ao comércio para sustentar o projeto de expansão missionária, tendo essa postura inculturacionista e empreendedora gerado muitas críticas e mal entendidos. Em alguns domínios, o seu modo de atuação era demasiado avançado para ser compreendido pela mentalidade do tempo.**

De fato, os jesuítas tiveram razão antes do tempo ao defenderem, por exemplo, a generalização da escola a todas classes sociais, ao promoverem a adaptação do cristianismo em civilizações muito diferentes da ocidental tornando-se precursores de metodologias que só vieram a ser bem aceitas pela Igreja no século XX. Por outro lado, a sua proximidade e colaboração com alguns detentores de poder geraram também ambiguidades com custos de imagens para a Companhia.

**IHU On-Line - Como compreendem o paradoxo entre a contribuição jesuíta para a construção**

**da globalização e seu trabalho contra a injustiça num tempo como o nosso, no qual a globalização se tornou sinônimo de neoliberalismo?**

**José Eduardo Franco e Carlos Fiolhais - Os jesuítas acompanharam o seu ideário de conversão ao cristianismo com a preocupação da promoção humana, ou seja, a valorização da educação e busca da melhoria das condições materiais, tendo-se destacado nesse processo alguns célebres jesuítas, como o padre Antônio Vieira<sup>5</sup>, que lutou contra a opressão e a escravidura. No século XX, essa herança de reflexão e luta contra as injustiças e as desigualdades sociais conheceu uma expressão particular no empenhamento dos jesuítas na dimensão social, assistencial e solidária, designadamente na América Latina, na África e na Ásia.**

São conhecidas algumas organizações relevantes criadas à sombra da Companhia, como organizações não governamentais para o desenvolvimento do terceiro mundo, e redes de assistência, sendo a mais recente o Serviço Jesuíta para os Refugiados<sup>6</sup>. Podemos dizer que, pesem

<sup>5</sup> **Antônio Vieira** (1608-1697): padre jesuíta, diplomata e escritor português. Desenvolveu expressiva atividade missionária entre os indígenas do Brasil procurando combater a sua escravidão pelos senhores de engenho. Em 1641 voltou a Portugal onde exerceu funções políticas como conselheiro da Corte e embaixador de D. João IV principalmente no que se referia as invasões holandesas do Brasil. Retornou ao Brasil em 1652, tendo estado no Maranhão, onde fez acusações aos senhores de engenho escravocratas na defesa da liberdade dos índios. Foi expulso do país, juntamente com outros jesuítas. Voltou ao Brasil em 1681. Entre suas obras estão: *Sermões*, composto por 16 volumes que foram escritos entre 1699 e 1748; *História do Futuro* (1718); *Cartas* (1735-1746), em três volumes; *Defesa perante o tribunal do Santo Ofício* (1957), composto por dois volumes. Confira a edição 244 da **IHU On-Line**, de 19-11-2007, *Antônio Vieira. Imperador da língua portuguesa*, disponível em <http://bit.ly/ihuon244>. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>6</sup> **Serviço Jesuíta de Refugiados – SJR:** trata-se de uma organização católica internacional que atua em mais de 50 países com a missão de acompanhar, servir e defender os direitos dos refugiados e deslocados forçados. O serviço tem como missão atender pessoas que foram retiradas de seus locais de origem decorrente de reconhecida situação de insegurança, como conflitos, desastres humanitários ou violações aos direitos humanos. O

embora as inevitáveis diferenças, há uma continuidade histórica no trabalho dos jesuítas. Hoje a globalização assume novas facetas, mas a ideia de ajuda e solidariedade em escala global continua a fazer sentido.

**2IHU On-Line - Como o contato com os índios mudou a vida dos missionários e como souberam dialogar com os povos indígenas?**

**José Eduardo Franco e Carlos Fiolhais** - A relação direta dos jesuítas com os povos indígenas, nomeadamente na América, representou na pessoa, pensamento e ação de muitos missionários jesuítas uma mudança do olhar europeu em relação aos povos do Novo Mundo. A maioria dos jesuítas reconheceu-lhes uma dignidade antropológica comensurável com a do homem branco e dignidades social e política em paridade com as soberanias europeias. Este encontro entre culturas, raças, civilizações tão díspares favoreceu uma reflexão profunda dos intelectuais jesuítas e de outras ordens que contribuiu para o direito internacional moderno, com destaque para os contributos de Francisco Vitória<sup>7</sup>, Francisco Suarez<sup>8</sup> e Domingo

trabalho do **SJR** também está presente na edição 362, de 23-05-2011, da revista **IHU On-Line**, "Refugiados, uma diáspora em tempos globais", disponível em <http://bit.ly/1H13pYd>. (Nota da **IHU On-Line**)

**7 Francisco de Vitória** (1483-1546): foi um teólogo espanhol neo-escolástico, frade dominicano, e um dos fundadores da tradição filosófica da chamada "Escola de Salamanca", sendo também conhecido por suas contribuições para a teoria da Guerra Justa e como um dos criadores do moderno direito internacional. (Nota da **IHU On-Line**)

**8 Francisco Suarez** (1548-1619): teólogo jesuíta espanhol nascido em Granada. Estudou latim, direito, filosofia e teologia em Salamanca. É um dos fundadores do direito internacional e criador da doutrina do suarismo. A partir de 1570, trabalhou como instrutor de teologia em vários centros dos jesuítas, na Espanha e em Roma, até se estabelecer como professor de teologia na Universidade de Coimbra (1597), Portugal, pertencente então à coroa espanhola, por indicação do rei Filipe II. Ali firmou sua conduta erudita e tornou-se o principal representante da nova escolástica do século XVI. Sua obra mais influente foi *Disputationes Metaphysicae* (1597), um amplo tratado que articulava todo o saber metafísico, concebido como teologia natural. Escreveu várias obras por encomenda do papa Paulo V e de outras autoridades religiosas, como *De legibus* (1612) e *Defensio fidei catholicae* (1613), destinadas a elaborar uma

Sotto<sup>9</sup>. Claro que este processo nem sempre foi simples e linear, tendo existido hesitações e contradições.

## “ O fundador dos Jesuítas não foi propriamente um cientista, nem um filósofo, foi antes um grande líder espiritual

**IHU On-Line - Como a história de Portugal se entrelaça com a história de vida de padre Vieira?**

**José Eduardo Franco e Carlos Fiolhais** - O padre Antônio Vieira viveu uma parte da sua vida no tempo da União Ibérica. Desempenhou um papel notável na restauração da independência do Reino de Portugal em relação ao de Espanha, quer como conselheiro e embaixador do rei D. João VI<sup>10</sup>, quer ain-

teoria jurídica e política baseada nos princípios católicos. Negou o direito divino dos reis e pregou o direito do povo derrubar qualquer monarca que atuasse contra o interesse social. Também criticou muitas das práticas da colonização espanhola nas Índias. Lecionou filosofia em Segóvia e teologia em Valladolid. (Nota da **IHU On-Line**)

**9 Domingo de Soto** (1494-1560): foi um frade dominicano e teólogo espanhol e confessor do imperador Carlos V. Foi professor de teologia na Universidade de Salamanca onde integrou a denominada Escola de Salamanca. Em 1545 foi enviado ao Concílio de Trento como teólogo imperial ante a impossibilidade de que fosse o também dominicano Francisco de Vitória. (Nota da **IHU On-Line**)

**10 D. João VI** de Portugal (1767-1826): cognominado O Clemente, foi rei de Portugal entre 1816 e a sua morte. Segundo dos filhos de D. Maria I de Portugal e de seu tio Pedro III, herdeiro da coroa como príncipe do Brasil e 21º Duque de Bragança após a morte do irmão mais velho José, Duque de Bragança em 11 de setembro de 1788, vitimado pela varíola. Em novembro de 1807, D. João VI decidiu pela transferência da corte portuguesa para o Brasil, evitando ser aprisionado com toda a família real e o governo, tornando possível manter a autonomia portuguesa a partir do Rio de Janeiro. Sobre a vinda da família real ao Brasil, leia a **IHU On-Line** número 263,

da como um ideólogo que pensou uma transformação profunda da sociedade do seu tempo. Projetou reformas sociais, institucionais, econômicas e até religiosas que só alguns dos seus contemporâneos conseguiram compreender. Preconizou a reforma da inquisição para atenuar a perseguição dos descendentes de judeus, defendeu o fim de marcantes discriminações sociais como a que vinha da distinção entre cristãos-novos e cristãos-velhos, promoveu a elaboração de leis em favor da liberdade dos índios, projetou a criação de companhias nacionais de comércio fortes para concorrer com as companhias holandesas, tendo conhecido grande resistência por parte dos setores mais retrógrados do seu tempo. Paradoxalmente, algumas destas medidas acabaram por ser concretizadas cem anos depois pelo Marquês de Pombal<sup>11</sup>, o grande inimigo dos jesuítas.

**IHU On-Line - Qual a contribuição dos escritos de Vieira na conjuntura atual? É possível estabelecer uma relação entre o mundo em que vivemos e o mundo retratado por esse jesuíta em seus sermões?**

**José Eduardo Franco e Carlos Fiolhais** - Tendo Vieira defendido uma melhor redistribuição dos bens e oportunidades sociais e a valorização do talento e do mérito independentemente da origem social dos indivíduos, assim como uma maior justiça e humanidade no tratamento dos seres humanos independentemente da sua raça e cor, hoje em dia o seu pensamento crítico e a sua ação social poderão

de 24-06-2008, intitulada *A Corte Portuguesa no Brasil. Mitos e verdades*, disponível para download em <http://migre.me/KtFM>. (Nota da **IHU On-Line**)

**11 Marquês de Pombal** (1699-1782): Sebastião José de Carvalho e Melo, nobre e estadista português. Foi secretário de Estado do Reino durante o reinado de D. José I (1750-1777), sendo considerado, ainda hoje, uma das figuras mais controversas da História Portuguesa. Leia a edição 220 do **Cadernos IHU ideias** intitulada *O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil*, de autoria de José Eduardo Franco, disponível em <http://bit.ly/1PQ7NwI>. (Nota da **IHU On-Line**)

certamente inspirar caminhos de maior equidade.

**IHU On-Line - Acreditam que sua trajetória contribui para pensar sobre os jesuítas em tempos de globalização? Por quê?**

**José Eduardo Franco e Carlos Fiolhais** - Neste tempo de globalização acelerada em que vivemos, a experiência e a reflexão de Vieira e de outros intelectuais jesuítas poderiam muito bem nos ajudar a construir um mundo melhor, uma globalização de rosto mais huma-

no. Como os clássicos permanecem, ler Vieira continua a ser um alento para enfrentar os problemas do mundo de hoje.

**IHU On-Line - Como era o mundo pensado por Antônio Vieira diante das descobertas que desvelam realidades em mudança?**

**José Eduardo Franco e Carlos Fiolhais** - Perante o mundo em mudança e padecendo conflitos graves como no tempo de Vieira, ele idealizou uma utopia de um mundo unido, fraterno, integrador de raças e

culturas que se consubstancia na sua ideia de "quinto império", um mundo hipotético no qual a graça e a paz jorrariam em abundância da divindade. Essa ideia de império tem certamente aspectos ingênuos, naturalmente ultrapassados. Mas afigura-se necessário, hoje em dia como no tempo de Vieira, desenhar a utopia que fará reforçar a esperança num futuro melhor. A utopia, o sonho, não perdeu atualidade. Como diz o poeta português Sebastião da Gama: "Pelo sonho é que vamos". ■

## O livro



**Título:** Jesuítas, Construtores da Globalização

**Autores:** José Eduardo Franco e Carlos Fiolhais

**Editora:** Ctt, Lisboa

**Ano:** 2016

**Páginas:** 176

**Resumo:** a obra pretende revisitar a história mundial desta ordem, com foco especial na relação dos

Jesuítas com a história da globalização portuguesa, pouco mais de duzentos anos após a Restauração da Companhia de Jesus decretada pelo papa Pio VII em 1814, apresentando os grandes marcos desta história e acompanhando a projeção mundial desta Ordem, enfatizando as inovações e os sucessos, mas sem escamotear as fraquezas e os insucessos.

## LEIA MAIS...

- *Companhia de Jesus. Da Supressão à Restauração.* Revista **IHU On-Line**, número 458, de 10-11-2014, disponível em <http://bit.ly/24b00vp>.
- *A Globalização e os Jesuítas.* Revista **IHU On-Line**, número 196, de 18-09-2006, disponível em <http://bit.ly/25pOtOF>.
- *Jesuítas. Quem são?* Revista **IHU On-Line**, número 186, de 26-06-2006, disponível em <http://bit.ly/1P3bz69>.
- *Jesuítas e a América Latina.* Revista **IHU On-Line**, número 25, de 08-07-2012, disponível em <http://bit.ly/1sSKqJC>.
- *O imaginário antijesuíta em Portugal - Origens, Evolução e Metamorfose.* Entrevista com José Eduardo Franco, publicada na revista **IHU On-Line**, número 458, de 10-11-2014, disponível em <http://bit.ly/1P3d6sM>.
- *Jesuítas e a batalha que os templários não venceram.* Reportagem publicada na revista **IHU On-Line**, número 459, de 17-11-2014, disponível em <http://bit.ly/1P3doQs>.
- *Vieira. Um Indiana Jones das missões.* Entrevista especial com José Eduardo Franco, publicada nas **Notícias do Dia**, de 14-12-2014, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1seUmMV>.
- *O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil.* Artigo de José Eduardo Franco, publicada nos **Cadernos IHU ideias**, número 220, disponível em <http://bit.ly/1PQ7Nwl>.



# Instagram

# \_ihu



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

[ihu.unisinos.br](http://ihu.unisinos.br)

## TEOLOGIA PÚBLICA

# ‘Profecia de um mundo novo’.

## A misericórdia e seu alcance social e político

“O apelo à misericórdia tem o grande mérito de tomar à contracorrente certas tendências marcantes do mundo moderno e de nossas democracias”, destaca o filósofo

Por Márcia Junges

“**A** misericórdia implica generosidade, grandeza da alma; o perdão, por sua vez, supõe não aprisionar o outro em seus erros, em suas faltas, logo, ser capaz de ver nele algo que não seja sua culpa. No entanto, não podemos confundir-los: a misericórdia tem um aspecto mais global, maior que o perdão, o qual sempre é dirigido a uma pessoa, a um irmão, a um inimigo ou a um adversário envolvidos numa determinada ofensa também”. A reflexão é do filósofo francês Paul Valadier, em entrevista concedida por e-mail à IJU On-Line.

Ele explica que “a misericórdia está ligada a certa gratuidade que dedica seu amor ou sua consideração de forma ilimitada, como vemos nos Evangelhos que evocam um Deus misericordioso que derrama a chuva sobre justos e injustos”. Valadier adverte que “o apelo à misericórdia é, portanto,

lembrar a todos que não estamos sozinhos no mundo e que fechar-se em si mesmo é fatal para toda a vida comum, na família, entre amigos, no país em que vivemos ou no vasto mundo”.

**Paul Valadier**, jesuíta, é professor emérito de filosofia moral e política nas Faculdades Jesuítas de Paris (Centre Sèvres). É licenciado em Filosofia pela Sorbonne, mestre e doutor em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Lyon. Foi redator da revista *Études* e é autor de uma vasta bibliografia. Escreveu, entre outros, *Nietzsche et la critique du christianisme* (Paris: Cerf, 1974); *Essais sur la modernité, Nietzsche, l’athée de rigueur* (Paris: DDB, 1989); *La part des choses. Compromis et intransigence* (Paris: Lethielleux - Groupe DDB, 2010); e *Elogio da consciência* (São Leopoldo: Unisinos, 2001).

**Confira a entrevista.**

**IJU On-Line - O que são o perdão e a misericórdia? Quais são suas diferenças fundamentais?**

**Paul Valadier** - Muitas coisas aproximam o perdão e a misericórdia. É preciso ser misericordioso para poder perdoar, porque a misericórdia implica generosidade, grandeza da alma; o perdão, por sua vez, supõe não aprisionar o outro em seus erros, em suas faltas, logo, ser capaz de ver nele algo que não seja sua culpa.

No entanto, não podemos confundir-los: a misericórdia tem um aspecto mais global, maior que o perdão, o qual sempre é dirigido a uma pessoa, a um irmão, a um inimigo ou a um adversário envol-

vidos numa determinada ofensa também.

A misericórdia está ligada a certa gratuidade que dedica seu amor ou sua consideração de forma ilimitada, como vemos nos Evangelhos que evocam um Deus misericordioso que derrama a chuva sobre justos e injustos. Nesse sentido, a misericórdia é ilimitada, não pode restringir-se a um grupo, a um sexo, a uma pessoa, a uma pátria; tem, pois, algo universal.

O perdão, em compensação, supõe uma atitude pessoal de remissão de dívida em dada situação de ofensa ou de inimizade: na infidelidade a um cônjuge, na palavra não cumprida de um juramento ou

contrato, na calúnia proferida contra alguém. O perdão é difícil, supõe todo um trabalho em si mesmo para que qualquer ressentimento seja expulso, tanto quanto possível, daquele que perdoa. Parece, assim, que o perdão é uma atitude muito mais problemática que a misericórdia.

**IJU On-Line - Qual é o significado do Jubileu da Misericórdia para a Igreja hoje e para a sociedade que a acolhe?**

**Paul Valadier** - O Papa Francisco<sup>1</sup> considerou oportuno lançar publi-

<sup>1</sup> **Papa Francisco** (1936): argentino filho de imigrantes italianos, Jorge Mario Bergoglio é o atual chefe de estado do Vaticano e Papa

camente uma espécie de campanha pela misericórdia. Primeiro, porque certamente se trata de um tema muito evangélico; segundo, por considerar que a misericórdia leva a uma atitude de sair de nossos isolamentos e de nossos egoísmos, pessoais e coletivos. Ele chegou a falar, acerca disso, de uma “profecia de um mundo novo” (05 de julho de 2014), o que mostra a extensão de sua ambição. Trata-se exatamente de propor um vasto projeto global abarcando todas as relações humanas! Ora, nossas sociedades modernas nos compelem a valorizar nossos próprios interesses; a essência do liberalismo (capitalista) é justamente nos levar a privilegiar nossas expectativas, a contar somente consigo mesmo, a não prestar muita atenção se assim estamos lesando o bem do próximo ou da sociedade em geral.

O apelo à misericórdia é, portanto, lembrar a todos que não estamos sozinhos no mundo e que fechar-se em si mesmo é fatal para toda a vida comum, na família, entre amigos, no país em que vivemos ou no vasto mundo. É também lembrar a importância essencial da generosidade em um universo de egoísmo e avareza. A misericórdia insere-se, pois, em um contexto político que ela toma à contracorrente: ela contém algo de provocante e “revolucionário” em relação aos costumes ambientes, pressupõe uma renovação profunda dos vínculos entre nós! Coloca-se também como contraponto à piedade, à compaixão; a piedade é um belo sentimento, mas dá muitas vezes a ilusão de uma identificação com o próximo, com um sofrimento comum (compaixão); ora, é impossível carregar o sofrimento ou a dor do próximo. Enquanto a misericórdia deve ser ativa e empreendedora, a piedade permanece no nível do sentimento, das lamentações pouco frutuosas concretamente, ela sofre

da Igreja Católica, sucedendo o Papa Bento XVI. É o primeiro papa nascido no continente americano, o primeiro não europeu no papado em mais de 1200 anos e o primeiro jesuíta a assumir o cargo. A edição 465 da revista **IHU On-Line** analisou os dois anos de pontificado de Francisco. Confira em <http://bit.ly/1Xw2tgu> (Nota da **IHU On-Line**)

com o próximo, mas seria capaz de mobilizar-se para fazer com que as coisas mudem? Ora, não se trata de gemer, nem de “indignar-se”, mas de introduzir mudanças profundas em todas as nossas relações. Vasto e ambicioso programa!

**IHU On-Line - Como é possível compreender o pecado frente a um mundo relativista?**

**Paul Valadier** - Nesse contexto, pode-se compreender que o pecado está essencialmente ligado a tudo o que se opõe a praticar a misericórdia, ao que se recolhe em si mesmo, ao que leva a ignorar ou a desprezar o próximo, a desconsiderá-lo. Se a misericórdia requer tolerância e generosidade, o seu contrário significa o desprezo pelos outros, o outro sexo (machismo ou feminismo radical), as outras nações (nacionalismos), as outras religiões (fanatismos), os outros povos (racismos). Não se trata certamente de abençoar tudo, de não ver o mal em lugar nenhum sob pretexto de tolerância generosa, mas, sim, de tentar sair dos preconceitos que aprisionam o próximo em ideias preconcebidas, desconhecendo-o, portanto, em suas qualidades próprias. O pecado é sempre o desprezo pela alteridade, sejam os outros ou o Outro, que se expressa em qualquer rosto humano, até mesmo em qualquer criatura de Deus (preocupação com o meio ambiente, e não atitude predadora).

## Sentido do pecado

Se nosso mundo é relativista, ele leva de fato a esquecer o valor intrínseco das coisas e dos humanos, conduz ao desprezo pela vida em geral, ao desperdício sob todas as suas formas. A misericórdia lembra que as coisas, e os humanos mais ainda, têm um preço, um valor, enquanto o pecado leva a ignorar determinado preço ou valor. Para o relativismo, nada conta verdadeiramente ou absolutamente.

O pecado, ao contrário, lembra-nos a qualidade das coisas, do mundo, das pessoas, justamente quando nos sentimos tentados a relativizá-las. O sentido do peca-

do implica também, portanto, um sentido religioso do Absoluto, do Absolutamente Outro, em suma, de Deus, naquilo que ele possui justamente de não relativo, um incondicional que deve dar ao cren-te o sentido do valor daquilo que é (de toda criatura). E, de fato, quando esse sentido religioso se apaga, é grande o risco de atribuir apenas um valor relativo a qualquer coisa, até mesmo de negar o valor do que é. Entramos então no mundo da troca ou da livre-troca generalizada.

**IHU On-Line - As matrizes do mundo ocidental estão assentadas sobre compreensões que mencionam a “guerra de todos contra todos” (Hobbes<sup>2</sup>), a “luta pela sobrevivência” (Darwin<sup>3</sup>) e a “vontade de poder” (Nietzsche<sup>4</sup>). Para além das apreensões**

<sup>2</sup> **Thomas Hobbes** (1588–1679): filósofo inglês. Sua obra mais famosa, *O Leviatã* (1651), trata de teoria política. Neste livro, Hobbes nega que o homem seja um ser naturalmente social. Afirma, ao contrário, que os homens são impulsionados apenas por considerações egoístas. Também escreveu sobre física e psicologia. Hobbes estudou na Universidade de Oxford e foi secretário de Sir Francis Bacon. A respeito desse filósofo, confira a entrevista *O conflito é o motor da vida política*, concedida pela Profa. Dra. Maria Isabel Limongi à edição 276 da revista **IHU On-Line**, de 06-10-2008. O material está disponível em <http://bit.ly/ihuon276>. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>3</sup> **Charles Darwin** (Charles Robert Darwin, 1809-1882): naturalista britânico, proponente da teoria da seleção natural e da base da teoria da evolução no livro *A Origem das Espécies*. Organizou suas principais ideias a partir de uma visita ao arquipélago de Galápagos, quando percebeu que pássaros da mesma espécie possuíam características morfológicas diferentes, o que estava relacionado com o ambiente em que viviam. Em 30-11-2005, a professora Anna Carolina Krebs Pereira Regner apresentou a palestra obra *Sobre a origem das espécies através da seleção natural ou a preservação de raças favorecidas na luta pela vida*, de *Charles Darwin*, no evento Abrindo o Livro, do **Instituto Humanitas Unisinos – IHU**. Sobre o assunto, confira as edições 300 da **IHU On-Line**, de 13-07-2009, *Evolução e fé. Ecos de Darwin*, disponível em <http://bit.ly/UsZlRr>, e 306, de 31-08-2009, intitulada *Ecos de Darwin*, disponível em <http://bit.ly/1tABfrH>. De 9 a 12-09-2009, o IHU promoveu o IX Simpósio Internacional IHU: Ecos de Darwin. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>4</sup> **Friedrich Nietzsche** (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras figuram como as

**equivocadas de tais conceitos, quais são os tensionamentos que surgem para a construção de uma cultura da paz e, portanto, da misericórdia?**

**Paul Valadier** - O apelo à misericórdia tem o grande mérito de tomar à contracorrente certas tendências marcantes do mundo moderno e de nossas democracias. Nesse sentido, a mensagem do Papa Francisco tem algo provocador, até mesmo revolucionário. Liberalismo e capitalismo valorizam a luta, e é claro que não existe vida humana sem combate, sem conflitos, logo, sem trabalho doloroso sobre si mesmo (cultivar-se, aprender uma profissão, simplesmente ter o domínio sobre si mesmo) e sobre a natureza (a cultura na ampla acepção do termo).

Porém, quando a luta se torna o valor último, quando não é mais equiparável a nenhuma outra, nossas sociedades vão aos poucos se transformando em arenas de combate, em lutas sem trégua para vencer e esmagar o outro a qualquer custo. Talvez não estejamos

mais importantes *Assim falou Zarathustra* (9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916) e *A genealogia da moral* (5. ed. São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da **IHU On-Line**, de 13-12-2004, intitulado *Nietzsche: filósofo do martelo e do crepúsculo*, disponível para download em <http://bit.ly/H17xwP>. A edição 15 dos **Cadernos IHU em formação** é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*, e pode ser acessada em <http://bit.ly/HdcqOB>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista **IHU On-Line**, de 10-05-2010, disponível em <http://bit.ly/162F4rH>, intitulada *O biologicismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência A crítica de Heidegger ao biologicismo de Nietzsche e a questão da biopolítica, parte integrante do **Ciclo de Estudos Filosofias da diferença** – Pré-evento do **XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana**. Na edição 330 da revista **IHU On-Line**, de 24-05-2010, leia a entrevista *Nietzsche, o pensamento trágico e a afirmação da totalidade da existência, concedida pelo Prof. Dr. Oswaldo Giacoia* e disponível para download em <http://bit.ly/nqUxGO>. Na edição 388, de 09-04-2012, leia a entrevista *O amor fati como resposta à tirania do sentido*, **com** Danilo Bilate, disponível em <http://bit.ly/HzaJpJ>. (Nota da **IHU On-Line**)

vivendo um choque das civilizações, mas vemos bem que existem tendências perigosas à promoção da violência em escala internacional, sob a forma de práticas terroristas ideologicamente e, às vezes, religiosamente justificadas.

Diante desses desvarios paroxísticos, é oportuno que o Papa lembre também que, sem misericórdia, a vida entre nós torna-se impossível ou infernal... A misericórdia não se opõe à luta quando esta é necessária, por exemplo, para combater as injustiças ou as corrupções econômicas e políticas, mas a luta nunca pode ser a última palavra nas relações sociais. Estas sempre devem, também e ao mesmo tempo, visar à paz, portanto, ao entendimento, e não há entendimento sem misericórdia. Assim, a mensagem do Papa é "intempestiva", mas muito bem-vinda no contexto mundial atual.

**IHU On-Line - Quais são o diálogo e a influência possíveis entre a misericórdia e o perdão e a filosofia política na Modernidade?**

**Paul Valadier** - A misericórdia se situa no terreno propriamente religioso, e até mesmo especificamente cristão, embora, como vimos, a ambição do Papa Francisco seja destacar o alcance social e político dela ("profecia de um mundo novo"). Esse conceito, de fato, não pertence a categorias políticas; em política, busca-se a justiça - ou dever-se-ia fazer isso -, uma justiça para todos; no melhor dos casos, fala-se de "reconhecimento" (tradição hegeliana retomada pelo filósofo alemão Axel Honneth<sup>5</sup>), que, passando pela justiça, chega à pessoa em sua singularidade (suas fragilidades, suas expectati-

<sup>5</sup> **Axel Honneth** (1949): filósofo e sociólogo alemão. Desde 2001, é diretor do *Institut für Sozialforschung* (Instituto para Pesquisa Social) da Universidade Johann Wolfgang Goethe de Frankfurt, Alemanha, instituição que abrigou o nascimento da Escola de Frankfurt. A sua produção acadêmica está relacionada a uma teoria do reconhecimento recíproco, descrita na obra *Kampf um Anerkennung. Zur moralischen Grammatik sozialer Konflikte*, de 1992, publicada no Brasil com o título *Luta por reconhecimento - A Gramática Moral dos Conflitos Sociais* (São Paulo: Editora 34, 2003). (Nota da **IHU On-Line**)

vas, suas qualidades próprias, suas aptidões).

A misericórdia tem um caráter universal bem maior que uma justiça, esta ligada a um direito e a um Estado ou mesmo a um conjunto de Estados; a misericórdia não tem fronteiras, ultrapassando, portanto, pelo menos em princípio, todos os limites humanos. É por essa razão que o Evangelho faz dela um atributo propriamente divino: afinal, só Deus é misericordioso, só ele perdoa sem limites (o que bem percebem as tradições judaicas), só ele não é condescendente, pois, diferentemente do Islã, o Deus bíblico não reserva sua misericórdia aos seus fiéis, mas se preocupa com todos os pecadores, e pode-se dizer até mesmo que a justiça divina tem uma preferência pelos pobres, pelos excluídos, pelo(a) substituído(a)s, pelos marginais!

Nesse chamado "profético", o Papa Francisco não confunde religião e política; indica apenas que o político e o social têm tudo a ganhar em se deixar informar pelo discurso religioso que dá fôlego e amplia os pontos de vista, que são sempre mais ou menos estreitos, do político. Resta encontrar os meios concretos da misericórdia, mas essa busca é da ordem das liberdades humanas, dos próprios cidadãos, portanto, da vida política específica de cada povo. Ao dar ênfase à misericórdia, o Papa mostra claramente que o cristianismo pertence às "religiões abertas", para retomar aqui a distinção de Bergson<sup>6</sup> entre sociedades/religiões abertas e sociedades/religiões fechadas. É pertinente que, assim, ele traga um sopro reanimador para todos. Longe de fechar, o Cristianismo abre para o Sopro da generosidade, que, em princípio, não tem limites nem fronteiras.

<sup>6</sup> **Henri Bergson** (1859-1941): filósofo e escritor francês. Conhecido principalmente por *Matière et mémoire* e *L'Évolution créatrice*, sua obra é de grande atualidade e tem sido estudada em diferentes disciplinas, como cinema, literatura, neuropsicologia. Sobre esse autor, confira a edição 237 da **IHU On-Line**, de 24-09-2007, *A evolução criadora, de Henri Bergson. Sua atualidade cem anos depois*, disponível para download em <http://bit.ly/109AdXn>. (Nota da **IHU On-Line**)

## LEIA MAIS...

- *Investidas contra o Deus moral obsessivo*. Entrevista com Paul Valadier, publicada na Revista **IHU On-Line** nº 127, de 13-12-2004, disponível em <http://bit.ly/20QpT2P>.
- *O futuro da autonomia, política e niilismo*. Entrevista com Paul Valadier, publicada na Revista **IHU On-Line** nº 220, de 21-05-2007, disponível em <http://bit.ly/1Q4zJXD>.
- *“A esquerda francesa está perdida”*. Entrevista com Paul Valadier, publicada nas **Notícias do Dia** do IHU, de 27-05-2007, disponível em <http://bit.ly/23rv9zu>.
- *Narrar Deus no horizonte do niilismo: a reviviscência do divino*. Entrevista com Paul Valadier, publicada na Revista **IHU On-Line** nº 303, de 10-08-2009, disponível em <http://bit.ly/1Q4zOKP>.
- *O desejo e a espontaneidade capciosa*. Entrevista com Paul Valadier, publicada na Revista **IHU On-Line** nº 303, de 10-08-2009, disponível em <http://bit.ly/20y9L6F>.
- *A intransigência e os limites do compromisso*. Entrevista com Paul Valadier, publicada na Revista **IHU On-Line** nº 354, de 20-10-2010, disponível em <http://bit.ly/1N6i4nV>.
- *A filosofia precisa de mais audácia*. Entrevista com Paul Valadier, publicada na Revista **IHU On-Line** nº 379, de 07-11-2011, disponível em <http://bit.ly/23AYLHk>.
- *“A Igreja Católica só terá credibilidade se admitir em seu seio o pluralismo”*. Entrevista com Paul Valadier, publicada na Revista **IHU On-Line** nº 403, de 24-09-2012m disponível em <http://bit.ly/1NmvSp0>.
- *O fecundo jogo de interrogações mútuas entre fé e razão*. Entrevista com Paul Valadier, publicada na Revista **IHU On-Line** nº 405, de 22-10-2012, disponível em <http://bit.ly/1UYoc4c>.
- *“Heteronomia e autonomia são indivisíveis”*. Entrevista especial com Paul Valadier, publicada nas **Notícias do Dia** do IHU, de 05-03-2013, disponível em <http://bit.ly/1qNcwF9>.

## Leia mais sobre o tema “Misericórdia”

- *A gratuidade da Misericórdia*. ‘A primeira forma de misericórdia que podemos exercer é a da compreensão’. Entrevista com Vito Mancuso, publicada na revista **IHU On-Line**, número 485, de 16-05-2016, disponível em <http://bit.ly/1U7EK4i>.
- *Misericórdia, Amor, Bondade*. *A Misericórdia que Deus quer*. Artigo de Ney Brasil Pereira, professor emérito de Teologia na Faculdade Católica de Santa Catarina (FACASC), publicado no **Cadernos Teologia Pública**, número 105, disponível em <http://bit.ly/1OY2qqa>.
- *Misericórdia como princípio da diversidade reconciliada*. *O Jubileu e o grande ato de misericórdia que foi o Vaticano II*. Entrevista especial com Andrea Grillo, publicada nas **Notícias do Dia**, de 03-04-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/27YZDbO>.
- *Misericórdia e amor*. ‘*Amoris Laetitia*’ como ponto de partida e não somente de chegada. Entrevista especial com Cesar Kuzma, publicada nas **Notícias do Dia**, de 10-04-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/22u7GJY>.
- *Justiça e misericórdia*. ‘*O imperativo categórico kantiano serviu como guilhotina intelectual para cortar o divino misericordioso*’. Entrevista especial com Roberto Romano, publicada nas **Notícias do Dia**, de 22-05-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1qXfkPc>.
- Confira ainda outros textos sobre “Misericórdia” reproduzidos pelas **Notícias do Dia**, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU em <http://bit.ly/1TRiZZ2>

Implicações ético-políticas do cristianismo  
na filosofia de M. Foucault e G. Agamben.  
Governamentalidade, economia política,  
messianismo e democracia de massas



16 de março a 22 de junho de 2016

Ministrante: Prof. Dr. Castor Bartolomé Ruiz – UNISINOS

[ihu.unisinos.br](http://ihu.unisinos.br)

# O velho cardeal que se entrega ao povo da floresta

Dom Claudio Hummes recorda o início da vida religiosa e revela que não quer saber de aposentadoria. Aos 82 anos, segue o desafio de evangelizar e encorajar a população amazônica

Por João Vitor Santos

Fotos: Cristina Guerini Link/IHU



Hummes: “aqueles missionários e missionárias [da região amazônica] precisam de encorajamento nessa região tão difícil”

Ele saiu do interior de Montenegro, da localidade em que hoje é o município de Salvador do Sul, no Rio Grande do Sul, quando era ainda um gurizote que nem havia completado dez anos. Tornou-se padre, concluiu os estudos entre o Brasil e a Europa e foi para o ABC paulista e, como bispo de Santo André, esteve à frente da Igreja que se abriu para movimentos que deram origem à Central Única dos Trabalhadores - CUT. Foi para o Nordeste, imaginando que se aposentaria sob o sol cearense, mas pouco tempo depois teve que se desacomodar de Fortaleza e encarar o comando da Igreja Católica na maior cidade do país. Mas também não foi em São Paulo que dom Claudio Hummes<sup>1</sup> encerrou sua missão.

<sup>1</sup> A entrevista foi concedida em 12-05-2016, por ocasião da visita de Hummes ao Instituto **Humanitas Unisinos** – IHU, quando veio tratar de uma possível parceria entre IHU e Repam.

O agora cardeal é chamado pelo Papa Bento XVI para trabalhar junto à cúria Romana. Chegam os 76 anos e com eles a aposentadoria. Certo? “Poderia ter ficado lá o resto da vida, o que é normal. Mas vendo tudo aquilo (a situação dos bispos eméritos, os aposentados em Roma), me sentia ainda com saúde e muita vontade de trabalhar. E lá você não tem nada para fazer. Sobretudo depois dos 80 anos, não tem realmente nada para fazer, pois não se tem nenhuma função. Eu pensei: ‘não vou aguentar isso aqui’”, recorda.

E não aguentou. Hoje, aos 82 anos de idade, o cardeal percorre o norte do país e descobre um mundo a que sempre quis servir. “Desde jovem, desde padre, queria ser missionário na Amazônia. E, veja, agora, no fim da vida, Deus me faz isso cair no colo”, brinca. À frente da Rede Eclesial Pan-Amazônica - Repam e da Comissão Episcopal para a Amazônia da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB, dom Claudio percorre o norte do Brasil e países da América Latina. “É um trabalho de visita em que a gente vai levar o apoio da CNBB. É uma visita fraterna, que quer encorajar, pois aqueles bispos, aqueles missionários e missionárias precisam de encorajamento nessa região tão difícil”.

## Encantado pelo franciscano

Hummes nasceu na localidade de Batinga, interior de Montenegro, RS. O local hoje pertence ao mu-

nicipio de Brochier. “Era um local de prevalência de luteranos. Meu pai dizia que éramos uma das únicas famílias católicas naquele lugar”, conta. A família já tinha duas filhas quando nasceu Claudio, o mais velho dos rapazes. Ele ainda era bebê e o pai decidiu se desfazer da fabriqueta de queijos e comprar uma pequena propriedade da sogra. Foi a mudança da família Hummes para a Linha Comprida, que hoje pertence ao município de Salvador do Sul. Essa é uma região em que a Companhia de Jesus mantinha um seminário denominado Colégio Santo Inácio. “Eu me lembro de ver os jesuítas saírem lá de cima do seminário e passarem pela propriedade que era mais embaixo. Pegavam muitas frutas e tinham contato com a comunidade”.

A mãe sonhava em ver o filho entre aqueles jovens. “Minha mãe era muito devota de Santo Inácio”, recorda. Entretanto, a única certeza que a família tinha era de que Claudio entraria para a vida religiosa. Além do seminário de Salvador do Sul, tinha a possibilidade de ir para o município de Gravataí, onde formavam-se os padres diocesanos. “Nosso vigário era diocesano e queria que eu fosse para lá”. Porém, tudo mudou assim que a comunidade recebeu uma visita. “Um dia passou por lá um franciscano, frei Olímpio Reichert. Ninguém jamais tinha visto um franciscano por lá e ele foi à minha escola. Era um homem de fala muito agradável, e perguntou quem queria ser padre”. Claudio estava entre os rapazes que ergueram o braço.

Mais tarde, frei Olímpio foi conhecer os Hummes e falar da possibilidade de levar Claudio com ele. “O meu pai gostou muito dele e eu, ainda muito criança, me encantei com ele. O pai ficou satisfeito porque gostou dele, estava decidido”. Mas o que será que encantou aquele menino? Com olhar distante, como que buscando lá naquele tempo as lembranças, dom Claudio explica: “fazendo um exame de consciência para entender por que será que me encantei com aquele franciscano, eu me lembrei de uma capela que havia numa comunidade ali perto, em Linha Bonita. Era uma capela de Santo Antônio, e sempre gostei muito daquela imagem de Santo Antônio que havia lá. Era um olhar muito vivo, e existe essa imagem até hoje. Penso que aquilo deve ter funcionado como uma certa identificação na minha cabeça, daquele franciscano e aquela imagem de Santo Antônio”.

## O início da vida religiosa

Claudio Hummes entra no seminário dos franciscanos em Taquari, RS, ainda muito jovem. “Fui para lá sem bem saber ao certo o que era ser franciscano e nem mesmo religioso. Queria apenas ser padre e pronto”. É dentro do seminário que começa a descobrir essa opção e vai, ao poucos, animando sua vocação. Questionado sobre a saudade de casa, recorda uma história curiosa. “A pensão de meu primeiro ano de seminário foi paga com uma vaca. A vaca chamava-se Bonita. Meu pai brincava que, se eu sentisse saudades, era só ir lá ver a Bonita”, brinca.

Passados oito anos de estudos em Taquari, inicia o noviciado na localidade de Daltro Filho, na cidade de Imigrante. É lá que estuda Filosofia e, ao completar 18 anos, em 1952, inicia essa nova etapa na formação. Porém, um ano antes Hummes tem um grande baque. “Em 1951 perdi a mãe. Ela tinha 38 anos e morreu de parto, no nascimento do 13º filho. Era uma menina, que morreu meses depois. A mãe teve uma hemorragia, pois naquele tempo as coisas eram muito difíceis”. No semblante é possível perceber a dor, mas Hum-

mes não fala muito mais sobre essa perda. No bate-papo, logo traz outro assunto. “E, assim que concluí o noviciado, fui fazer Teologia em Minas Gerais.”

É em Minas Gerais que conhece dom Aloísio Lorscheider<sup>2</sup>. “Ele foi meu professor de Teologia lá. Era muito bom professor. Era um grande professor de Dogmática”, destaca. É também em Minas Gerais, em Divinópolis, que é ordenado padre em 1958. De lá, vai prestar serviço num ginásio até ser enviado a Roma para aprofundar os estudos em Teologia. Eram os tempos do início do Concílio Vaticano II<sup>3</sup>. “Eu me doutorei em Filosofia no Antoniano (Universidade Antoniana de Roma), minha tese foi sobre Blondel (Maurice Blondel<sup>4</sup>), e voltei em

<sup>2</sup> **Dom Aloísio Lorscheider** (1924-2007): sacerdote frade franciscano e cardeal brasileiro, além de ex-presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, a CNBB. Concedeu entrevista à **IHU On-Line** na 124ª edição, de 22-11-2004, que teve como tema os *40 anos da Lumen Gentium*, disponível em <http://bit.ly/9lFZTk>. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>3</sup> **Concílio Vaticano II**: convocado no dia 11-11-1962 pelo Papa João XXIII. Ocorreram quatro sessões, uma em cada ano. Seu encerramento deu-se a 8-12-1965, pelo Papa Paulo VI. A revisão proposta por este Concílio estava centrada na visão da Igreja como uma congregação de fé, substituindo a concepção hierárquica do Concílio anterior, que declarara a infalibilidade papal. As transformações que introduziu foram no sentido da democratização dos ritos, como a missa rezada em vernáculo, aproximando a Igreja dos fiéis dos diferentes países. Este Concílio encontrou resistência dos setores conservadores da Igreja, defensores da hierarquia e do dogma estrito, e seus frutos foram, aos poucos, esvaziados, retornando a Igreja à estrutura rígida preconizada pelo Concílio Vaticano I. **O Instituto Humanitas Unisinos – IHU** produziu a edição 297, *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II*, de 15-06-2009, disponível em <http://bit.ly/02e8cX>, bem como a edição 401, de 03-09-2012, intitulada *Concílio Vaticano II. 50 anos depois*, disponível em <http://bit.ly/REokjn>, e a edição 425, de 01-07-2013, intitulada *O Concílio Vaticano II como evento dialógico. Um olhar a partir de Mikhail Bakhtin e seu Circulo*, disponível em <http://bit.ly/1cUUZfC>. Em 2015, o **Instituto Humanitas Unisinos – IHU** promoveu o colóquio O Concílio Vaticano II: 50 anos depois. A Igreja no contexto das transformações tecnocientíficas e socioculturais da contemporaneidade. As repercussões do evento podem ser conferidas na **IHU On-Line**, edição 466, de 01-06-2015, disponível em <http://bit.ly/1fYpJ2> e também em Notícias do Dia no sítio IHU. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>4</sup> **Maurice Blondel** (1861-1949): filósofo francês. Mestre de conferências na Univer-

dezembro de 1962, com 28 anos. Isso tudo quando o Concílio já havia começado”.

De volta a Roma em 1963, sua proximidade com dom Aloísio lhe rende um encontro com o papa, então João XXIII<sup>5</sup>. “O Concílio já estava em andamento, foi exatamente durante o tempo de João XXIII que estive em Roma. Tive até um encontro com ele, na época em que dom Aloísio foi feito bispo. Foi dom Aloísio que me levou à audiência dele”.

## O bispo e os operários



Hummes: “Se a Igreja não tivesse feito essa opção de apoiar os trabalhadores, teríamos cometido um erro histórico”

De volta ao Rio Grande do Sul, dom Claudio chega à direção da Faculdade de Filosofia de Viamão. Em 1975, torna-se bispo de Santo André, em São Paulo. Por 21 anos, o novo bispo acompanha as transformações políticas do Brasil que surgem no ABC paulista e toda a movimentação de metalúrgicos. Na cidade, substituiu dom Jorge Marcos Oliveira<sup>6</sup>, “que já era um homem

sidade de Lille, 1895-1896. Professor em 1897 na Universidade de Aix-en-Provence, permanecendo no posto até sua enfermidade em 1927. Conhecido por sua filosofia da ação, que partia de um intuicionismo inicial, irrompendo para um espiritualismo metafísico antipositivista, com aparência neoplatônica e tomista, eclética e misticista, com algumas moderações, e que o aproximam ao existencialismo cristão. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>5</sup> **Papa João XXIII** (1881-1963): nascido Angelo Giuseppe Roncalli. Foi Papa de 28-10-1958 até a data da sua morte. Considerado um papa de transição, depois do longo pontificado de Pio XII, convocou o Concílio Vaticano II. Conhecido como o “Papa Bom”, João XXIII foi canonizado em 2013 pelo Papa Francisco. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>6</sup> **Jorge Marcos de Oliveira** (1915-1989): foi, em 1954, o primeiro bispo da Diocese de Santo André, SP. Dom Jorge Marcos foi um dos sete bispos brasileiros que assinaram o documento de 40 padres conciliares, em

muito dos operários”. “Era uma figura muito interessante. Seguiu do jeito dele, não ia muito mais à reunião dos bispos, o que gerava problemas com Roma por causa disso. Mas era uma figura, um carioca todo especial. Ele foi bispo auxiliar do Rio de Janeiro junto com dom Helder (Câmara)<sup>7</sup>. É dessa geração”, recorda.

É assim que dom Claudio Hummes entra na década de 80, abrindo a Igreja para o movimento de traba-

Roma, poucos dias antes do encerramento do Concílio Vaticano II, em 1965, conhecido como Pacto das Catacumbas (o Pacto é tema de livro de José Oscar Beozzo. O volume está disponível para download, em versão PDF, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, através do link <http://bit.ly/1UdZc3j>), um manifesto que proclama a opção preferencial pelos pobres, origem da Teologia da Libertação. Seu episcopado durou 21 anos, nos quais erigiu 58 paróquias, até a renúncia por motivo de saúde, em 1975. Ele atuou sempre na defesa dos direitos dos trabalhadores, participando de suas passeatas e apoiando as greves metalúrgicas. (Nota da **IHU On-Line**)

**7 Dom Helder Câmara** (1909-1999): arcebispo lembrado na história da Igreja Católica no Brasil e no mundo como um grande defensor da paz e da justiça. Foi ordenado sacerdote aos 22 anos de idade, em 1931. Aos 55 anos, foi nomeado arcebispo de Olinda e Recife. Assumiu a Arquidiocese em 12-03-1964, permanecendo neste cargo durante 20 anos. Na época em que tomou posse como arcebispo em Pernambuco, o Brasil encontrava-se em pleno domínio da ditadura militar. Paralelamente às atividades religiosas, criou projetos e organizações pastorais, destinadas a atender às comunidades do Nordeste, que viviam em situação de miséria. Dedicamos a editoria Memória da **IHU On-Line** número 125, de 29-11-2005, a Dom Helder Câmara, publicando o artigo *Helder Câmara: cartas do Concílio* em <http://bit.ly/ihuon125>. Na edição 157, de 26-09-2005, publicamos a entrevista *O Concílio, Dom Helder e a Igreja no Brasil*, realizada com Ernan Pinheiro, que pode ser lida em <http://bit.ly/ihuon157>. Confira, ainda, a editoria Filme da Semana da edição 227 da **IHU On-Line**, 09-06-2007, que comenta o documentário *Dom Helder Câmara – o santo rebelde*. O material pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuon227>. Veja também as entrevistas *A amizade espiritual entre Paulo VI e Dom Helder Câmara*, disponível em <http://bit.ly/1uFRC7r>; e *Dom Helder Câmara: “A síntese da melhor tradição espiritual da América Latina”*, ambas com Ivanir Rampon e publicada nas Notícias do Dia, de 02-11-2014 e 08-09-2013, disponível em <http://bit.ly/1S1nSy7>. O processo de beatificação e canonização foi recentemente autorizado pelo Vaticano e iniciado na arquidiocese de Olinda e Recife, sobre isso leia *Dom Helder Câmara. Hoje é a abertura oficial do processo de beatificação e canonização*, publicado nas Notícias do Dia, de 03-05-2015, disponível em <http://bit.ly/1cL289g>. (Nota da **IHU On-Line**)

lhadores e trabalhadoras das indústrias da região. “Em 1980 ocorre a greve maior em que nós da Igreja demos muito apoio e abrimos a Igreja; lá que conheci o Lula”. É nessa época, em Santo André, que nasce a Central Única dos Trabalhadores - CUT e inclusive o Partido dos Trabalhadores - PT. “Eu estive na assembleia de fundação da CUT. Na do PT não. O Lula disse para não ir e eu também já havia dito que não iria. O Lula disse que a Igreja não deveria ser o braço religioso do PT e nem que o PT seria o braço sindical da Igreja. Cada um deveria manter a sua autonomia”, recorda.

Buscando no passado aquelas memórias com seu olhar distante, Hummes dispara. “Se a Igreja não tivesse feito essa opção de apoiar os trabalhadores, teríamos cometido um erro histórico”. A reflexão leva a pensar o momento que vive o Brasil de hoje. Muito mais comedido, avalia: “a gente espera que o Brasil encontre seu caminho e possa se reconstruir. Há muitas coisas que desmoronaram por uma série de motivos. A Igreja tem que continuar a indicar os grandes valores éticos de uma democracia, de um estado de direito. Tem que continuar a insistir nisso e, ao mesmo tempo, encorajar o povo, manter a esperança viva de que é possível vencer essa crise e caminhar para frente”.

## Da Cúria ao povo da Amazônia

Em 1996, dom Claudio vai para Fortaleza. “Fui nomeado para suceder dom Aloísio e era para ficar lá para o resto da vida. Acontece que, logo depois, houve a sucessão de dom Paulo (Paulo Evaristo Arns)<sup>8</sup> em

**8 Dom Paulo Evaristo Arns** (1921): é um frade franciscano, sacerdote católico brasileiro, quinto arcebispo de São Paulo, tendo sido o terceiro prelado dessa Arquidiocese a receber o título de cardeal. Atualmente é arcebispo-emérito de São Paulo e protopresbítero do Colégio Cardinalício. Entre 1979 e 1985, coordenou com o Pastor Jaime Wright, de forma clandestina, o projeto Brasil: Nunca Mais. Este projeto tinha como objetivo evitar o possível desaparecimento de documentos durante o processo de redemocratização do país. O trabalho foi realizado em sigilo e o resultado foi a cópia de mais de um milhão de páginas de processos do Superior Tribunal

São Paulo. E essa sucessão foi logo em 1998”. O bispo gaúcho não esconde que ficou surpreso com essa guinada. Mas, afinal, como pode um bispo do Ceará assumir como arcebispo da maior metrópole brasileira? “Claro que não era candidato, pois recém havia chegado a Fortaleza. Porém, alguma coisa lá em São Paulo não deu certo. Se pergunta se sei, digo que não. Se soubesse, também diria que não sei”, despista, revelando sagacidade, o que parece ser uma característica sua.

Dez anos depois, já cardeal (foi feito cardeal por João Paulo II<sup>9</sup> em 2001), assume um posto na Cúria Romana, como prefeito da Congregação para o Clero<sup>10</sup>. “Eu estava lá no Círio de Nazaré<sup>11</sup>, quando rece-

Militar (STM). Contudo, este material foi microfilmado e remetido ao exterior diante do temor de uma apreensão do material. Em ato público realizado dia 14 de junho de 2011, foi anunciada a futura repatriação, digitalização e disponibilização para todos os brasileiros deste acervo. (Nota da **IHU On-Line**)

**9 Papa João Paulo II** (1920-2005): Sumo Pontífice da Igreja Católica Apostólica Romana e soberano da Cidade do Vaticano de 16 de Outubro de 1978 até a sua morte. Teve o terceiro maior pontificado documentado da história, reinando por 26 anos, depois dos papas São Pedro, que reinou por cerca de trinta e sete anos, e Pio IX, que reinou por trinta e um anos. Foi o único Papa eslovo e polaco até a sua morte, e o primeiro Papa não italiano desde o neerlandês Papa Adriano VI em 1522. João Paulo II foi aclamado como um dos líderes mais influentes do século XX. Com um pontificado de perfil conservador e centralizador, teve papel fundamental para o fim do comunismo na Polônia e talvez em toda a Europa, bem como significante na melhora das relações da Igreja Católica com o judaísmo, Islã, Igreja Ortodoxa, religiões orientais e a Comunhão Anglicana. (Nota da **IHU On-Line**)

**10 Congregação para o Clero** (Congregação pro Clericis): é uma congregação da Cúria Romana responsável por analisar matérias relacionadas a padres e diáconos e supervisão a educação religiosa de todos os católicos. A congregação tem suas origens na “Sacra Congregatio Cardinalium Concilii Tridentini interpretum” instituída pelo Papa Pio IV em 2 de agosto de 1564. (Nota da **IHU On-Line**)

**11 Círio de Nazaré**: em devoção a Nossa Senhora de Nazaré, é a maior manifestação religiosa Católica do Brasil e um dos maiores eventos religiosos do mundo, reunindo cerca de dois milhões de pessoas em todos os cultos e procissões. Em Portugal é celebrado no dia 8 de Setembro na vila da Nazaré; e é celebrado, desde 1793, na cidade de Belém do Pará, anualmente, no segundo domingo de outubro. O Círio foi instituído em 1793 em Belém do Pará, e até 1882, saía do Palácio do Governo. Em 1882, o bispo Dom Macedo Costa, em acordo com o Presidente da Província, Justi-

bi o chamado do papa Bento XVI<sup>12</sup>. Fiquei meio assim, pois estava com 72 anos e aos 75 anos terminam os prazos (se aposenta). Mas o papa Bento queria que eu fosse. Então fui lá e fiquei até fim de 2010”. Só que dom Claudio não gostou muito do que via para depois da aposentadoria, não se via como “cardeal aposentado”. É aí que decide voltar ao Brasil e recebe o convite para assumir a comissão de bispos para Amazônia e a Repam. Para ele, a Igreja precisa rever suas normas, pois grande parte do clero ainda tem muito que oferecer depois da aposentadoria. “Isso está ainda mal resolvido”.

## O “amigo” do Papa



Foto: Agência Ecclesia

Hummes (D) na primeira aparição de Bergoglio como papa Francisco

Durante o tempo que estive em Roma, Hummes conheceu os meandros da Cúria e esteve bem próximo a Bento. Questionado sobre se supunha, naquela época, que esse papa renunciaria, é enfático: “Não! Ninguém pensava nisso. Era inconcebível. Embora soubéssemos que era possível, era inconcebível”. Mas não é dessa época a fama que Hummes tem de “amigo do papa”. Todos recordam a imagem do cardeal ao lado de Jorge Mario Bergoglio, na sua primeira aparição como papa Francisco, na sacada do

no Ferreira Carneiro, instituiu que a partida do Círio seria da Catedral da Sé, em Belém. (Nota da **IHU On-Line**)

**12 Bento XVI**, nascido **Joseph Aloisius Ratzinger** (1927): foi papa da Igreja Católica e bispo de Roma de 19 de abril de 2005 a 28 de fevereiro de 2013, quando oficializou sua abdicação. Desde sua renúncia é Bispo emérito da Diocese de Roma, foi eleito, no conclave de 2005, o 265º Papa, com a idade de 78 anos e três dias, sendo o sucessor de João Paulo II e sendo sucedido por Francisco. (Nota da **IHU On-Line**)

Palácio Apostólico. Há uma história de que Bergoglio teria escolhido o nome de Francisco inspirado por Hummes.

O cardeal brasileiro sorri muito ao se lembrar da história. Diz que o que se passou lá dentro da Basílica de São Pedro é segredo de Conclave. Mas, como o papa não está mais submetido aos segredos do Conclave e já contou essa história, não vê problemas. “Eu conto isso porque ele já contou”, brinca. Ele, o papa, tornou pública essa história numa coletiva com jornalistas do mundo inteiro. “O papa recorda que, quando do último escrutínio, os votos começaram a convergir para o lado dele. ‘E eu me senti ameaçado’, disse o papa. ‘Ao meu lado estava sentado o cardeal brasileiro dom Claudio Hummes. Ele me consolava’. E, de fato, foi assim”.

Hummes não poupa detalhes ao reconstituir aquele momento, inclusive reproduz o que diz ter sido a fala de Francisco na ocasião. “Quando veio o número suficiente de votos, houve um grande aplauso. E segue o papa contando: ‘depois desse aplauso, dom Claudio me abraçou’, e de fato eu o abracei, sentado mesmo. E o papa segue contando: ‘dom Claudio me abraçou, deu um beijo no rosto e me disse ‘não te esqueças dos pobres’”. Daí o papa refletiu e chegou à ideia de Francisco, o santo dos pobres, da paz, da criação. “De fato eu disse isso. A historinha é verdadeira (risos, muitos risos). Só que aquilo me veio de forma espontânea, não tinha preparado nada. Sempre digo que foi o Espírito Santo que falou pela minha boca.”

O cardeal diz que nos instantes que sucederam ao Conclave, Francisco já dava sinais de como seria seu pontificado<sup>13</sup>, ao quebrar protocolos, recusar vestes luxuosas e chamar Hummes e outro cardeal para orar com ele. “O papa chamou

**13** A edição 465, de 18-05-2015, da revista **IHU On-Line** traz uma série de análises a cerca do pontificado de Francisco. Confira em <http://bit.ly/1Xw2tgu>. (Nota da **IHU On-Line**)

o cardeal Agostino Vallini<sup>14</sup>, que cuida da Diocese de Roma, e olhou para mim e disse: ‘oh, Dom Claudio. Venha comigo. Quero que você esteja aqui comigo’. Fiquei todo espantado, mas fui lá. Havia até esquecido meu barrete e ele disse para eu voltar lá e buscar meu barrete. Numa simplicidade, em meio àquele momento soleníssimo”. Seguindo a quebra, Francisco chama os dois cardeais para estarem ao seu lado na apresentação.

Sobre a “amizade com Bergoglio”, diz: “nunca nos visitamos antes. Apenas trabalhamos juntos na Conferência de Aparecida<sup>15</sup>”. “O trabalho era reunir todas as sugestões que vinham e redigir o texto. Havia nesse grupo uns seis bispos e dois teólogos que tinham a função de assessores e lembro que eles já tinham na cabeça um projeto de documento. E eu, e o Bergoglio, sobretudo, defendíamos que deveríamos recolher o que vinha da Assembleia”, recorda, ao enfatizar o ar de colegialidade que mais tarde se revelaria tão forte em seu pontificado. “É um homem que não quer governar de cima para baixo, mas junto com bispos do mundo inteiro”, ressalta, lembrando também o caráter pastoral. “O papa diz que o povo também é iluminado pelo Espírito Santo e que o bispo, às vezes, também precisa ficar atrás para ver para onde está indo o povo”. ■

**14 Agostino Cardeal Vallini** (1940): é um cardeal italiano, Vigário-Geral para a Diocese de Roma e Arcebispo da Basílica de São João de Latrão. (Nota da **IHU On-Line**)

**15 Conferência de Aparecida**: V Conferência Geral Do Episcopado Latino-Americano E Do Caribe – Aparecida, 13-31 de Maio de 2007 – Documento Final – <http://bit.ly/1BiodM>. V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, ou Conferência de Aparecida, foi inaugurada pelo Papa Bento XVI, em Aparecida, no dia 13 de maio e encerrou no dia 31 de maio de 2007. O tema da Quinta Conferência foi: “Discípulos e Missionários de Jesus Cristo, para que nele nossos povos tenham vida”, inspirado na passagem do Evangelho de João que narra “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6). Sobre essa Conferência leia a edição 224 da revista **IHU On-Line**, de 20-06-2007, intitulada *Os rumos da Igreja na América Latina a partir de Aparecida. Uma análise do Documento Final da V Conferência* e disponível em <http://bit.ly/gGMpe4>. (Nota da **IHU On-Line**)

## PUBLICAÇÕES

# Cuidado da Criação e Justiça Ecológico-Climática. Uma perspectiva teológica e ecumênica



78

Cadernos Teologia Pública, em sua 109ª edição, traz o artigo *Cuidado da Criação e Justiça Ecológico-Climática. Uma perspectiva teológica e ecumênica* de Guillermo Kerber, doutor em Ciências da Religião, coordenador do Programa “Criação e Justiça Climática” - World Council of Churches(WCC) e professor no Atelier Oecuménique de Théologie (AOT).

No texto, o autor destaca que “a encíclica *Laudato si’* sobre o cuidado da casa comum, do Papa Francisco, chamou a atenção de um público amplo, muito além da Igreja Católica. A mídia e os atores políticos reagiram a ela, assim como líderes ecumênicos, particularmente o Secretário-Geral do Conselho Mundial de Igrejas (do qual a Igreja Católica não é membro) e Sua Santidade Bartolomeu I, Patriarca Ecumênico, que é citado na encíclica. Este artigo explora reflexões teológicas ecumênicas anteriores, examinando o que algumas Conferências Regionais de Igrejas disseram sobre o meio ambiente e o clima, expõe a perspectiva do Patriarca Ecumênico sobre o tema e sistematiza dois conceitos principais: a dimensão da integridade da criação e da justiça na crise ambiental. Ele conclui mostrando o aspecto espiritual do cuidado da criação e desenvolvendo o que a metanoia (conversão) significaria em vários níveis”.

Confira a íntegra do artigo em PDF no link <http://bit.ly/1sOohfn>.

Esta e outras edições dos Cadernos Teologia Pública podem ser adquiridas diretamente no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, através do sítio <http://ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-teologia> ou solicitados pelo endereço [humanitas@unisinos.br](mailto:humanitas@unisinos.br).

Informações pelo telefone (51) 3590 8467.

# Retrovisor

Releia algumas das edições já publicadas da IHU On-Line.

## Culturas jovens

Edição 208 - Ano VI - 11-12-2006

Disponível em <http://bit.ly/25mvsZW>

O tema de capa dessa edição da revista *IHU On-Line*, publicada no final do ano de 2006, é inspirado na publicação do livro *Culturas Jovens. Novos Mapas do afeto*, organizado por Maria Isabel Mendes de Almeida e por Fernanda Eugenio, editado pela Jorge Zahar. Contribuem para esta edição Maria Isabel Mendes de Almeida, Helen Gonçalves, Denise Portinari, Fernanda Coutinho, Francisco Ortega, Miriam Goldenberg, Carlos Pimenta e Gilberto Velho.



## Economia social e consumo ético

Edição 115 - Ano IV - 13-09-2004

Disponível em <http://bit.ly/1TJlg8G>

Inspirada na ideia da Banca Popolare Etica da Itália, essa edição da *IHU On-Line* propõe análise e reflexão sobre consumo ético. Para o debate, são trazidas experiências brasileiras e internacional acerca do tema. Além do Banco Popolare italiano, estão presentes na edição o Banco Palmas, de Fortaleza, no Ceará, a caminhada do projeto Esperança/Coesperança, de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, e da Cooperativa Ecológica de Porto Alegre, também no Rio Grande do Sul, além da luta pelo consumo ético desenvolvida pela Ong Clean Clothes Campaign.



## Moda Luxo – uma sociedade cosmética

Edição 105 - Ano IV - 14-07-2004

Disponível em <http://bit.ly/27Vr7PL>

Essa edição da *IHU On-Line* se apropria da moda e do luxo para refletir sobre a modernidade, à luz de como o conceito é tratado por Kant e Lipovetsky, e desigualdades. O debate ainda se perfaz como elemento para discutir o hiperindividualismo, tendo a moda e o luxo como caldo cultural que faz sociedades, como a brasileiras, se moverem em meio ao abismo de inúmeras desigualdades sociais.



# Eventos

A necessidade de o Brasil romper com o Modelo Liberal Periférico



**Prof. Dr. Reinaldo Gonçalves**  
(UFRJ)

06 de junho (segunda-feira) | 19h30

Informações e inscrições: [ihu.unisinos.br](http://ihu.unisinos.br)



UNISINOS  
Somos infinitas possibilidades

ECONOMIA BRASILEIRA:  
Onde estamos e para onde vamos?  
Um debate com os intérpretes do Brasil

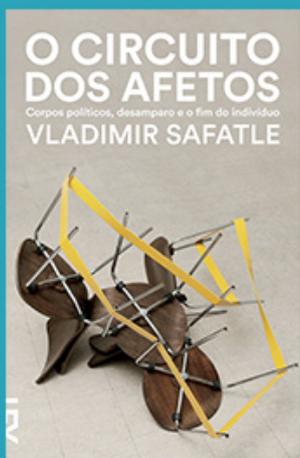
O evento ocorre na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU. A programação completa está disponível em <http://bit.ly/1Y2eA6e>.

## O Circuito dos Afetos. Corpos Políticos, desamparo e o Fim do Indivíduo

Apresentação da obra com o  
**Prof. Dr. Nythamar de Oliveira – PPGF/PUCRS**

09 de junho | 14h30min

Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU



Conferência sobre a obra com o autor  
**Prof. Dr. Vladimir Safatle – Universidade de São Paulo – USP**

15 de junho | 19h30min

Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU

Informações e Inscrições - [ihu.unisinos.br](http://ihu.unisinos.br)



JESUÍTAS BRASIL



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

UNISINOS  
Somos infinitas possibilidades



[ihu.unisinos.br](http://ihu.unisinos.br)



[bit.ly/ihuon](http://bit.ly/ihuon)



[twitter.com/\\_ihu](https://twitter.com/_ihu)



[youtube.com/ihucomunica](https://youtube.com/ihucomunica)



[medium.com/@\\_ihu](https://medium.com/@_ihu)